



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JENNER EVERTON DOS SANTOS

“UM PASSO À FRENTE E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO LUGAR”:
Topofilias e movimento Mangubeat

Recife

2024

JENNER EVERTON DOS SANTOS

**“UM PASSO À FRENTE E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO LUGAR”:
Topofilias e movimento Mangubeat**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Regionalização e análise regional.

Orientador: Caio Augusto Amorim Maciel

Recife

2024

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S237p Santos, Jenner Everton dos.
“Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar” :
topofilias e movimento Mangubeat / Jenner Everton dos Santos. – 2024.
131 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Caio Augusto Amorim Maciel.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2024.

Inclui referências e anexos.

1. Geografia. 2. Mangubeat (Música). 3. Recife (PE). 4. Lugar. 5.
Emoções. 6. Topofilia. I. Maciel, Caio Augusto Amorim (Orientador). II.
Título.

910 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2024-081)

JENNER EVERTON DOS SANTOS

**“UM PASSO À FRENTE E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO LUGAR”:
TOPOFILIAS E MOVIMENTO MANGUEBEAT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em geografia. Área de concentração: Regionalização e análise regional.

Aprovada em: 22/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Jorge José Araujo da Silva (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco

*À minha família, e todas as
pessoas que de uma maneira
ou de outra, me influenciaram
neste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador pela confiança e ensinamentos que foram depositados em mim ao longo desse período.

A minha família, sem exceções, aqui exclusivamente apenas a minha mãe, meu pai e a minha irmã.

Aos colegas de cursos, pois em algum momento ou outro contribuíram de alguma maneira na confecção do atual trabalho.

E claro, agradecer também a todos aqueles que participaram da pesquisa e que possibilitaram ela ser possível como HD Mabuse, DJ Dolores, Fábio Trummer, Renato Lins, China e Jura Capela

“Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forjados para acontecer, deixai que os olhos vejam os pequenos detalhes lentamente deixai que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes como móveis Inofensivos para lhe servir quando for Preciso e nunca lhe causar danos, sejam eles morais físicos ou psicológicos”

Chico Science – Corpo de Lama (1996)

RESUMO

O movimento Mangubeat para além de produção estética e contestação social em Recife, foi capaz também de despertar nos seus agentes e admiradores sentimentos, ligações e afetos em relação a alguns lugares (topofilia). Tal movimento cultural surge na década de 1990, colocando a cidade em projeção nacional, a partir de uma série de influências da cultura pop, Hip-hop e outros gêneros. Inspirando-se nas ideias de Josué de Castro, o movimento toma proporção máxima a partir do artista Chico *Science*, seu protagonista mais carismático. Além de transformar a vida cultural no Recife, o Mangubeat, possibilitou novas maneiras de pensar a urbe. Com o auxílio da Geografia das emoções, a pesquisa tentou criar uma ponte de conceitos entre lugar, emoção e topofilia. Para isso foi preciso partir de um pressuposto estritamente cultural, tanto para a discussão relacionada às formas espaciais geossimbólicas que fazem referência ao movimento, quanto à assimilação simbólica com o lugar na capacidade de despertar vivências, sentimentos, afetos e visões particulares e singulares. Neste raciocínio, defende-se que os marcos geossimbólicos do movimento são capazes de personificar certos lugares que foram importantes em seu desenrolar. Os indivíduos que possuem uma certa identificação cultural com o movimento, são capazes também de despertar alguns sentimentos e aproximações afetivas para com tais lugares. Levando isto em consideração, o presente estudo tem o objetivo de compreender os lugares geossimbólicos “remanescentes” do Mangubeat, com o intuito de averiguar os laços topofílicos a ele relacionados, desde sua época mais áurea. Apropriando-se da metodologia de abordagem qualitativa e da pesquisa exploratória, a investigação teve o intuito de informações relacionadas à temática das expressões culturais e a relação para com o lugar, a partir de uma perspectiva topofílica. A obtenção de informações primárias deu-se através da aplicação de entrevistas com membros do Mangubeat, cuja vivência fora próxima nos anos 1990. As entrevistas realizaram-se de modo online, devido à praticidade e alinhamento de disponibilidade dos entrevistados. A partir da aplicação das primeiras entrevistas com os “ex-membros” do movimento em questão foi possível averiguar uma série de lugares topofílicos que ainda estão vivos na memória dos ex-integrantes. Os lugares mais citados foram: Adilia’s Place, Bar do Grego, Cantinho das Graças, Oásis, Pocoloco, Soparia

e outros não menos importantes que marcaram a memória afetiva não só dos integrantes, mas também do próprio Mangubeat. Sendo assim, tornou-se possível perceber os espaços afetivos capazes de gerar revelações e significados atribuídos a partir dos artistas que vivenciam tais lugares.

Palavras-chave: movimento Mangubeat; Recife; lugar; emoções; toponímia

ABSTRACT

The Manguêbeat movement, apart from its contributions to aesthetic production and social protest in Recife, also succeeded in awakening a sense of topophilic emotions towards its locales. This cultural movement emerged in the 1990s, thrusting that city into national prominence, influenced by a mix of pop culture, Hip-hop, and other genres. Drawing inspiration from the ideas of Josué de Castro, the movement reached unprecedented heights under the leadership of its most charismatic figure, Chico Science. Beyond transforming the cultural landscape of Recife, Manguêbeat opened new avenues for contemplating the metropolis. Leveraging the field of Geography of Emotions, this research endeavored to establish a conceptual bridge between place, emotion, and topophilia. To accomplish this, it was imperative to start with a distinctly cultural premise, both in the context of discussing the geosymbolic spatial elements associated with the movement and in the symbolic connection between the movement and its capacity to evoke experiences, emotions, affections, and unique perspectives. Within this framework, it is contended that the geosymbolic landmarks of the movement can imbue certain places that were pivotal in its development with a sense of personification. Individuals who share a cultural affinity with the movement are also capable of eliciting sentimental feelings and attachments to these places. Given these considerations, the current study aims to comprehend the enduring geosymbolic places linked to Manguêbeat and their topophilic associations during the heyday of this cultural movement. Employing a qualitative and exploratory research methodology, this research sought to uncover fresh insights into the realm of cultural expressions and their connection to place through a topophilic lens. Primary data collection involved conducting interviews with former members of Manguêbeat, who were active during the 1990s. These interviews were conducted online for practicality and to align with the availability of the interviewees. From the initial round of interviews with these former members of the movement, a series of topophilic places that still resonate in their memories emerged. The most frequently mentioned places included Adília's Place, Bar do Grego, Cantinho das Graças, Oásis, Pocoloco, Soparia and several other equally significant locales that left a lasting impression on both the members and the legacy of Manguêbeat itself. Consequently, it became evident that there exists a tangible connection between

the aforementioned concepts, wherein these emotionally charged spaces have the capacity to yield revelations and meanings attributed by the artists who once experienced them.

Keywords: mangubeat Movement; Recife; place; emotions, topophilia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Pintura e caracterização do Caranguejo de ferro na rua da Aurora.....	39
Figura 2 -	Monumento em forma de Caranguejo localizado na rua da Aurora – Recife.....	47
Figura 3 -	Estátua de Chico Science, localizada na rua da Moeda – Bairro do Recife Antigo.....	49
Figura 4 -	Público presente em frente à Soparia, a agitação à solta.....	54
Figura 5 -	Antiga localização da Soparia.....	55
Figura 6 -	Agenda semanal de shows e cardápio de sopas.....	56
Figura 7 -	Chico Science improvisando um Break Dance na boate Misty.....	60
Figura 8 -	Cartaz de divulgação do Adília's Place do "Sexta sem sexo".....	60
Figura 9 -	Ambiente interno do Adília's Place próximo ao caixa.....	61
Figura 10 -	Ambiente interno do salão do Adília's Place.....	61
Figura 11 -	Chico Science e uma amiga no Adília's Place.....	62
Figura 12 -	Antiga localização do Adília's Place.....	62
Figura 13 -	Interior do Francis Drinks, um dos espaços mais icônicos nos anos 1990.....	63
Figura 14 -	Bar do Caranguejo, localizado no bairro de Candeias, Jaboatão dos Guararapes.....	64
Figura 15 -	Espaços afetivos referentes ao Manguebeat na década de 1990: Cidade do Recife.....	73
Figura 16 -	Espaços afetivos referentes ao Manguebeat na década de 1990: Cidade de Olinda.....	74
Figura 17 -	Caranguejo de ferro, em posição “nova” na Rua da Aurora próximo ao Instituto Tavares Buril.....	90
Figura 18 -	Som na rural promovendo o "Caranguejaço".....	91
Figura 19 -	Show da Banda Eddie no Clube Atlântico.....	92
Figura 20 -	Fábio Trummer, vocalista da Banda Eddie em primeiro plano.....	95
Figura 21 -	Banda Eddie, ao som de “Desequilíbrio”.....	96
Figura 22 -	Show de Mestre Ambrósio: Clube Português do Recife.....	96
Figura 23 -	Apresentação de Mestre Ambrósio e seus 30 anos.....	97

Figura 24 -	Manguezassa vista de cima no Cais da Alfândega, Recife.....	98
Figura 25 -	“Pata” do caranguejo de ferro simbolizando os trinta anos do movimento Mangubeat.....	99
Figura 26 -	Noite de debate sobre os “Ecos do Movimento Manguê”.....	100
Figura 27 -	Renato Lins e Fred 04 debatendo sobre a importância dos vinhos na fundamentação do Mangubeat.....	100
Figura 28 -	Renato Lins e Fred 04 – Noite de Discotecagem do Mangubeat’.....	101
Figura 29 -	Pôster de divulgação da exposição sobre Mangubeat na Fundação Joaquim Nabuco.....	103
Figura 30 -	Poster do documentário “Manguêbit: um filme de Jura Capela”.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPE	Companhia Editora de Pernambuco
CSNZ	Chico Science e Nação Zumbi
DOAJ	Directory of Open Access Journal
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
2.1	ABORDAGEM QUALITATIVA E PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	27
2.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE DADOS	29
3	ELEMENTOS SOCIOESPACIAIS E SIMBOLOGIAS CULTURAIS DO MANGUEBEAT	32
3.1	AS INFLUÊNCIAS DA GEOGRAFIA RENOVADA.....	32
3.2	FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS DO MANGUEBEAT	36
3.3	NEM SÓ DE SOPA VIVE O HOMEM..., MAS DE CULTURA TAMBÉM ..	53
4	O CONCEITO DE LUGAR E AS GEOGRAFIAS DO MANGUEBEAT	58
4.1	LUGAR E EMOÇÃO	68
4.2	TOPOFILIA.....	79
4.3	MANGUEBEAT, LUGAR E HETEROTOPIA.....	83
5	VIVÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS DO MANGUEBEAT	86
5.1	VIVÊNCIAS.....	86
5.2	REMINISCÊNCIAS	98
5.3	UM PASSEIO NO MUNDO LIVRE.....	108
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
	REFERÊNCIAS	122
	ANEXO A – ANTIGA LOCALIZAÇÃO DA SOPARIA	128
	ANEXO B - BAR DO CARANGUEJO, LOCALIZADO NO BAIRRO DE CANDEIAS, JABOATÃO DOS GUARARAPES	129
	ANEXO C - ESPAÇOS AFETIVOS REFERENTES AO MANGUEBEAT NA DÉCADA DE 1990: CIDADE DO RECIFE.....	130
	ANEXO D - ESPAÇOS AFETIVOS REFERENTES AO MANGUEBEAT NA DÉCADA DE 1990: CIDADE DE OLINDA	131

1 INTRODUÇÃO

Estudar o movimento Mangubeat a partir da perspectiva do conceito de lugar, além de agregar interpretações relacionadas ao movimento, gera também novas possibilidades de estudos que pautem outros conceitos geográficos. Acreditamos que o Mangubeat durante seu auge na década de 1990, foi capaz de despertar afeições que ao, conectarmos com conceitos geográficos, evidenciam espaços afetivos carregados de sentimentos (Lugar).

O Mangubeat surge por volta dos anos 1990, a partir dos pensamentos fervorosos de um grupo de amigos, que não satisfeitos com a realidade social, cultural e ambiental do Recife decidem des(organizar) a estrutura artística. Mais precisamente podemos relatar que o surgimento do movimento partiu da iniciativa até então de Chico Science, que viria a se transformar no seu grande nome até os dias atuais, mesmo após sua morte. Este artista foi o responsável por aglutinar a justificativa por trás do Mangubeat, porém o mesmo não o fez sozinho e contou com a ajuda de alguns amigos, como Renato Lins, Mabuse, Dolores, Fred 04, Dengue, Lúcio Maia, Gilmar Bola 8, dentre outros (BARBOSA, 2012; MONTE *et al.*, 2017).

A cidade do Recife chama atenção pela sua diversidade paisagística, incrustada numa “cena” lamacenta oriunda dos ambientes estuarinos de manguezal e marcada por uma visível desigualdade socioeconômica, rivalizando sempre com a dualidade do provérbio “o de cima sobe, e o de baixo desce”.¹

¹ O trecho do romance *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, que celebrou essa visão é o seguinte: “João Paulo subiu na torre da Igreja e, do alto, naquela hora em que o sol se punha, viu a cidade inteira vestida de roxo. **De um lado, as casas crescendo cada vez mais com a distância, até virarem arranha-céus no centro da cidade. As torres das igrejas também crescendo cada vez mais, até alcançarem as alturas imensas das torres das igrejas do bairro do Recife. Do outro lado, as casas diminuindo de altura, ficando cada vez mais baixas com a distância, virando mocambos e latados, até desaparecem de todo dentro da lama do mangue.** Trepado na torre da Igreja, João Paulo se sentia como se estivesse a cavalo no lombo de uma montanha que fôsse um divisor de águas, de onde corriam para um lado, os rios da fortuna e, para o outro lado, os rios da miséria. Correndo, uns para as terras dos ricos e, outros, para as terras dos pobres” (CASTRO, 1967, p.69). Daí viria a inspiração para Chico Science compor os versos “a cidade não para / a cidade só cresce / o de cima sobe / o de baixo desce” (1994 – Chico Science e Nação Zumbi – *A cidade*).

Entre as inúmeras distinções paisagísticas que a cidade do Recife pode ter, ressaltamos a existência de um elemento natural presente em vários cantos da cidade o Rio Capibaribe², o rio das capivaras.

Ao longo de seu trajeto o rio Capibaribe é cortado por várias pontes históricas que fazem parte da marca registrada da cidade. Estamos falando da Ponte da Boa Vista, conhecida popularmente como Ponte de Ferro, Ponte Duarte Coelho, Ponte Buarque de Macedo, Ponte Maurício de Nassau, Ponte do Limoeiro, Ponte Princesa Isabel e a antiga Ponte Giratória (Ponte 12 de setembro), essas três últimas são capazes interligar dois pontos importantíssimos do Recife, que é o Bairro de São José e a Ilha do Bairro do Recife Antigo.

As ilhas também fazem parte de uma das características mais autênticas que uma cidade pode ter. No bairro do Recife Antigo, por exemplo, existiram alguns locais que foram bastante frequentados pelos integrantes do Mangubeat e serviam como ponto de encontro entre os membros.

“Rios, pontes e overdrives³” soa como um verdadeiro grito de guerra ao ser relacionado com o Recife: Partindo da condição geográfica natural e humana do local para chegar aos aparatos tecnológicos que subsidiam a criação musical eletrônica. Tanto o rio quanto o manguezal na cidade, são elementos importantes não apenas do ponto de vista ambiental, mas também atuam também como um marco cultural presente na paisagem urbana. (BEZERRA E MELO, 2014).

Com a intensa urbanização a relação da cidade com ambos os elementos naturais (rio e manguezal) foi bastante afetada, no que tange a problemas relacionados à poluição, despejo de esgoto doméstico e lixo. Essa relação negativa infelizmente é facilmente visualizada na paisagem, sendo considerada uma das

² A bacia hidrográfica na qual o rio Capibaribe está localizado possui uma área total de 7.454 km², nascendo no limite entre os municípios de Jataúba e Poção, ambos em Pernambuco. A sua foz é localizada na cidade do Recife, cujo seu trecho nesta cidade é totalmente urbanizado. A sua área equivale algo em torno de 7.454 km², equivalente aproximadamente a 7% do território pernambucano, abarcando ao longo de seu curso 42 municípios. Entre os principais afluentes estão o riacho Tabocas, riacho das Onças, rio Goitá, rio Tapacurá, riacho Doce, riacho Topada e outros não menos importantes. (Para mais informações acessar: <https://www.apac.pe.gov.br/162-bacias-hidrograficas-rio-capibaribe/193-bacia-do-rio-capibaribe>).

³ Overdrive é um termo retirado do universo informacional e musical, referindo-se a um estado de operação além do normal ou projetado, como os efeitos presentes em guitarras elétricas para gerar sonoridades “distorcidas”, amplamente utilizadas no rock e reapropriadas pelo Mangubeat.

atitudes humanas em relação a esses elementos tão valiosos (BEZERRA E MELO, 2014).

Outrora o rio Capibaribe já fora utilizado como suporte para atividades econômicas, transporte, escoamento de produção etc. Algumas dessas atividades até os dias atuais estão presentes no cotidiano, inclusive o de moradia e fonte de alimentação⁴, como é muito bem descrita por Josué de Castro ao usar o termo Ciclo do Caranguejo⁵.

Todavia, é preciso sempre ressaltar que a grande fonte de ideias de Chico Science não surgiu do “nada”, tendo inspiração proveniente de Josué de Castro, um cientista social pernambucano, cuja preocupação estava centrada na problemática da fome, não apenas no Recife, mas também a nível nacional e mundial.

Josué de Castro buscou teorizar sobre a fome, problematizando a desigualdade social, a exploração dos países ditos “ricos” perante os mais “pobres”, denunciando os neomalthusianistas e possibilitando uma nova leitura relacionada ao tema da fome tida até então como um grande “tabu”, não como um problema natural, mas sim como um problema de ordem política e literalmente criado pela sociedade (MENDONÇA, 2015; SANTOS E SILVA, 2019).

Foi dessa maneira que a verve literária de Chico Science foi formada, conhecendo de maneira mais próxima e mais aprofunda a realidade cotidiana do seu Lugar (aqui como categoria geográfica). Parecia até então o artista sabia que precisava de todas as formas da ciência crítica para então fortalecer suas ideias e pensamentos, resgatando mais uma vez o passado, para então modernizá-lo (SANTOS E SILVA, 2019; FRANCISCO K, 2019).

⁴ Consultar Homens e Caranguejos de Josué de Castro. Apesar de ser uma obra de ficção Josué de Castro detalha bem a relação ser humano-natureza, habitado em um ecossistema de Manguezal. Destacando tanto suas limitações, potencialidades e curiosidades.

⁵ O ciclo do caranguejo foi descrito por Josué de Castro, em formato de crônica onde resumidamente tentou explicitar a sua percepção vista e vivida com a miséria na cidade do Recife que rondava incansavelmente as áreas mais pobres da cidade. Impressionado com aquele tipo de relação, Josué de Castro faz uma leitura da realidade social de sua cidade natal, posteriormente essa relação viria ser chamada de **Geografia da fome**. O Texto/crônica acabou sendo publicado no **New York Times** cujas referências eram postas ao jornalista Tad Szulc, onde recebeu de fato o título de “Ciclo do Caranguejo”. Para saber mais consultar a obra **Sete Palms de terra e um caixão** de Josué de Castro, 1965.

O nome atribuído pelo movimento Manguebeat à urbe enquanto “Cidade da lama, *Manguetown*” (carinhosamente ou não) faz jus aos aspectos anteriormente citados. O destaque para cidade não se dá apenas a nível nacional, mas também em escala internacional, que em época de festividade, como o carnaval, é posta ainda mais em evidência, sem falar é claro por ser atrativa devido a seus pontos turísticos e manifestações culturais efervescentes (BARBOSA, 2012; MONTE *et al.*, 2017).

As influências e ramificações formadas pelo Manguebeat, não permaneceram apenas no contexto musical, mas interferiram em outras áreas como no Cinema⁶, na moda como no trabalho de Camila Jessica de Sousa (2017) *Movimento Manguebeat e a música ressignificada em moda*; as artes, as políticas públicas que é exposto em trabalho de David Tavares Barbosa (2012) *Pontes imaginárias sob o céu da Manguetown : influências do Mangue Beat sobre as políticas públicas no entorno do Rio Capibaribe :uma análise do Circuito da Poesia e do Carnaval Multicultural* e demais outras áreas.

Para os artistas que gestariam o Manguebeat, o Recife parecia nessa época estar anestesiado culturalmente, em “estado vegetativo”; as referências regionais que existiam na época não eram fortes o suficiente, para fazer seus indivíduos criarem um vínculo entre a cultura pernambucana e o pop mundializado. Os problemas vinculados aos impactos negativos do crescimento urbano no ecossistema manguezal estavam a todo vapor; o problema da desigualdade quase que enraizada na sociedade recifense estava cada vez mais forte, desta forma a insatisfação com o modelo de cidade que vinha a ser produzido só aumentava. (MONTE E ROSA, 2016; SOUZA E GOMES, 2015; CARVALHO *et al.*, 2015)

É claro que o grupo tido como “símbolo” ou de maior representação para com o movimento é a Chico Science e Nação Zumbi, porém existem outros grupos que se identificam também com o gênero musical, como Mombojó, Sheik Tosado, Mundo Livre S/A, Mabuse, DJ Dolores, Mestre Ambrósio e outros não menos importantes. (BARBOSA, 2012; MONTE *et al.*, 2017).

⁶ O destaque aqui vai para três produções cinematográficas originalmente pernambucanas. A primeira é **Baile Perfumado (1996)** de Paulo Caldas e Lírío Ferreira com várias músicas de artistas ligados ao Manguebeat, a segunda **Amarelo Manga (2002)** e a terceira **A Febre do Rato (2011)** sendo essas duas dirigidas por Cláudio Assis. A última inclusive conta com trilha sonora de Jorge DuPeixe.

O Manguebeat alcançou ampla notoriedade (nacional e internacional), tendo influenciado na própria maneira como a juventude passou a se relacionar com o imaginário geográfico da cidade do Recife, resgatando o pensamento do geógrafo Josué de Castro, sobretudo através da obra *Homens e Caranguejos* (1967). Apesar da morte precoce de sua figura de proa, Chico Science, em 1997, o movimento (re)criou laços das pessoas com o ambiente estuarino e os manguezais do Recife, fazendo surgir topofilias que permanecem até os dias atuais. Considera-se topofilia a partir de Tuan (2012) como ligações íntimas e positivas que os indivíduos estabelecem com espaços físicos específicos, seja uma cidade, um bairro, uma paisagem natural ou lugar. Sentimentos que podem advir, como no caso aqui estudado, de memórias afetivas e experiências vividas por intermédio da música e seus vínculos culturais, estabelecendo conexões específicas com a natureza.

“A discussão acerca do conceito de lugar é necessária pela importância que a dimensão subjetiva dos indivíduos possui na criação desses vínculos. É também por uma necessidade de entender como os sujeitos se relacionam com o espaço e se ligam fortemente a ele que o autor propõe pensar os vínculos de lugar pela topofilia. Esta é todo e qualquer do afetivo que liga o homem ao ambiente. São formas simbólicas de viver o espaço – atos de enunciar significados considerando a experiência que possui com o espaço. A Geografia como ciência que estuda os fenômenos recorrentes à superfície terrestre deixou por muito tempo a categoria de lugar em segundo plano, focando apenas o conceito de paisagem, território e espaço.” (AGUIAR, 2018, p. 30).

A espacialidade dos indivíduos faz com que os próprios construam um processo de interação para com o seu ambiente, modelando os lugares que lhes permitem sustentar tal interação e de modo recíproco também são transformados por eles. (BERDOULAY, 2012)

O sujeito que está inserido no mundo constrói e atribui significado ao seu mundo, de modo a contribuir para uma espécie de redefinição ao lugar vivencia. Em contrapartida há uma “co-construção” do sujeito e de lugar que são manifestas a partir das narrativas que os instituem reciprocamente. (*idem*, 2012).

Em um processo de “co-construção” entre o sujeito e o lugar, o imaginário é valorizado e transformado, de modo que são atribuídos novos significados às ações. O imaginário se constitui de modo material a partir das narrativas que sustentam a reciprocidade entre o sujeito e o lugar. Dessa forma a “co-construção” do sujeito é sempre mediada a partir de imaginários geográficos. (*idem*, 2012)

Levando isso em consideração a linha de raciocínio a ser utilizada neste trabalho em relação ao conceito de lugar é o da perspectiva humanística surge mais precisamente na década de 1970, onde se existia uma linha de pensamento predominantemente racional e objetiva, que foi confrontada com novas propostas de valorizar as relações de afetividades que eram desenvolvidas pelos indivíduos e seus ambientes (LEITE, 1998).

A geografia fenomenológica possibilitou enfocar a compreensão do espaço geográfico através da experiência subjetiva e da percepção humana, considerando o conhecimento geográfico como resultado das interações entre as pessoas e o ambiente. Representou, assim, uma ruptura com a visão objetiva e universalista da geografia, valorizando as múltiplas interpretações e significados atribuídos aos espaços pelos diferentes sujeitos. É assim que manifestações culturais e suas espacialidades puderam ser abordadas: Frevo, Maracatu, Brega-Funk, Caboclinho, Manguebeat... todos esses ritmos musicais fazem parte da “essência” da cultura pernambucana. E é válido dizer que são para além de estilos musicais, também são entendidos como forma de expressar o cotidiano vivido e o espaço, forma de construir esteticamente a cidade, que se traduz numa familiarização cultural dos cidadãos que se identificam com alguns desses ritmos musicais.

Nesse sentido, há construção de novos conhecimentos, especialmente sobre o espaço vivido e sobre as experiências dele resultante, imersas nos geossímbolos (i)materializados no patrimônio arquitetônico e ambiental da cidade. Estes são capazes de fornecer o processo de criação e manutenção de imagens da cidade, dos afetos e dos significados atribuídos por aqueles que vivem e experienciam o espaço; engendrando, assim, a noção de uma cidade geossimbólica como uma ação fluída, como uma realidade vivida em que estão imbricadas as práticas sociais, políticas, econômicas e naturais de construções do espaço cultural da cidade. (MARTINS, 2022, p. 21).

Os lugares, só se tornam lugares a partir da relação intencional que parte dos indivíduos, pois os mesmos carregam consigo interesses que são previamente determinados e pré-estabelecidos. Da mesma forma que existem proximidades e enraizamentos, pode ocorrer o inverso. Em nuances de contraste, uma pessoa pode

viver em determinado local, durante muito tempo, sem conseguir despertar nenhum tipo de sentimento ou ligação. (LEITE, 1998).

Objetos, natureza, homens e mulheres são responsáveis pela constituição de seu mundo vivido, sendo o lugar-espço vivido capaz de revelar a experiência espacial da relação do meu corpo para com o mundo, através de uma relação de intersubjetividade. (NOGUEIRA, 2020).

Ainda segundo o autor, lugar é uma revelação da paisagem, que carrega símbolos, signos e significados. O comportamento dos indivíduos é modificado a partir dos espaços na qual estão inseridos.

Essas novas formas de interpretação do lugar, foi em resposta a uma fuga das fundamentações que eram pautadas em função do positivismo que até então era vigente, calcadas na descrição da natureza tendo como referência leis e teorias. (LEITE, 1998).

A Geografia Humanista representou uma das mudanças mais substanciais no campo da geografia, uma vez que enfatizou a importância da afeição no relacionamento entre os indivíduos e o local, humanizando a ciência e valorizando a subjetividade e os sentimentos dos indivíduos, além de explorar como essas afeições se constroem no espaço. Entende-se que o lugar começou a ser estudado por uma perspectiva que procura entender não só o que é lugar, mas como este é construído e a partir de quais relações subjetivas ele é formado. (AGUIAR, 2018, p. 31).

O caráter subjetivo é uma das grandes características relacionadas ao conceito de lugar perante uma perspectiva humanista. E isso fica claro, principalmente a partir das respostas obtidas seja nas nossas entrevistas aplicadas, ou até mesmo a partir das interpretações pessoais que vão fluindo a partir da interpretação do lugar paralelo a uma espécie de amadurecimento da pesquisa.

Dessa forma os geógrafos começaram a perceber que o conceito de lugar, está além de ser entendido como um espaço lotado de construções humanas, anteriormente era visto apenas como ponto de localização, passando a ser compreendido a partir das reflexões relacionadas aos sentimentos que antes lhe faltava, portanto o conhecimento do lugar está vinculado as dinâmicas que os seres

humanos são capazes de exprimir no espaço e os efeitos dessas dinâmicas são refletidos nos indivíduos (AGUIAR, 2018).

A Geografia desde sua gênese sempre teve o intuito de trabalhar com a descrição e o entendimento dos lugares, das paisagens e o modo de vida na qual os indivíduos inseridos nesses espaços se comportavam, portanto é de suma importância que a Geografia retorne a tais origens, não pelo fato de que estaria regredindo em sua posição e status científico, mas no sentido de tentar alcançar as concepções do mundo na qual ele nos é apresentado de modo imediato.

Nessa trajetória a perspectiva cultural surge como oportunidade de exploração em estudos de natureza geográfica, mais especificamente a partir da ótica da Geografia cultural, colocando os indivíduos e suas características culturais em evidência.

Analisar os discursos criado pelo Mangubeat em determinados espaços, nos leva a uma melhor compreensão de como movimentos culturais que “nascem” em zonas periféricas possuem a capacidade de interpretar o mundo, interagindo e influenciando nos surgimentos de novos espaços simbólicos, e paralela a isto uma maior reivindicação social desses espaços. (BARBOSA ,2012)

A possibilidade de criar novas imagens ao Recife, fez com que o Mangubeat, atribísse novos signos as zonas de manguezal do Recife, colocando debates que antes esquecidos, pudessem retornar ao foco, com um olhar crítico ao desenvolvimento da cidade, contestadas através das músicas, da estética e das produções visuais (BARBOSA ,2012)

É no reconhecimento da cultura e da história que vem a valorização do lugar, pois dessa maneira acreditamos ser possível de conectar ao passado ao presente, utilizando algumas estratégias que servem como “ponte”, revelando fatos, sensações e momentos únicos, que um dia já fora vivenciado em determinado lugar.

É necessário que as narrativas de quem vive de fato as experiências de vida sejam levadas em consideração, e que sejam também alvo e centro de estudos geográficos, que busquem compreender o modo de vida e experiência dos lugares, enquanto espaços simbólicos.

Existem diversos outros estudos relacionados ao Manguêbeat, mas a maioria deles possui como foco temas que se relacionam ao contexto social, político ou econômico da cidade do Recife, como ponto de partida em relação ao movimento, sendo menos numerosas as abordagens especificamente geográficas.

São exemplos desses estudos: Beirão (2017); Carvalho; Melo e Cairo (2015); Claudio, Ezilda e Mariana (2015); Delage (2007); Monte e Rosa (2016); Neta (2007); Picchi (2009;2010); Ramalho (2015); Ribas (2016); Silva (2011); Souza (2001); Souza (2015); Ucella e Lima (2013); Vargas (2015) entre outros não menos importantes.

Diferentemente desses estudos, a atual dissertação possui um foco em outras particularidades geográficas, que consideramos como inéditas em qualquer outro trabalho relacionado ao Manguêbeat. Isto é, questões relacionadas ao aspecto estritamente cultural e a dimensão de assimilação simbólica para com o lugar, e as formas simbólicas espaciais ao longo da cidade do Recife, que de uma maneira ou de outra fazem sempre referência ao Movimento Manguêbeat, se apropriando do conceito de topofilia, buscando compreender de que forma os indivíduos que se identificam com o movimento se relacionavam com os espaços afetivos, resgatando um pouco de suas vivências, histórias e visões particulares. (CORRÊA, 2010; NOGUÉ, 2015; TUAN, 2012; YORY, 1999)

Para isso, contamos com a ajuda também da Geografia das emoções, cujo campo de estudo ainda é novo se comparado com outras subáreas da Geografia, mas que acreditamos que seja plenamente possível haver uma relação entre Lugar, Topofilia e emoções visto por uma perspectiva geográfica. (SILVA, 2017); (SILVA, 2018).

No primeiro capítulo, há a discussão referente as representações simbólicas do Manguêbeat na cidade do Recife, revelando como esses símbolos são vistos e interpretados pelos indivíduos inseridos dentro da paisagem recifense.

O interesse aqui está justamente em entender da relação simbólicas com o espaço que ocorre sempre de modo controverso. Para isso teoriza-se sobre a perspectiva cultural da Geografia, partindo um pouco da fenomenologia e de como

esse método conseguiu contribuir em determinados estudos, sendo responsável por criar novas formas de interpretação de mundo. (FERNANDES, 2015; RELPH, 2012)

As formas simbólicas tidas como monumentos, dentro da paisagem urbana do Recife, cuja são capazes de construir uma relação pautada em experiências e vivências diárias, na qual estão espalhados ao redor da cidade e carregam em si mesmo significados esses que são atribuídos por terceiros, criando dessa maneira uma identificação cultural. (CORRÊA, 2010)

Para isso inicialmente o conceito de lugar se faz presente uma vez que é um dos focos centrais diante dessa pesquisa, pois torna-se fundamental no entendimento das representações simbólicas no contexto urbano da cidade do Recife e de como é apropriada pelo Manguêbeat.

Lugar e Manguêbeat são analisados de forma conjunta, uma vez que são expressas uma série de formas simbólicas perante a paisagem da cidade, através de seus rios, manguezal, pontos, estátuas, capazes de criar e representar uma noção de coletividade urbana. (CORRÊA, 2010)

A paisagem é um outro conceito presente ao longo do capítulo dois, além de cristalizar um determinado período, é capaz também de articular de forma mais íntima a relação entre sujeito e objeto, desenvolvendo formas de percepção, auxiliando na compreensão dos aspectos subjetivos nos elementos simbólicos, que estão contidas na paisagem. (COSTA 2003; TERKENELI, 2005).

O segundo capítulo foca de maneira mais densa em relação ao conceito de lugar, atrelado a ideia discutida por Tuan de *Topofilia* (2012). Onde se é percebido que há uma interação emotiva despertada pelos indivíduos que se identificam com o movimento, tanto com o próprio lugar, tanto com os elementos contidos na paisagem. É no lugar que nossas experiências pessoais e referências espaciais estão registradas e marcadas. É de fato onde está o nosso enraizamento, e nossa identificação.

São essas referências pessoais que através de um sistema de valores que percebemos o espaço Geográfico. Na verdade, toda a leitura da realidade geográfica é carregada de laços afetivos que são desenvolvidos a partir da nossa

relação e convívio com o lugar e com outros indivíduos (STANISKI.; KUNDLATSCH E PIREHOWSKI, 2014).

É nessa relação que as afetividades, e os sentimentos vão sendo construídos a partir do pertencimento, que podem é claro ser influenciados pelo tempo podendo de fato atingir a ideia de “afetividade” propriamente dita.

Sentidos e significados estão imbuídos aos espaços que nos inserimos, onde através de uma série de sentimentos e valores geram formas de pertencer a um determinado lugar quando se é representado na e pela paisagem.

Memória, afetividade e sentido de lugar estão imbricados em toda paisagem Recifense. A memória se faz presente na representação simbólica material que está inserida na paisagem da cidade, mas também na memória coletiva de todos que se identificam com o Movimento Mangubeat, através do conceito de lugar.

É importante também frisar, que a assimilação dos lugares acontece de modo subjetivo e individual por cada um que vivencia/vivenciou o Mangubeat de perto. Essa assimilação é capaz de revelar aquilo que a mais de particular em cada uma das experiências despertada ou medida pelas emoções.

A Geografia das emoções Silva (2018), nos auxilia nesse quesito, na atribuição de significados e na ideia de identificação. É seguindo esta linha de pensamento que é possível compreender essa “tomada do lugar” de modo a despertar a afetividade dos integrantes do Movimento Mangubeat em seu auge.

Questões relacionadas a vínculo, a dinâmica do sensível, ao apego ou vínculo com o lugar são contextualizadas a partir da Geografia das emoções, cujo as noções de memórias coletivas do passado também são entendidas como memórias coletivas que são refletidas no presente.

Portanto, pensar em emoções e apegos imaginando a própria culturalidade existente dentro do movimento Mangubeat, é pensar numa relação que ao mesmo tempo em que é sensível, é forte, capaz de despertar noções de proximidades, prendimentos e vínculos para com a cidade.

O terceiro capítulo pretende investigar vivências e reminiscências do movimento Mangubeat, tanto a partir de relatos, como também da observação pessoal, em eventos comemorativos relacionados ao Mangubeat.

O objetivo deste trabalho se pauta em compreender os lugares geossimbólicos “remanescentes” do Mangubeat, com o intuito de averiguar os laços toponímicos relacionados àquele movimento cultural, em sua época mais áurea. Já os objetivos secundários estão relacionados a identificar as simbologias culturais do Mangubeat, após trinta anos, especificando essas formas e de como elas são apropriadas para reafirmação cultural; na discussão relacionada aos lugares do movimento Mangubeat a partir da perspectiva de antigos integrantes do movimento e na investigação de vivências e reminiscências do movimento Mangubeat através de relatos, eventos etc.

O interesse por trás da temática se dá (1) por ser mais um estudo a contribuir nas relações entre espaço e Mangubeat, cujo descrito anteriormente o foco central da pesquisa está mais centrada na questão simbólica, espaços afetivos etc; (2) por se tratar de uma inquietação, ao ser sempre autoquestionado sobre a seguinte frase: “O movimento Mangubeat acabou”. (3) por achar necessário estudos que revelem uma outra perspectiva relacionada ao movimento sociocultural regionalista, onde o foco aqui são sentimentos, emoções e buscando provar que as aproximações com o movimento ainda existem, e são expressas principalmente em eventos relacionadas ao tema, onde uma grande massa de fãs ainda se fazem presente; e (4) por contribuir diretamente para com a literatura especializada no que tange ao Mangubeat, por ser mais um trabalho também que agrega à Geografia das emoções, trabalhando com conceitos geográficos, usando a aplicabilidade do conceito de *Topofilia* de Tuan (2012).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA E PESQUISA EXPLORATÓRIA

O caminho e percurso adotado nesta pesquisa de Mestrado se fundamentou numa abordagem de natureza qualitativa, pois:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

De modo transdisciplinar a pesquisa qualitativa envolve as áreas das ciências humanas e sociais, pois herda perspectivas de análises que são originadas no positivismo, na fenomenologia, e no marxismo que auxiliam no processo de investigação para se estudar um determinado fenômeno ou objeto (CHIZZOTTI, 2003).

A escolha de uma abordagem de natureza qualitativa se deu pelas seguintes questões: (1) por se tratar de um estudo em Geografia humanista, e por colocar as questões relacionadas as subjetividades e o olhar do sujeito em primeiro plano e (2) por acreditar que a pesquisa qualitativa seria a única abordagem que fornece tais “significados ocultos” contidos em nosso objeto de pesquisa.

A pesquisa qualitativa na Geografia ultimamente vem ganhando certo destaque principalmente relacionada a produção do conhecimento geográfico que possibilita alcançar novas realidades a temas estudados que se relacionam a questões subjetivas no espaço (LIMA E ROSA, 2013).

Pensando nisso a abordagem qualitativa foi aplicada neste trabalho de Mestrado em questão, buscando dessa forma formalizar e justificar aquilo que se objetivou desde o início do estudo, que é de compreender os lugares geossimbólicos “remanescentes” do Manguebeat na cidade do Recife, visando avaliar a permanência de topofilias relacionadas àquele movimento cultural, 30 anos após a seu início.

Com o intuito de atingir os objetivos dispostos, o trabalho em questão adotou a pesquisa exploratória. Pois possibilita revelar de modo detalhado algumas das nuances ainda não exploradas relacionada ao tema gerando desta forma novas formas de interpretação e geração de novos conhecimentos.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), as pesquisas exploratórias são investigações de pesquisas empíricas cujo objetivo é:

“...A formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente) ...Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem” (LAKATOS E MARCONI, p. 85, 2003).

Do mesmo modo, Gil (2007) relata que este tipo de pesquisa possui como objetivo propiciar uma maior intimidade para com o problema, uma vez que é possível deixá-lo mais explícito com a finalidade de formular hipóteses.

Em quase todos os casos de pesquisas exploratórias, algumas técnicas são utilizadas de modo frequente, como o levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram certa experiência com o problema a ser pesquisado e por último; uma análise de exemplo que estimulem a compreensão da realidade (GIL, 2007).

Na visão de Prodanov e Freitas (2013) mesmo na fase preliminar, a pesquisa de modo exploratório tem como intuito propiciar uma série de novas informações a respeito do que se pretende investigar, auxiliando dessa forma tanto na sua definição quanto em seu delineamento, facilitando a delimitação do tema da pesquisa.

Portanto, acreditamos que com a aplicabilidade do tipo exploratório, há uma maior “facilidade” quanto a exploração do tema, e na revelação de novas discussões a respeito da temática, contribuindo desta forma em estudos recentes relacionado ao Manguêbeat e a Geografia.

2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE DADOS

Optou-se como uma das técnicas de colhimento de dados para esta pesquisa a aplicação de entrevistas, juntamente com indivíduos que fizeram parte de forma mais íntima com o movimento Mangubeat na cidade do Recife, no intuito de identificar certos locais simbólicos e lugares afetivos.

Essas aplicações de entrevista por sua vez, foi realizada de modo *online*, com o auxílio do *Google Meet*. Essa técnica de pesquisa exige antes de tudo certo planejamento, aplicações de teste, certa clareza nos objetivos, até de fato a sua aplicação.

A estrutura seguida quanto a entrevista em si, foi a semiestruturada, cuja permite uma maior liberdade tanto por parte do entrevistador, quanto por parte do entrevistado.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Lakatos e Marconi, p 92, 2002).

Ainda segundo Lakatos e Marconi (2002) a entrevista é um recurso muito importante em trabalhos investigativos, principalmente nas ciências sociais, por possuir uma série de vantagens, como maior flexibilidade no esclarecimento das perguntas ou até mesmo na possibilidade de obtenção de informações mais precisas.

A opção pelas entrevistas *online* se deu pela maior praticidade e facilidade em relação ao contato para com os entrevistados. Uma vez que além de otimizarmos a pesquisa, poupamos também o desgaste tanto do pesquisador quanto do entrevistado, em relação a deslocamentos consideráveis. Principalmente porque alguns dos nossos entrevistados não residem mais na cidade do Recife e nem no estado de Pernambuco. Entre os entrevistados de modo *online* estão: HD Mabuse, Fábio Trummer, China, Renato Lins, com exceção do último cujo sua entrevista se fez de modo presencial.

A pesquisa de campo foi pautada em visita a locais cujo representam valor simbólico para os indivíduos que se identificam com o movimento Mangubeat,

observação, presença em eventos, capturas de imagens, realização de entrevistas semiestruturadas tanto de forma presencial como de forma digital, esta última sendo utilizada em última hipótese dos casos.

A pesquisa de campo requer em primeiro lugar, uma pesquisa bibliográfica a respeito da temática, pois será o primeiro passo a ser seguido com o intuito realmente de entender a dimensão do problema em sua atualidade. O segundo passo é a construção de um modelo inicial de teoria, passando a auxiliar a determinação e o planejamento geral da pesquisa (LAKATOS E MARCONI, 2002).

A fundamentação teórica e a literatura de ideias para a execução, planejamento e a prática do trabalho se deu através do levantamento bibliográfico numa procura incessante de materiais (principalmente artigos) que envolviam as seguintes palavras chaves: Manguabeat; Formas simbólicas; Geografia da emoção, Topofilia; Tuan; Geossímbolos; Lugar; Sentidos de Lugar, Lugar e Emoção entre outras não menos importantes. As palavras foram tanto pesquisadas em português - brasileiro, quanto no idioma inglês.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas quer gravadas. (LAKATOS E MARCONI, 2002, p. 71).

Entre os sites de pesquisa que merecem certo destaque estão o *Libery Genesis*, O *DOAJ* (Directory of Open Access Journal), o *Google Acadêmico*, este último devido o mais popular entre os citados.

Quanto à análise de dados, optou-se pela técnica de Análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977) essa técnica de análise visa obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de determinados conteúdos, possibilitando uma inferência de conhecimentos que são relativos as condições de produção.

Durante a análise do conteúdo, o investigador consegue inferir conceitos que almeja investigar, e dessa maneira possibilita atingir o objetivo central.

Caregnato e Mutti (2006) revelam que a Análise do discurso além de trabalhar com o sentido, fixa-se apenas no conteúdo do texto em si e compreende os sentidos que os sujeitos dão aos seus discursos.

Como já citado anteriormente as entrevistas diretamente com pessoas ligadas ao movimento Mangubeat fizeram parte da metodologia deste trabalho. Sendo assim para se chegar a uma melhor investigação e interpretação das respostas obtidas a apropriação da Análise do discurso se tornou válida.

Todas as entrevistas foram gravadas utilizando apenas um *Smartphone* para a captação dos áudios, mesmo essas entrevistas sendo de modo online, via *Google Meet*. A qualidade de captura do áudio é bastante superior, fazendo com que as audições ficassem claras e lúcidas para serem produzidas posteriormente.

Com horas de material gravado, se optou pela transcrição desses mesmos áudios, utilizando alguns softwares disponibilizados na *Internet* com o *Sonix* e o *Transkriptor*. Devido ao fato de os áudios serem maiores que 30-45 minutos, houve a necessidade de dividir em partes e para isso foi utilizado o site *Clideo* e o *Mp3cut*. Para acompanhar a fidedignidade do conteúdo, posteriormente a transcrição fora conferida e em seguida as partes que fora mais relevantes levadas em consideração no trabalho.

Acreditamos que toda pesquisa científica possui de certo modo, algum impacto cultural positivo. Principalmente quando essa pesquisa é de cunho local, levando em consideração as características regionais. O Mangubeat por si só já é propriamente dito a personificação deste impacto. Mas o que torna diferente dessa vez é justamente a ampliação e a atualização relacionada a temática, principalmente na tentativa de uma valorização e fortalecimento da cultura regional e também de certo modo, como um aporte teórico nas descobertas de novos conhecimentos e possibilidades de se interpretar o movimento.

3 ELEMENTOS SOCIOESPACIAIS E SIMBOLOGIAS CULTURAIS DO MANGUEBEAT

O Manguêbeat, além de transformar a cena cultural do Recife, possibilitou uma nova forma de pensar e imaginar a cidade, conseguiu quebrar as barreiras “das fronteiras dos jardins da razão” através da representação geossimbólica, transgredindo limites que até então eram estabelecidas como modelo de cultura a ser consumida por parte de uma lógica centralizada no centro-sul brasileiro.

Concomitante a essa lógica, o Manguêbeat, conseguiu extrair ao máximo desse contexto de inserção da cidade numa lógica liberal urbana, através tanto do uso do idioma inglês na criação de alguns termos que remetessem à cidade, como também mediante a criação de referências próprias (DE FIGUEIREDO, 2015). Neste sentido, os marcos geossimbólicos do movimento “personificaram lugares” e produziram novas maneira de ver a paisagem recifense:

“Os símbolos culturalmente reproduzidos pela coletividade ressaltam a visão de mundo dos grupos humanos e ganham mais força e destaque quando personificam em lugares. Assim, quando os símbolos se materializam, por exemplo, em uma paisagem se transformam em símbolos geográficos ou mais comumente: geossímbolos.” (STRACHULSKI, 2015, p.81-82).

Assim, os indivíduos que se identificam com o movimento sociocultural através de seu imaginário em relação à cidade do Recife assimilam alguma simbologia, o que acaba por criar um diálogo diretamente com o movimento e a cidade, despertando sentimentos de identificação com o Lugar.

A relação entre forma simbólica e espaço é complexa e possui características cheias de dualidades. A realização da forma simbólica espacial se deve em grande parte à posição e ao itinerário apresentado por cada indivíduo. Tanto os lugares quanto os roteiros podem conter atributos que se beneficiam da presença de formas simbólicas (CORRÊA, 2010).

3.1 AS INFLUÊNCIAS DA GEOGRAFIA RENOVADA

Antes de prosseguirmos na análise dos geossímbolos, torna-se necessário ressaltar de forma breve como a geografia renovou seus aportes acerca dos

fenômenos de cultura. Após as contribuições na origem da disciplina (Ratzel, 1882; Sauer etc. 1925), em meados do século XIX e XX a Geografia passou a desvalorizar os estudos de cunho culturais, mas não apenas isso. Passou a ignorar as particularidades dos grupos humanos, através de métodos cartesianos e positivistas, que acentuaram sempre o ponto de vista quantitativo, uma espécie de geometrização espacial.

A redefinição epistemológica de uma Geografia não-positivista deve-se, em grande medida, à influência de autores “fenomenologistas” do campo filosófico, entre eles Husserl, Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, que se sentiam incomodados por abordagem estritamente cartesianas e positivistas, estas últimas capazes de anular toda a experiência empírica do ser humano, abatendo os sentimentos e as emoções. Deixavam de fora também questões relacionadas à poesia, à estética e à ligação afetiva que as pessoas possuem com suas cidades e seus locais de naturalidade (RELPH, 2012).

Na fenomenologia de Edmund Husserl, os fenômenos não se caracterizam apenas como meros elementos materiais, são constituídos também de ideias ou idealidades, que existem apenas no pensamento. Sob a perspectiva de Merleau-Ponty nós não somos detentores apenas do “mundo físico”, não compomos apenas o mundo dos elementos da natureza, fazemos parte também de um “mundo” que é humano, capaz de se criar e reproduzir ao redor de nós, se mostrando como ruas, estradas e cidades. (SERPA, 2019)

Essa nova “pegada” da Geografia cultural foi reforçada em Edward Relph onde a Geografia começou a se inserir nas propostas fenomenológicas através de Husserl, como suporte de desenvolvimento filosófico e geográfico numa linha mais humanista (SERPA, 2019)

Relph defendeu a ideia de que os significados originais do mundo-vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; para o autor, o mundo-vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos (SERPA, 2019, p. 15)

A paisagem se revela aos sujeitos uma aparição singular, que em muitas vezes pode-se perceber através da visão, mas não apenas dela. Em suas essências é capaz de oferecer uma gama de possibilidades de aparições individuais,

sendo assim o espaço não é encontrado encoberto pela paisagem, mas se revela a depender de cada situação, sendo nítida a paisagem reveladora de um conjunto de objetos e coisas, munida de uma diversidade de qualidades sensíveis e infinitas capacidades de aparição (SERPA, 2019).

Corroborando com Oliveira (2022), o estudo geográfico dos fenômenos culturais requer atenção à dinâmica espacial da sociedade, em estreita interação com aspectos individuais e coletivos, para estabelecer significado social, incluindo determinantes econômicos e simbólicos. Em razão disso a perspectiva fenomenológica começou a pairar na Geografia, levando os estudos culturais a refletir sobre outras temáticas a partir de perspectivas vividas e experienciadas:

“A fenomenologia, como sabemos, foi uma das primeiras filosofias a fazer oposição ao reducionismo e ao cientificismo das ciências ditas positivas. Enquanto o positivismo requer um conhecimento científico cada vez mais neutro, despojado de subjetividade e, por conseguinte, distante do homem, a fenomenologia propõe a retomada da humanização da ciência, com nova relação entre sujeito-objeto e homem-mundo, consideradas metades inseparáveis.” (FERNANDES, 2015, p.85)

Devido a isso, a Geografia Humanista a partir de Lowenthal (1982), Yi-Fu Tuan (2012), (2015) Anne Buttimer (1980), Edward Relph (1989), (1970), (2012) e outros, passou a considerar a experiência vivida e as formas poéticas de se interpretar o espaço geográfico, influenciados por essa geografia fenomenológica. Além disso, os ditos estudos culturais, de matriz marxista e pós-marxista, com forte influência de autores como Raymond Williams (1981) e Stuart Hall (1996, original de 1973), também passaram a criticar o racionalismo estrito da Geografia Humana hegemônica, contribuindo para o estabelecimento da conhecida Virada Cultural em fins de 1970 e ao longo da década de 1980, tendo em nomes como Denis Cosgrove figuras de grande destaque.

Hall e Williams, assim, tiveram uma contribuição similar aos filósofos fenomenológicos para o desenvolvimento da Nova Geografia Cultural. Hall, por meio da teoria cultural e dos estudos culturais, enfatizou a dimensão política da cultura e seu papel na formação de identidades, destacando como práticas culturais seriam moldadas por certos contextos sociais, históricos e geográficos. Já Williams propôs o

conceito de "estrutura de sentimento", enfatizando experiências afetivas e emocionais das pessoas em relação ao seu ambiente, porém de modo diferente da fenomenologia, por inserir a questão das classes sociais como fator de grande relevância. Assim, ambos os teóricos criticaram as abordagens essencialistas e deterministas da cultura, enfatizando a importância da análise das dinâmicas sociais e das relações de poder na construção do significado cultural. A influência da teoria crítica na Geografia Cultural permitiu, portanto, outros enfoques do papel dos indivíduos e sentimentos para as interações entre cultura e espaço⁷.

Demorou algum tempo, para que a maioria dos geógrafos pudessem perceber que os métodos epistemológicos positivistas possuíam fortes limitações e que essa grande área do conhecimento que é a Geografia, poderia ser compreendida em termos de espacialidade e de interações espaciais (RELPH, 2012). Para esse autor, a espacialidade refere-se à experiência subjetiva e perceptiva das pessoas em relação ao espaço, com foco nos sentidos de lugar. Dessa maneira, argumenta que a percepção e a vivência dos lugares são fundamentais para a formação de identidades individuais e coletivas. O destaque, por conseguinte, recai sobre como pessoas e grupos sociais desenvolvem conexões emocionais e afetivas com o ambiente cotidiano em que vivem, moldando sua percepção e significado do espaço.

Tendo isso em vista o conceito de lugar pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas dentro da Geografia, tanto através da perspectiva Marxista como da perspectiva Geografia Humanística (Leite, 1998).

O auxílio da Geografia em melhor compreender os elementos culturais partem do ponto de como a sociedade experimenta e utiliza determinados sentidos numa lógica de dinâmica espacial, tornando fundamental um redirecionamento do vocabulário geográfico, a partir de suas práticas referenciadas, a fim de contribuir para a interpretação do mundo no contexto de sua dinâmica (OLIVEIRA, 2022)

O método positivista durante muitos anos deixou a Geografia infértil, no sentido das subjetividades e das particularidades. A narrativa de que as ciências

⁷ Ver WILLIAMS, Raymond. Culture. New York: Harper & Row, 1981 e HALL, Stuart. Encoding and Decoding in the Television Discourse. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (eds.). Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies. London: Routledge, 1996, p. 128-138. Entretanto, o texto mais influente e difundido de Hall em português é "A identidade cultural na pós-modernidade" (várias edições).

deveriam ser regidas a partir da neutralidade científica era algo bastante aceito pela comunidade acadêmica, consistindo num paradigma. Entretanto, como bem demonstraram as pesquisas inspiradas na teoria cultural crítica, como as de Cosgrove, os trabalhos realizados por pesquisadores possuem uma mensagem ideológica subjacente. Nos anos 1980, em *Social Formation and Symbolic Landscape*⁸ o autor examina a relação entre o espaço geográfico e ideologias políticas, sociais e culturais. Argumenta que o espaço não é neutro, mas sim carregado de significados e representações simbólicas que refletem e perpetuam ideologias dominantes. Portanto, as estruturas de poder e as formas de controle social estariam manifestas e reproduzidas no próprio espaço geográfico. A Geografia Cultural Crítica contribuiu na tentativa de superar o racionalismo neutro e a Filosofia conseguiu quebrar paradigmas que até então ocorreu através do humanismo, valorizando os valores humanos.

Como relata Fernandes (2015), a filosofia conseguiu quebrar esse paradigma e através do humanismo passou a incluir valores humanos vinculados às noções subjetivas. O pesquisador e o pesquisado igualmente são representados por essa parte de universo vivenciado, a partir de suas experiências que são vividas e que não mais podem ser ignoradas.

3.2 FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS DO MANGUEBEAT

“O passado pode ser visto como um texto incompleto, cuja leitura permite, mais do que o presente, interpretações diversas, possibilitando reconstruções adequadas às vicissitudes de cada momento e de cada grupo social” (CORRÊA, p.13, 2010). Paisagem e memória estão fundamentadas na geografia da percepção a partir de existência de um conjunto de signos que permitem estruturar a paisagem a partir da existência do próprio sujeito, que consegue refletir sua composição mental, na qual é produto de sua subjetividade que é adquirir informações que são postas ao seu entorno.

⁸ Vide COSGROVE, D. *Social Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm, 1984.

Passado, presente e futuro estão inseridas no contexto da paisagem. No passado, traz um sentido de evidenciar as cristalizações espaciais realizadas em um determinado espaço-tempo; no presente pois é o “reflexo condicionante” de determinados grupos exprimirem suas experiências vivenciadas, ideias e concepções; e futuro não no sentido de previsibilidade, mas no sentido de constatar como uma linha não linear (sujeita a mudanças), e sim como uma possibilidade de manifestações de fenômenos culturais, sociais e políticos.

Na concepção de Lima (2002) A paisagem vivida, além de preservar e transmitir a história da biografia pessoal de cada um de nós, possui a capacidade de cristalizar valores, percepções de um tempo experienciado, mediado por relações de convivência, que resgatam experiências vividas num passado buscando compreender o presente.

“Toda paisagem vivida é também simbólica, em gradientes de valores maiores ou menores, individuais ou coletivos, tento em vista, a leitura e a decodificação de suas mensagens, dos símbolos responsáveis pela singularidade das mesmas, que diferem tanto em termos da expressão e percepção, quanto da interpretação de imagens envolvidas por uma atmosfera especial, ligados aos processos de cognição, percepção, experiência, afetividade e memória” (LIMA, 2002, p. 130).

A explanação e o entendimento a partir da compreensão de símbolos inseridos na paisagem possuem a capacidade de fazer com que o lugar se torne diferente de indivíduos para indivíduos, pois são capazes de manifestar fronteiras sutis, que existem dentro de uma percepção espacial concreta e no imaginário, que abarca paisagens inseridas dentro de um contexto de afetividade, numa simbiose entre elementos naturais e construídos (LIMA, 2002).

De acordo com Lima (2002) A paisagem é, portanto, uma herança material e simbólica que se manifesta a partir de uma objetividade que emergia a própria objetividade, uma vez que a realidade geográfica guia a uma diversidade de dimensões do vivido, ultrapassando fronteiras territoriais, além de interagir com a concretude espacial.

De acordo com Martins (2022) as formas espaciais, por diversas vezes são postas como monumentos, que podem ser arquitetados tanto de “forma artificializada” como também a partir da dinâmica natural, onde a cidade se torna um meio de reflexões constante, que é operacionalizada a partir da dinâmica

geossimbólica, articulando manifestações de afeto com a cidade e na cidade, capaz de construir biografias calcadas em memórias afetivas, experiências e significados que contribuem numa leitura individual de interpretar o mundo por parte dos cidadãos.

É possível pensar em máximas geossimbólicas de uma cidade, que pode ser compreendida dentro do conceito geográfico de lugar, independentemente da escala possuem processos simbólicos e marcas espaciais de um movimento cultural que chacoalhou a urbe, tal como o aqui estudado. A capacidade de criar imagens representativas e assimilações complexas dos objetos dispostos, acabam por fazer parte da biografia da cidade e dos habitantes que nela produzem e reproduzem a noção de culturalidade espacial e consequentemente atribui significados de lugar.

“Os lugares normalmente não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque sendo uma construção subjetiva e ao mesmo tempo não incorporada as práticas do cotidiano que as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. Este senso de valor só manifesta-se na consciência quando há uma ameaça ao lugar, como a demolição de um monumento considerado importante... (LEITE, 1998, p. 12)

Ideias e imagens no contexto de uma concepção que é convocada pela discussão geossimbólica provoca relações de afeto que são construídas no lugar, que por sua vez essa a própria cidade é pode ser vista como um elemento simbólico que é construída por sua biografia e pela biografia dos lugares (MARTINS, 2022).

O interesse por parte de alguns geógrafos em relação aos monumentos parte de uma preocupação de como o passado é lembrado, uma vez que também há uma emergência em relação aos métodos de interpretação das paisagens culturais. Tal movimento na análise das paisagens juntamente com seus elementos simbólicos, são “escritos” por grupos sociais e atores que inseridos em suas próprias narrativas históricas, criam biografias culturais singulares. (ALDERMAN *et al.* 2020).

Muitas das nossas recordações do passado são memórias coletivas que são construídas e transmitidas, através de interações de grupo, a partir de uma diversidade de práticas culturais. O que é comemorado não é sinônimo de tudo o que se passou no passado. Pelo contrário, o que é definido como memorável ou historicamente significativo está aberto ao controle social.

A figura 01 abaixo mostra o momento exato da restauração estética de um dos símbolos presentes no movimento, promovido pela própria sociedade civil, e impulsionado por Roger de Renor ex-proprietário da Soparia. A restauração estética do monumento, deu mais cor e mais vida, há um símbolo que possui uma ligação tão intensa e profunda, não apenas com o Mangubeat, mas também com aqueles que se identificam com o movimento.

Em um passado não tão distante, o Caranguejo de ferro⁹ (como é conhecido popularmente) acabou sendo alvo de disputas políticas, relacionados a “melhor” localização do monumento. Em termos geográficos e de análise do fenômeno, estaríamos nos referindo as questões relacionadas à assimilação do espaço como um território, uma vez que existem insights sobre a questão territorialidade em jogo.

Figura 1 - Pintura e caracterização do Caranguejo de ferro na rua da Aurora



Fonte: Autor, 2022

Destas maneiras todas as paisagens independentes se sua localização, possuem certas heranças, que em vários contextos dentro de uma realidade cultural, podem ser modificadas a todo e qualquer instante, tanto de modo contínuo como ao longo dos anos (LIMA, 2002).

⁹ O monumento faz alusão a um gênero específico de caranguejos, que é o gênero *Uca*, também conhecido como chama-marés. Geralmente estão localizados em regiões de clima tropical e subtropical. A alta temperatura acaba agindo como um forte fator abiótico influenciando diretamente em sua distribuição geográfica. São caracterizados também pela existência de quelas (garras), que a depender do gênero pode possuir tamanhos diferenciados (machos, quela gigante, fêmeas quela menor ou de mesmo tamanho). Devido as características morfológicas acreditamos que o monumento faz referência diretamente a espécie *Uca maracoani*. Para saber mais consultar o trabalho de Dissertação de Mariângela Di Benedetto em **Biologia de *Uca maracoani* Latreille, 1802-1803 (decapoda, brachyura, ocypodidae) no Baixio Mirim, Baía de Guaratuba, Paraná, Brasil.**

Os próprios rios na cidade do Recife também podem ser enquadrados como fontes de simbologia cultural. Que se inserem na definição de Corrêa (2010) colocados como “elementos da natureza”, (mas que ao mesmo tempo também são antropizados) dessa forma tanto os rios, quanto o manguezal espalhado pela cidade se enquadram naquilo que pode ser chamado de simbologia cultural.

As simbologias que estão presentes no movimento Mangubeat, são capazes de determinar significações através dos significados que a sociedade, atrelada às suas contradições internas, organizam certas singularidades espaciais (OLIVEIRA, 2022). Fala-se, por conseguinte, em um imaginário geográfico:

Nessa dinâmica, os geossímbolos influenciam experiências espaciais subjetivas que são capazes de criar/sustentar referenciais imagéticos, quer sejam práticos ou de afetos, por serem as formas geossimbólicas uma maneira possível para pensar e atingir imagens da cidade e revelar como ela afeta aqueles que nela vivem. Esse processo pode se manifestar mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, seja no contexto das topofobias, seja no contexto das topofilias que se situam na construção do imaginário espacial (MARTINS, 2022, p. 20).

Espalhados pela cidade, os símbolos carregam consigo a responsabilidade de “fazer perpetuar” o brilho existente de um movimento que deixou marcas em lugares que eram carregados de afetividade dentro da História do Mangubeat, possuindo um papel relevante na reafirmação incessante da culturalidade e na noção afetiva dos sujeitos para com o lugar.

São exemplos dos geossímbolos relacionados ao nosso objeto de estudo: Os rios, o manguezal incrustado na paisagem lamacenta da cidade, as suas pontes históricas, as estátuas de Chico Science e o Caranguejo posto na Rua da Aurora, Recife, dentre outros, que foram também citados ao longo das aplicações de entrevistas entre alguns membros ou relacionados ao Movimento, como Renato Lins, HD Mabuse, DJ Dolores, Fábio Trummer, China e outros não menos importantes.

A partir disso podemos explanar com mais propriedade as percepções dos entrevistados no que tange a assimilação dos elementos geossimbólicos que fazem referência ao movimento Mangubeat na cidade do Recife.

Como posto anteriormente, os entrevistados foram HD Mabuse, China, Fábio Trummer, Renato Lins e outros não menos importantes. Cada um deles pontuou um símbolo máximo do Mangubeat de modo individual.

Os entrevistados deste trabalho pontuaram o Caboclo de Lança como maior símbolo de representação cultural do Mangubeat, isso se deve em muito das diversas vezes em shows que o próprio Chico Science se caracterizava usando as vestes, a origem do personagem está vinculada ao Maracatu Rural.

Renato Lins apontou a antena parabólica fincada na lama como maior símbolo do movimento, uma vez que é utilizada como uma espécie de metáfora, na ideia de conectar os lugares, do local para o global, tendo a tecnologia e a informação como fontes de inspiração. Além da antena parabólica, Renato ressalta que também identifica o Caranguejo de ferro, localizado na rua da Aurora, Recife, como um dos símbolos que mais representam o Mangubeat.

A alfaia se fez presente no discurso de HD Mabuse, o mesmo relatou durante a entrevista que além de ser o idealizador foi criador da capa do disco Afrociberdelia. Mabuse, pontua a Alfaia com símbolo máximo no Mangubeat. A alfaia é um instrumento musical que está presente nos batuques de Maracatu de Baque Solto.

As formas simbólicas espaciais constituem geossímbolos, que são relacionadas a marcas identitárias que provocam a individualização de uma porção do espaço ou de grupo humano. (BONNEMAISON, 2003).

Por sua vez, essas formas simbólicas em espaços de afeto possuem uma capacidade de revelar meios na qual o modo de vida na cidade influencia constantemente seus habitantes, formulando imaginários espaciais sobre a cidade, que são concretizados por imagens e sujeitos que constroem e se constroem ao mesmo tempo o lugar (MARTINS, 2022).

Segundo Berdoulay (2021), Imaginários geográficos são baseados em imagens que são vinculadas à materialidade que é perceptível através das

paisagens ou dos gêneros de vida¹⁰, mas que também são influenciadas pela própria capacidade imaginativa do sujeito.

Diante disso, segundo o autor ao falarmos de imaginário vinculados a lugares ou qualquer outra categoria geográfica, estamos nos referindo também a um tipo de ligação às formas físicas e concretas, como também de imaginários sociais ou políticos. Mas Berdoulay (2012) faz uma observação:

O imaginário usado por uma população não deve ser abordado como um simples produto e sua cultura, como uma representação pronta imposto aos atores sociais. Em vez disso, ele deve ser visto como uma mediação entre o sujeito e seu lugar, por meio da qual o sujeito recombina criativamente formas, símbolos, sinais e outras estruturas ou elementos carregados de significado em novas narrativas. (BERDOULAY, p. 51, 2012).

Portanto, o sujeito não deve ser visto como passivo, até por que, através de recursos que são fornecidos pelo imaginário. (BERDOULAY, 2012).

A interpretação dos símbolos no contexto do ambiente urbano como a cidade do Recife, possui todo um caráter complexo de existência e reminiscências simbólicas. Costa (2009) em um trabalho sobre o “Sertão do Canindé: Interpretação geossimbólica da paisagem” revela que a paisagem não é representada apenas da conjunção de elementos naturais ou culturais, mas sim numa associação desses elementos, que a partir de uma coerência socioespacial produz significados de representação da culturalidade.

As experiências vividas dos indivíduos no lugar agem sempre como um elo de conexão com o mundo externo, e com o seu próprio mundo “interno” que o constitui e o constrói a todo instante. O envolvimento sentimental e afetivo dos integrantes do movimento Manguêbeat, é produto das relações, de práticas culturais materializadas na realidade cotidiana. Deste modo, entender que a cidade do Recife, pode (e deve) ser vista como um geossímbolo é mais do que um imprimir um sentido de valor aos elementos que estão dispostos no lugar.

¹⁰ LA BLACHE, P.V. Os gêneros de vida na Geografia Humana. **Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política**. Org. por Haesbaert, Pereira & Ribeiro. Rio de Janeiro, Bertrand, PP.131-158, 2012.

Entre as inúmeras noções relacionadas em torno do lugar, aqui vai um certo destaque para a noção “sociofísica”, uma vez que sua influência não se dá apenas na criação e na assimilação de sentimentos ou vínculo com o lugar. Meio físico e mundo social estão em simbiose o tempo inteiro, cujo “significados” inseridos no meio físico, lhe são atribuídos e produzidos por atos de cultura. (Aguiar, 2018).

Na visão de Aguiar (2018) Além de ser formado de significados, o lugar também é composto por emoções, que são nutridos pela vivência, e que atribuímos a esses espaços. Mais uma vez, o lugar é sempre nutrido por atos culturais, estando sujeito a modificações, sejam elas mais bruscas ou mais sutis.

Tais símbolos estão presentes na paisagem recifense, e que penetrados em nosso imaginário fazem parte da identidade urbana. Como pensar na cidade do Recife hoje, e não lembrar de suas pontes? De seus rios que funcionam “como artérias” capazes de conectar a cidade? De seu ecossistema manguezal que origina a nomenclatura “*Manguetown*”, mas que também é conhecida como cidade do Mangue? Isso demonstra claramente que há de fato uma fertilidade e individualidade desse movimento cultural com a geograficidade do Recife.

O rio como elemento simbólico de uma cidade é relatado no trabalho de Parente (2021) que no caso avalia de como a Geografia Cultural consegue garantir subsídios que possibilitem gerar uma interpretação da natureza simbólica que os moradores de Conceição de Araguaia possuem com o rio.

Gratão (2005) com seu trabalho intitulado como “*O Rio se revela na voz dos personagens do lugar-Araguaia!*” Também nos traz uma perspectiva poética que demonstra uma íntima relação dos indivíduos para com um elemento natural contido na paisagem, que carrega em si, não apenas um valor ecológico, mas também cultural.

São esses mesmos valores simbólicos com os rios da cidade do Recife que foram despertados entre os membros do movimento Mangubeat, que puderam transmitir uma mensagem de valor tanto cultural como também de valor relacionado a experiência vivida e a biografia da cidade.

Seguindo a lógica do pensamento de Costa (2003), a simbologia da paisagem também permite êxito em conceitos que buscamos explicações à luz de outras

disciplinas, embora a semiótica tenha mostrado que não há como ler os signos. Decifrar a paisagem partindo do ponto do símbolo torna-se, assim, um empreendimento da geografia humana, que discute categorias como paisagens e lugares com os quais os indivíduos estão familiarizados

Um dos conceitos-chaves postos nesse trabalho de dissertação é o de lugar. Porém, torna-se quase impossível inserido numa perspectiva geográfica-cultural, abordar o lugar enquanto temática isolada, para tanto, a paisagem auxilia no entendimento das representações simbólicas inseridas no espaço urbano da cidade do Recife e que é absorvida, interpretada e reinterpretada pelo movimento Mangubeat enquanto um sistema de metáforas espaciais. Sobre a relação entre lugar, paisagem e espaço público afirma Maciel:

A imagem-símbolo dos rios e pontes de Recife é um tipo de metonímia geográfica baseada numa relação integrativa (sinedóquica) entre natureza e cultura num sítio urbano de estuário. Pois bem, como este processo é deslanchado a partir de um lugar específico, e não na busca de construir um tipo ideal abstrato, a metonímia atinge uma consistência histórica e geográfica profunda, projetada nas percepções e comportamentos daqueles que a mobilizam, re-interpretam e integram em novos sistemas de metáforas (MACIEL, 2005, p.13).

Não poderíamos deixar de falar sobre a constituição simbólica da toponímia, e no caso da cidade do Recife a partir da interpretação e leitura do movimento na cidade. O termo “*Manguetown*” apresenta uma hibridização linguística a partir da junção das palavras do idioma inglês e do português: “Mangue” (Flora) e “Town” (Cidade) que traduzidos ao idioma português significa “Cidade do Mangue”, característica esta que é marcante da cidade, tornando-a ainda mais singular dentro de uma escala regional, e até mesmo nacional.

O termo *Manguetown*, nos revela em certos momentos contrastes marcantes, de um lado a cidade, marcada pela grande sociedade, e do outro a sociedade do mangue, como se existissem dois grandes mundos antagônicos. Josué de Castro, já citara algo semelhante e que inspirou de certo modo esse raciocínio dito anteriormente:

A primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos. Só muito depois é que vim a conhecer a outra sociedade dos homens – a grande sociedade. E devo dizer com franqueza que, de tudo o que vi e aprendi na vida, observando estes vários tipos de

sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues – a sociedade dos caranguejos e dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama. (CASTRO, 2007, p.14).

Mesmo sendo uma obra antiga *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro, nos remete a uma atualidade não só de modo teórico em seu pensamento, mas também nos faz enxergar as inúmeras diferenças e inúmeras formas de relação que os indivíduos podem ter com a urbe. São dois mundos tão iguais, mas ao mesmo tempo tão distintos, separados por estruturas tão tênues, que se enquadra numa visão mais crítica a respeito do Recife... Essa é a *Manguetown*.

“A simbolização também pode ser vista como um dos principais fatores de diferenciação do espaço em lugares, pois esse processo confere a uma porção do espaço um nome, uma identidade, uma permanência, uma razão de existir e uma relação particular com determinados valores e significados.” (MONNET, 2011, p.1)

Os indivíduos podem dar novos significados e representar de modo diferenciado os lugares simbólicos, daquilo que previamente foi determinado, podendo ser atribuído como um ponto de concentração, dispersão, de pausa, de percurso de manifestação.

Como apontado por Mello (2008) “símbolos permanentemente escorados e ressonantes valem-se do passado lendário para sustentar ou recuperar o brilho exibido outrora” e de fato isso é o que acontece com o movimento Mangubeat na cidade do Recife. A existência de símbolos, sejam eles naturais ou arquitetados pelo ser humano, reforçam a capacidade de revisitar um passado recente, na intenção de reacender e fazer perpetuar a memória não apenas de um movimento, mas também de uma figura: Francisco de Assis França Caldas Brandão, o “Chico Ciência”.¹¹

A paisagem tem a capacidade de cristalizar tanto uma escala teórica como uma escala histórica de modo específico, representa uma relação íntima e articulada, que é capaz de relacionar o sujeito (usuário/observador) de maneira mais emaranhada com o objeto, que é a própria paisagem, através da noção de percepção, ou intervenção, sendo auxiliada pelas faculdades cognitivas humanas, experienciais etc. (TERKENELI, 2005).

¹¹ Sobre a figura de Chico Science consultar o Acervo Chico Science. Disponível em <https://acervochicoscience.com.br/> Acessado em 09/07/2023.

Segundo Besse (2014) a paisagem não é apenas uma mera representação mental. Possui uma realidade que é objetiva, sendo capaz se apresentar a nós enquanto indivíduos de modo mais concreto a partir de formas e conteúdo. Portanto é preciso compreender que a paisagem antes de tudo é sensível.

A abordagem fenomenológica da paisagem na visão de Besse (2014) relata que a paisagem é uma experiência que é revelada através de um *encontro concreto* entre o indivíduo e o mundo na qual ele está inserido. A paisagem é *vivenciada* antes mesmo de ser falada.

De acordo com Costa (2009) o conceito de paisagem numa linha humanística foca em análises relacionados aos aspectos subjetivos, onde os elementos simbólicos contidos em cada paisagem abarcam um conjunto de valores particulares, e essa relação é explicada pela existência de signos que fazem parte de seu entorno.

Seguindo essa linha de raciocínio do autor citado acima, o conceito de paisagem enquanto realização humana em seu sentido fenomenológico, pois é marcado por ações e interpelações coletivas dos grupos, que através da simbologia são mediados e que modifica o indivíduo a sua volta.

De acordo com Aguiar, (2018) É nos lugares que as pequenas representações do global aparecem para os indivíduos. É neles que nos damos conta do movimento da vida e das rugosidades que o tempo nos deixou com o desenrolar da história dos homens e do que chamam de natureza.

Segundo Maciel (2005) tanto objetos construídos e naturais colaboram na participação das práticas sociais, que atribuem valor simbólico, atribuindo o poder de representação de identidades locais, regionais e nacionais, concomitantemente conferindo individualidades físicas, paisagísticas e arquiteturais que são decisivas para uma funcionalidade do espaço público. Tanto em suas músicas quanto em seus clipes, os artistas em tela referiram-se a paisagens que remetem a espaços públicos recifenses: a visão dos mangues do Capibaribe a partir dos cais e pontes talvez seja a imagem mais poderosas neste sentido, portanto metonímica.

São inúmeros os exemplos de elementos simbólicos contidas na paisagem da cidade do Recife, e que como já citado, frequentemente atribuem a um imaginário

cultural ao movimento. São exemplos de símbolos do Mangubeat, desde aspectos naturais/biológicos, como os rios, o manguezal e a imagem do caranguejo, até os aspectos criados, como estátuas, as pontes e até mesmo os lugares que eram de convivência durante o período de ouro do movimento, que resgatam e fortificam a memória simbólica.

É quase impossível para um recifense que conhece minimamente a história do Mangubeat caminhar na rua da Aurora, ver o caranguejo de ferro (Fig. 2) e não atribuir a obra ao movimento sociocultural ou até mesmo a imagem de Chico Science.

Figura 2 – Monumento em forma de Caranguejo localizado na rua da Aurora – Recife



Fonte: Autor, 2022

As simbologias podem ser vividas e assimiladas de modos diferentes a partir da leitura de cada indivíduo ou de cada grupo social em um determinado ambiente, acreditamos que tal fato pode vir a depender dos vínculos afetivos relacionados ao lugar. Em relação a isso Pessanha relata:

As formas simbólicas, materiais ou imateriais, são os signos compostos pelas relações entre os significantes e os significados. Por excelência, constituem representações da realidade, produzidas e perpetuadas pelos grupos sociais, podendo receber leituras distintas, uma vez que, um mesmo símbolo remete conteúdos e sentidos diferentes para cada indivíduo, na medida em que o simbolismo é vivenciado não só coletiva, mas individualmente. O caráter simbólico no Mangubeat não atua apenas relacionado as questões de cunho social ou cultural, atua também através de uma perspectiva de caráter estético, que demonstram ser um estilo de vida, uma espécie de moda, de arte do modo de se vestir, na postura de

manifestações artísticas, no modo de pensar e agir etc. (PESSANHA, 2016, p.123)

Nesta soma de sentimentos contraditórios, as pontes, rios e mangues adquiriram profundidade no imaginário social, sendo vistos como importantes marcos para representar a alma coletiva da cidade, participando da construção de um “ideal recifense” de “confluência” da vida social, da natureza e da organização física do meio urbano.” (MACIEL, 2005)

Portando é nesse “ideal” que este primeiro capítulo se desenvolve, na busca de comprovar de fato quais os lugares que podem ser vistos como “alma coletiva da cidade”, como relatada por Maciel (2005), porém usando o ponto de vista atrelado ao movimento Mangubeat. Perguntas como “Quais os símbolos que representam de fato o movimento Mangubeat na cidade do Recife, atualmente”? fazem parte de toda uma fonte de informações a serem descobertas.

As “paisagens de cartão postal”, como as pontes e mangues da cidade do Recife, participam de uma dinâmica muito mais rica que a mera instituição de uma estética imutável a serviço das elites ou da propaganda, uma cortina de fumaça para escamotear a miséria real dos que vivem na lama. Elas guardam a possibilidade de articular criativamente realidade e discurso através do imaginário geográfico dos seus habitantes. (MACIEL, 2005, p.14)

A partir da eclosão de movimentos socioculturais, a capital pernambucana toma novos ares. O Mangubeat consegue reinterpretar a cidade do Recife, a partir da criação de novos símbolos e significados que até então eram ignorados e vistos como atraso urbanístico.

Na escala íntima, a restauração dos símbolos do passado perpetua-se no movimento memorialístico dos lugares/símbolos outrora frequentados e, por outro lado, adesão e posse da memória coletiva, ou seletiva, como preferem alguns pensadores, na medida em que seria difícil haver um consenso intersubjetivo. Seja como for, as pessoas, as artes e os estudiosos retransmitem e restauram a magia dos símbolos pretéritos” (MELLO, 2008, p. 173)

O “homem-caranguejo” de Josué de Castro se transforma em um ícone da degradação humana, que é ressignificado de maneira positiva em “*mangueboy*” instituída por Chico Science e seus amigos (MACIEL, 2005). É o mimetismo de Homem e Caranguejo ficando na paisagem do Recife que ganha status de coletividade simbólica do movimento.

Figura 3 - Estátua de Chico Science, localizada na rua da Moeda – Bairro do Recife Antigo



Fonte: Autor, 2017

Com base em Correa (2010) é possível afirmar que há assimilação simbólica a partir de algumas representações materializadas na paisagem recifense. “Estátuas e elementos da natureza” nos chamam atenção nesse quesito mais uma vez. Tanto a estátua de Chico Science localizada na rua da moeda, quanto a estátua do caranguejo de ferro localizada na Rua da Aurora possuem expressivos significados para todos aqueles que conhecem e se identificam com o movimento.

Neste sentido é praticamente impossível dissociar o conceito de paisagem para com o conceito de lugar, principalmente quando trata-se de temáticas que envolvem temas relacionados ao geossímbolismo. O nosso imaginário é capaz de atribuir imagens representativas de lugares e espaços vividos, que contenham uma narrativa, ou uma história vivida.

Maciel (2005) relata que as interpretações da paisagem e do lugar se transformam, pois estão suscetíveis a mutações. Anos atrás nem se pensava que o ecossistema manguezal pudesse vir a ser símbolo ecológico e preservacionista de uma cidade que desejava aniquilar tal ambiente, que o mal cheiro era interpretado como uma “cidade suja”.

Na perspectiva de Oliveira (2022) a palavra “paisagem” remete a uma força de expressão capaz de representar a realidade de um determinado fenômeno, comprometendo o entendimento da mesma, em função disso o termo acaba sendo

resultado de alguns usos e costumes que são socialmente formulados em lugar e ocasiões restritas, não havendo emprego de todas as condições e contextos que possuem um mesmo significado.

Com o Manguebeat não é diferente. De fato, a cidade do Recife passou por inúmeras modificações desde a era de ouro do movimento mangue na cidade, até os dias atuais. O Recife é conhecido por suas enigmáticas pontes e rios, capazes de ligar as pequenas “ilhotas”.

Os geossímbolos de uma paisagem representam referências para a memória de vários grupos humanos, pois reforçam as relações sociais e identidade local, fortalecendo as representações do cotidiano. Assim, a cada momento vivido ajudam a reavivar a ligação dos indivíduos com a paisagem que os envolve (STRACHULSKI, 2015, p.82)

A atribuição de valor simbólico aos elementos carrega por si mesma uma série de mensagens e essências por trás daquilo que o aspecto materializado não consegue exprimir. As emoções, as memórias dos grupos que se identificam com o lugar/símbolo despertam também sentimentos nostálgicos, de histórias pessoais, sentimentais que fortificam ainda mais a identidade coletiva.

“Uma vez que toda experiência vivida remonta ao passado, é inquestionável a relevância das vivências, dos lugares e dos símbolos de outrora no processo de construção de identidade que vincula as pessoas ao seu lugar vivido, que passa e ser evocado e reverenciado não apenas por suas características hodiernas, mas também pela história e geografia que foi construída pelos indivíduos e grupos sociais em seu chão experienciado ao longo do tempo.” (FERNANDES, 2015, p.11)

“Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar” é uma frase proposital, que mistura uma série de interpretações e vivências. Envolve a noção de temporalidade, pois o espaço geográfico está sempre em constantes mudanças e transformações. A cultura transforma o ser, e esse ser transforma e ressignifica o lugar na qual está inserido. “Revisitar o passado” é um aspecto rotineiro na cidade do Recife. Os nomes das ruas, o nome de pontos históricos etc., sempre remetem a um passado fincado na memória cultural da cidade.

A paisagem da cidade recifense é capaz de agir como um elemento mediador entre as comunicações humanas e as diferentes formas de experiência. Os complexos significados presentes numa realidade geográfica, representam as

categorias tanto de paisagem, quanto de lugar, através de um processo simbólico privilegiado de simbolização (COSTA, 2009).

É preciso ressaltar também que a própria noção em si de lugar enquanto conceito geográfico possui um valor simbólico, que se expressa a partir da paisagem. Podemos afirmar inclusive que a cidade do Recife é um símbolo presente no e para o movimento Mangubeat. Entretanto, o interesse maior da dissertação recai nos sentidos de lugar: como esses geossímbolos e paisagens criam topofilias? Quais os lugares impregnados por sentidos, vivências e valores advindos do imaginário geográfico acionado pelo Mangubeat?

O lugar possui em sua essência um caráter subjetivo, no sentido que pode ser vivido e experienciado de diferentes formas por grupos ou indivíduos. É preciso também dizer que ao mesmo tempo que esse caráter age de modo subjetivo, influenciando os indivíduos, age também de modo objetivo, quando esses mesmos indivíduos influenciam o lugar. O que existe na verdade é uma relação recíproca entre subjetividade-objetividade, lugar-indivíduo.

“Lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. Conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico de magnitudes diferenciadas como pátria, prédios, ginásios e as simples pedras do caminho são as tarefas a serem empreendidas nessas reflexões inaugurais.” (MELLO, 2008, p.167)

E tais “laços emocionais ao longo dos anos” é totalmente perceptível quando imaginamos a atuação do movimento Mangubeat na cidade do Recife. Desde a própria noção de identificação tanto daqueles que se veem no movimento, como também daqueles que conhecem o movimento e se sentem representados, através de um forte elo de ligação que se mantém estabelecido ao longo dos anos.

Esses laços emocionais citados por Mello (2008) fazem parte de toda uma construção simbólica do espaço enquanto representação, que é absorvida pelos *manguemoys* e *manguemoys* (Termo muito utilizado durante os anos 1990 pela imprensa e integrantes do movimento). Com passar dos anos, e o falecimento do grande nome do Mangubeat, Chico *Science*, tais laços foram ainda mais estreitados. A sua morte, poderia ali marcar o fim de um movimento sociocultural, que ainda jovem na época, já marcara a sociedade não só pernambucana, mas

também nordestina e brasileira. Mais tarde, o próprio Chico *Science*, chega a se consolidar como um símbolo imanente ao Mangubeat.

Segundo Fernandes (2015) Vivenciar o lugar permite estar entrelaçado numa série de interações com outros indivíduos, através de uma rede de profundas relações que se interligam devido as experiências que são compartilhadas. O lugar não possui um significado simbólico de única mão. Ele é resultado do processo de construção recíproca entre aquilo que é material e imaterial. O valor simbólico antecede até mesmo nossas próprias interpretações a respeito do que está sendo experienciado.

“A ligação das pessoas com a paisagem local, nesses termos, é expressa pelos geossímbolos que revelam as ideias, atitudes, estilos de vida, conhecimentos e muitos outros elementos da cultura local. Neste sentido, acabam estabelecendo com a paisagem por eles vivida um sentimento de pertencimento àquele lugar que é o *locus* de sua origem e provavelmente o do fim de muitos” (STRACHULSKI, 2015, p.86).

É preciso ressaltar que o conceito de lugar dentro da Geografia pode possuir diversas interpretações e significados. A categoria de Lugar, atrelada a noção de topofilia precisa ser compreendida como um espaço que contém história. Não apenas relacionado ao passado, mas um local, que é marca de afetos, desafetos, emoções, sentimentos, esperanças e todo e qualquer tipo de relação, seja ele positivo ou negativo.

A aproximação do indivíduo para com a paisagem possui explicações fundamentadas na cognição, através da construção da memória do lugar, na qual é caracterizada pelas atividades que são realizadas no dia a dia, produzindo desta assim, formas de espaço que são culturalmente construídas e constituídas, levando a criar elos de ligação do indivíduo, possibilitando a criação da identidade para com o próprio lugar, causando uma proximidade, que se constrói a partir dos conhecimentos ao seu entorno (COSTA, 2003).

A relação de proximidade entre indivíduos-cidade-movimento ficou ainda mais estreita no ano de 2009, quando o movimento Mangubeat recebeu o título de patrimônio imaterial do estado de Pernambuco, através da Lei Nº 13.853/2009¹². Lei

¹² Lei Nº 13.853/2009 – Assembleia Legislativa de Pernambuco (ALEPE) Ementa: “Considera o Mangubeat Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Pernambuco.” Disponível: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=169&tipo=TEXTORIGINAL>. Acesso: 09/07/2023.

está, que havia sido sancionada pelo então antigo Governador do Estado Eduardo Henrique Accioly Campos, dando continuidade a um movimento que nunca esteve adormecido como muitos pensam. “Art. 1º O Mangubeat passa a ser considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Pernambuco.”

Os indivíduos que se identificam com o movimento evocam uma interação emocional, tanto com o movimento, com o próprio local, quanto com os elementos contidos na paisagem. É nessa relação que se constrói a emoção, o afeto de pertencimento, que pode, claro, ser afetado pelo tempo, podendo atingir de fato a própria ideia de “emoção”.

Então a geografia do afeto nos ajuda nesse sentido, a atribuição de sentido e a ideia de identidade. É nessa linha de pensamento que podemos entender esse “acontecimento” e despertar as emoções dos integrantes do movimento Mangubeat em seu auge.

3.3 NEM SÓ DE SOPA VIVE O HOMEM..., MAS DE CULTURA TAMBÉM

A Soparia, icônico bar e lugar de encontro viram temática abordada na obra mais recente de José Teles. Intitulado como “Soparia: de boteco a palco de todos os sons” lançado pela editora pernambucana CEPE, no último ano de 2023. A obra em questão traz uma série de curiosidades e fatos relacionados a um dos lugares mais badalados na década de 1990. Seria a Soparia o principal ponto do movimento Mangubeat?

O livro inclusive conta com muitos relatos, tanto de pessoas conhecidas pelo público pernambucano como também de pessoas menos conhecidas. Revelando a importância da Soparia na cena cultural pernambucana como num todo. Não só dentro do campo musical, mas também no campo visual.

Mais que um simples ambiente apelidado pelo próprio Roger de Renor “pega-bebo” era um local, de reunião de histórias, amizades, era também um local de diversão e entretenimento, capaz de aglutinar de uma única vez só tantos nomes conhecidos de nossa cultura contemporânea local.

Figura 4 - Público presente em frente à Soparia, a agitação à solta



Fonte: José Teles, s/d

Roger de Renor era o proprietário do local, fez sua carreira como um verdadeiro agitador cultural. Ficou eternizado pela música *Macô*¹³, pertencente a CSNZ, no refrão “Cadê Roger?” contando com a participação mais que especial de Gilberto Gil. A frase mais dita na Soparia era: “Cadê Roger?” na qual era intensivamente repetida por quase todos que frequentava o espaço (TELES, 2023).

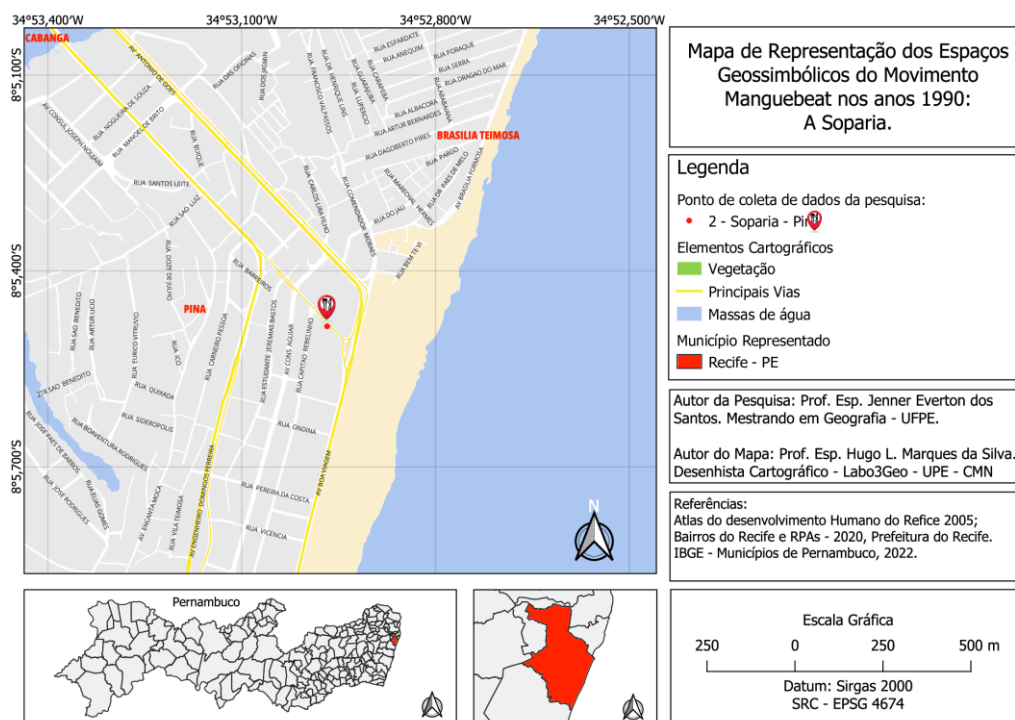
Teles (2023, p. 25) ainda completa “Macô é uma mistura abstrata da Soparia: “De lama nada/ segura essa garrafa / o gargalo já tá feito / tás adivinhando cheia / olha pra lá / vira a cara não dá bola / pega uma ficha aí bota lá na radiola”.

Além dos integrantes do Movimento Manguebeat, outros ícones da música pernambucana também já deram as caras, entre eles o próprio Alceu Valença. José Teles ainda em sua obra afirma que essa movimentação artística não se limitava até então a Zona Sul da cidade, inclusive havia outros espaços cujo era refúgio da intelectualidade na cidade, entre seus frequentadores nada mais nada menos Jean-Paul Sartre e sua companheira Simone de Beauvoir (TELES, 2023).

¹³ Chico Science e Nação Zumbi – *Macô*. Letra completa: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77663/>. Ano de Lançamento: 1996, AfrociBERdelia.

Em seu tempo de existência era localizada na principal Avenida da Zona Sul, a Avenida Herculano Bandeira, nº 96. Infelizmente hoje em dia o prédio já não existe mais. Para melhor entendermos sua localização abaixo temos um mapa (Figura 5), evidenciando a antiga localização da Soparia. Era um bar bem localizado, com fácil acesso tanto para as pessoas da zona sul quando da zona norte do Recife, próximo à Brasília Teimosa, no Pina. Do outro lado da via estava também a Avenida Domingos Ferreira, uma das principais vias de acesso para quem vinha no sentido Olinda, ou para quem demandava no sentido de Piedade e Candeias (bairros do município de Jaboatão dos Guararapes)

Figura 5 - Antiga localização da Soparia



Fonte: Hugo L. M. da Silva, 2024

Podemos conferir abaixo, outras figuras que mostram um pouco do ambiente interno da Soparia. Juntamente com suas decorações, tornou o local único entre tantos, e até os dias atuais é memorada por essa ambientação.

Figura 6 - Agenda semanal de shows e cardápio de sopas



Fonte: José Teles, s/d

José Teles (2023) relata que a Soparia não havia sido pensada para ser um reduto da música. Mas que aos poucos foi se tornando um verdadeiro polo atrativo artístico, músicos, artistas e cineastas, servindo assim de ponto de atração das Bandas que surgiam na Região Metropolitana do Recife.

O próprio nome do bar em questão, já entregaria seu maior carro chefe, mais de 15 sabores diferentes poderiam ser degustados por quem visitava o local. Quando Roger de Renor criou a Soparia, o Manguebeat começava a alcançar voos mais altos. Em 1993, Mundo Livre S/A e Chico Science e Nação Zumbi, os dois principais grupos representantes do movimento, apresentaram-se pela primeira vez no Sudeste. Começou o assédio das grandes gravadoras para contratá-los, certamente o motivo pelo qual os dois grupos tocaram pouco na Sopa embora os integrantes tivessem participado de muitas *jam sessions* no bar. Ou seja, estavam no limiar da fama nacional, e com grandes agendas ocupadas. A mundo Livre S/A, por exemplo, só tocou na Soparia quando fez dobradinha com CSNZ, num show que foi uma espécie de vitrine para ambos. (TELES, 2023, p. 41)

Alguns outros personagens da cena cultural do Mangue também frequentaram bastante o ambiente. Entre eles o DJ Dolores, o Helder Aragão, um dos entrevistados inclusive desta atual pesquisa, onde na época trabalhava como designer, participando até mesmo em parceria com Kleber Mendonça Filho. Um outro personagem assíduo na Soparia era Otto, que até relembra o privilégio de ter participado ao mesmo tempo dos dois grupos de maior expressão do Manguebeat: Mundo Livre S/A e CSNZ (TELES, 2023).

Como citado anteriormente a Soparia também foi um lugar cujo deu espaço para outros ramos além da música. A produção audiovisual também começou a

ganhar destaque nesse período. Inicialmente com Kleber Mendonça Filho, que na época trabalhava como crítico de cinema no *Jornal do Commercio* (TELES, 2023).

Cinema é uma arte que demanda altos custos. Se ainda é assim nesta terceira década do século XXI, imagine em meados dos anos 1990. Felizmente, a maioria dos que trabalhavam com cinema e vídeo tinha alguma afinidade com o Manguêbeat e a noção de que o que acontecia naquela época, em termos culturais, precisava ser registrado. E aí se inclui desde Kleber Mendonça Filho a Nilton Pereira, da TV Viva, gente com inclinação ao cinema que documentou shows ou fez clipes das bandas (TELES, 2023, p. 49).

Foi nessas gravações e de tudo aquilo que precisava ser registrado que Jura Capela, de uma geração anterior a Kleber Mendonça Filho saiu registrando imagens, e acumulando um denso material de vídeo que anos mais tarde daria origem ao documentário *Manguêbit*, combinado com depoimentos de pessoas que tiveram algum envolvimento com o Manguêbeat nos anos 1990.

Com o acúmulo de matérias e horas de trabalho registradas, no ano de 2022 Jura Capela realiza um documentário a partir de seus arquivos registrados. O documentário em questão não se limita apenas a escala nacional, mas também a nível internacional, sendo premiado inclusive em Barcelona, Espanha e exibido na Grécia, na participação da divulgação da música pernambucana (TELES, 2023).

Jura Capela usa em *Manguêbit* imagens da última noite da Soparia, coloridas e caóticas, registro do então estudante de jornalismo Luiz Joaquim, mais tarde crítico de cinema do *Jornal do Commercio* e da Folha de *Pernambuco* e ex-programador do Cinema da Fundação ao lado de Kleber Mendonça Filho. Ele teve a feliz ideia de legar à posteridade aquele momento. Feliz também foi a coincidência de ter em casa uma recém – adquirida câmera de vídeo comprada pela família (TELES, 2023, p. 57)

Sendo assim, podemos averiguar que a relação entre Manguêbeat e geossímbolos se faz de modo presente na cidade do Recife. Elementos esses que espalhados pela cidade, são capazes de criar identificações simbólicas dos indivíduos contidas no imaginário, além é claro de averiguar as próprias referências relacionadas as reminiscências espaciais atreladas ao movimento.

O capítulo a seguir em questão abordará alguns outros conceitos que se mostram relacionados com o Manguêbeat, partindo da perspectiva do conceito de lugar e toponímia e se apropriando das questões levantadas através da Geografia das emoções.

4 O CONCEITO DE LUGAR E AS GEOGRAFIAS DO MANGUEBEAT

A nitidez da presença da culturalidade do movimento Manguebeat na cidade do Recife, é expressa a partir de uma série de vivências e identificações por parte dos indivíduos. Isso é percebido através de uma análise mais pessoal em eventos, shows, ou qualquer outra articulação que tenha alguma relação com o movimento.

Tais vivências são percebidas a partir tanto de uma análise pessoal, como também de interpretação dos discursos das entrevistas, onde são despertadas sentimentos e percepções relacionadas ao sentido de lugar.

Pensar o espaço numa ótica simbólica é compreender o mesmo com um espaço de ação, que é resultado da ação do ser simbólico, regulado e vinculado pelas próprias formas simbólicas ao lugar. Essas formas por sua vez motivam a construção das espacialidades experienciáveis que dão sentido e significado aquilo que é simbólico. (SILVA. 2019)

“À medida que os grupos culturais reencontram seus espaços como um prolongamento da própria identidade dos seus habitantes, estas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de construção, destruição e recuperação da paisagem, de natureza diversificada” (LIMA, 2002, p. 120).

O “status” desse geossímbolo para com um elemento sociocultural que faz claras referências ao movimento Manguebeat, ao nosso ver parece em certos momentos transgredir essa categoria. Mas isso não é apenas uma afirmação apenas da “boca para fora”. Esse relato se dá a partir da identificação simbólica que carrega consigo o vínculo emocional que resgata uma série memórias, afetos e nostalgias desencadeadas a partir de um passado não tão distante.

É nessa interação contínua com o Manguebeat, que os indivíduos que se identificam com o movimento são capazes de criar um elo de ligação emotiva para com o lugar e os elementos. Sendo capazes naquele instante de revisitar o pretérito, numa espécie de “modernização do passado”¹⁴ carregando consigo todo um significado de ideias, sentimentos e emoções que estão vinculadas ao lugar.

¹⁴ Referência a vinheta de Chico Science e Nação Zumbi. Consultar o Link a seguir: <https://www.letas.mus.br/nacao-zumbi/77649/> Acessado em 25/07/2023.

Os afetos na cidade do Recife, revela HD Mabuse, eram totalmente outros, segundo ele o Recife é uma cidade “FODA”. “Recife consegue ser uma cidade mais lindas, que quero viver aqui, mas ao mesmo tempo, é uma cidade que maltrata pessoas”. Interessante pensar essa fala de HD Mabuse, pois percebemos nuances contrárias ao mesmo indivíduo perante o lugar que está inserido.

Paralelo à fala de HD Mabuse, Fábio Trummer diz algo semelhante: “Era um local escuro e o Manguêbeat trouxe luz, limpou o local, organizou... pensar na cidade do Recife, sem o Manguêbeat, é aprofundar aquilo que já era ruim naquele momento”(entrevista concedida em 10/05/2023). Existe uma clara aversão ao modelo do Recife lá no passado, período antes do Manguêbeat.

De um lado o sentimento *topofílico* e do outro o sentimento de *topofobia* (Tuan, 2012), de repulsa ao lugar. Caminhando lado a lado, sentidos pelo mesmo indivíduo e no mesmo lugar. Mas não adiantemos tanto, pois questão relacionada a *topofilia* será alvo de debate em linhas futuras.

Entre os locais citados por Fábio Trummer estão: Pocoloco, Cantinho das Graças, Castelo de Grayskull, Clube da Farra, Os quatro Cantos de Olinda, Oásis, Soparia, Alto da Sé, Rua da Aurora e outros não menos importantes.

O Alto da Sé por exemplo servia como ponto de encontro, numa ideia de conversa e discussão sobre os vocabulários próprios e originários do Movimento Manguêbeat, revela Fábio Trummer. Dentro todos os citados, Fábio Trummer diz que só frequenta ainda “Os Quatro Cantos de Olinda

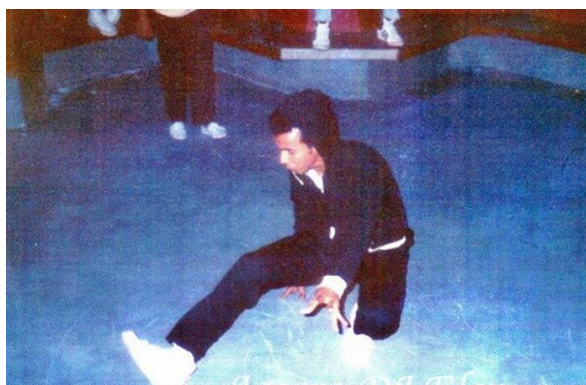
Essa interação para com o lugar, é capaz também de criar e formular o sentimento de pertencimento. As afetividades são construídas e moldadas em determinados espaços geográficos que são influenciados diretamente pela ação temporal, podendo é claro a depender do nível interacional do indivíduo transcender ao status de “espaço afetivo”.

Quando indagado sobre quais os lugares eram frequentados pelos integrantes do Manguêbeat, HD Mabuse, relata até que é difícil de escolher os lugares que foram mais importantes dentro do Manguêbeat, difícil no sentido de haver uma grande diversidade de lugares e que todos foram importantes. Tendo isso

em vista, HD Mabuse decide em duas fases diferentes, uns lugares tiveram vivências mais fortes e outros com tipos de convívios diferentes.

Locais públicos também são colocados como lugares importantes para o Mangubeat, os bares localizados no Bairro das Graças – Recife, por exemplo, a boate Misty , importante no sentido de propiciar conexões, com shows de Hip Hop (inclusive na figura abaixo vemos essa demonstração com Chico Science); com show inclusive do Mundo Livre S/A.

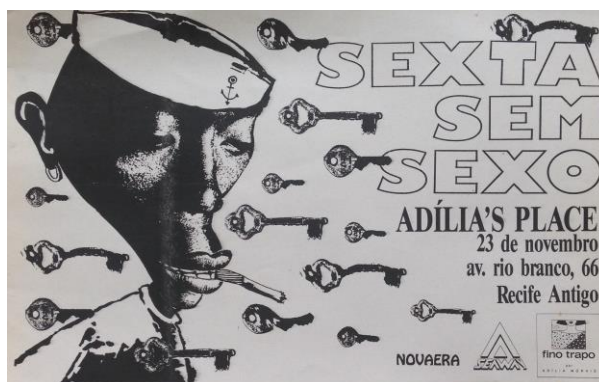
Figura 7 - Chico Science improvisando um Break Dance na boate Misty



Fonte: Google Imagens, s/d

Os “lugares épicos”, assim chamados por HD Mabuse, estariam o Adília's Place cuja localização está explícita na figura 8 abaixo num cartaz de divulgação, O Bar do Grego, este último segundo o mesmo pouco mencionando. Já em Olinda, havia a Peixaria, o Oásis, colocado como casa de Espetáculo e o Pocoloco.

Figura 8 - Cartaz de divulgação do Adília's Place do "Sexta sem sexo"



Fonte: HD Mabuse, s/d

Entre as fotos cedidas pelo HD Mabuse, temos algumas que nos chamam atenção referente ao Adília's Place. Na figura 7 por exemplo, podemos visualizar uma das imagens mais raras referentes a Chico Science, em seu momento de diversão; as imagens 9 e 10 ilustram mais o ambiente interno, com as boias coloridas de marinheiro, com bebidas expostas, tabela de preços referentes ao consumo e algumas cadeiras no salão. Algumas dessas informações já haviam sido ditas anteriormente por Renato Lins.

Figura 9 - Ambiente interno do Adília's Place próximo ao caixa



Fonte: HD Mabuse, s/d

Figura 10 - Ambiente interno do salão do Adília's Place



Fonte: HD Mabuse, s/d

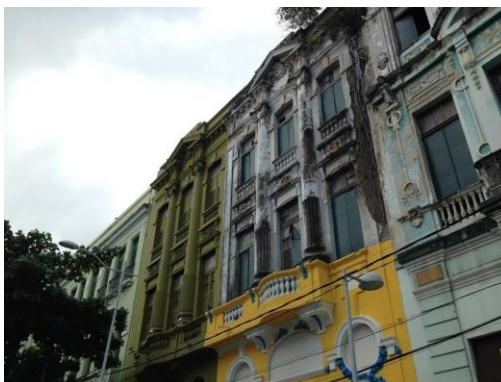
Figura 11 - Chico Science e uma amiga no Adília's Place



Fonte: HD Mabuse, s/d

Infelizmente a ação do tempo juntamente com uma série de outros fatores, contribuiu com a deterioração do espaço (Figura 12), caindo assim no esquecimento de uma cidade tão rica culturalmente, mas que não foi capaz de preservar a memória cultural tão recente.

Figura 12 - Antiga localização do Adília's Place



Fonte: HD Mabuse, s/d

Um outro local também bastante citado por Mabuse é o Francis Drinks, que ficava localizado próximo ao Cais de Santa Rita, bairro de São José no Recife. Na

figura 13 abaixo, podemos prestigiar um pouco do interior do espaço. Segundo Mabuse, o espaço era considerado um cabaré.

Figura 13 - Interior do Francis Drinks, um dos espaços mais icônicos nos anos 1990



Fonte: HD Mabuse, s/d

A cidade de Jaboatão dos Guararapes - PE também teve uma participação importante dentro da história do movimento Manguebeat. Houve alguns pontos específicos ao redor da cidade, como Candeias e Barra de Jangada. Localizado em Candeias, com explicitado no mapa abaixo, havia o Bar do Caranguejo, que era bastante frequentado revela HD Mabuse.

De acordo com Santos e Lima (2020) a relação afetiva de um indivíduo para com o lugar é construída a partir de uma interatividade a partir de valores e sentimentos, que de uma forma ou de outra, possibilita a noção de pertencimento ao indivíduo que se vê representado tanto pela paisagem quanto pelo lugar.

O sentimento de pertencimento é a sensação que o homem faz parte do lugar e que o lugar é um quebra-cabeça, a qual ele é uma peça que possui uma dada contribuição. Nessa relação afetiva, a construção do sentimento de afetividade possui uma relação ao período em que o homem se encontra inserido em um determinado lugar (SANTOS e LIMA, 2020, p. 283).

É intensa a ligação entre o ser humano e seus lugares, na sua relação direta com patrimônios culturais e emoções que incide nos outros. Os geógrafos de um passado recente, já tinham consciência deste fato, agindo a partir de uma intuição, que funcionava com um exercício de pensar o mundo, resultado das forças intelectuais, que deveriam ser, portanto, apagados a irracionalidade do sentimento. (PERSI, 2010).

É interessante ressaltar, que a percepção e a relação íntima com os lugares parte da experiência vivida particular de cada sujeito. O que é dito e percebido por um, pode ser completamente experienciado por outro. Com isso, HD Mabuse ressalta que todos esses lugares por ele até então descritos possuem de certa forma a mesma importância e sentimento afetivo que tinham no passado, no auge do Mangubeat “Esses lugares que te falei, eles estão na memória e mais fortes, a maioria desses lugares aí que te falei, hoje são ‘inventados’”

“A identificação que eu tenho com o lugar, tá muito mais associado com as relações com pessoas que eu tive naquele lugar, não tá relacionado com a questão física daquele local lá, tá entendendo? Essa construção da memória, é de uma relação social de pessoas que eu tenho apreço. Esses lugares habitam esse grande mapa da memória né?” (entrevista concedida em 10/05/2023).

Segundo Santos e Lima (2022) os lugares seus construídos a partir de suas simbologias e costumes representacionais, são capazes de gerar nos indivíduos a ideia de memória. Tal memória pode desencadear o elo responsável pela afetividade, em dois sentidos diferentes: Um é a chamada memória coletiva, na qual

é universal e está presente em todos aqueles que se identificam com o lugar, e a outra é a memória individual na qual a experiência se torna individualizada.

Foi em Olinda por exemplo que o primeiro show do Chico *Science* e o Lamento Negro aconteceu, nos ressaltamos HD Mabuse, com um público estimativo de trinta pessoas em média, aconteceu em um local chamado Oásis que era um bar, no município de Olinda – PE.

“Eu cheguei também a morar um tempo por lá, mas vi tudo abandonado, dava só pra ver o palco assim e tudo mais...a banda que eu tive com Jorge e Chico (*Science*) o ‘Bom Tom Rádio’ a gente fez um show só que foi no Oásis” (entrevista concedida em 10/05/2023).

Outra figura importante e que foi influenciado de alguma forma pelo movimento Mangubeat, é Fábio Trummer, original de Olinda mais especificamente bairro de Rio Doce, o vocalista da Banda Eddie, experienciou de perto toda a elevação do Mangubeat tanto na cidade do Recife quanto na cidade de Olinda.

O Mercado Eufrásio Barbosa localizado também na cidade de Olinda, foi um ponto de “muvuca” que se vinculava ao movimento, aos finais de semana se fazia valer da pura agitação e rapidamente os ingressos para prestigiar Nação Zumbi se esvaíam, além é claro de ser ponto de manifestação do Maracatu, um dos ritmos presentes no Mangubeat.

E já que estamos falando de Olinda no auge do movimento Mangubeat, lá para os anos 1990 o axé music também fazia sucesso, esse gênero musical em questão estava intimamente ligado a música baiana, que se configurava como uma indústria. Apesar de não ser o foco do atual trabalho, ficam evidentes as rivalidades relacionadas a identidade local através da música possibilitando um olhar mais crítico da Geografia cultural atrelado com as territorialidades (LIMA, 2018).

Lima (2008) em seu trabalho cita um fato curioso relacionado ao axé, onde em pleno carnaval pernambucano no ano de 1993, um debate foi levantado na cidade de Olinda a respeito da limitação musical, ou seja, a proposta do vereador Fernando Gondim tinha o objetivo de estabelecer um teto mínimo (60%) para o gênero característico do carnaval pernambucano: o frevo. Essa proposta foi vista uma tentativa de conter o avanço do axé no carnaval da cidade.

Lima (2018) ainda ressalta que a medida não foi aprovada, porém o debate voltaria à tona no ano de 2001 com a prefeita Luciana Santos, numa tentativa de preservar o Carnaval Olindense e controlar o axé nas ladeiras de Olinda.

A grande questão é, que de fato o movimento Mangubeat, conseguiu resgatar diversos gêneros musicais que naquele momento vivia às margens. Mesmo com a hibridização de ritmos, houve de certa forma um maior reconhecimento de manifestações culturais regionais, como o caboclinho, o maracatu e até mesmo o próprio frevo.

Desta mesma forma, alguns dos entrevistados como Fábio Trummer e China, expõem seus pontos de vista a respeito do carnaval pernambucano na atualidade, ambos fazem duras críticas a quantidade extrema de artistas de outras regiões do Brasil presentes em apresentações nos principais polos carnavalescos da cidade do Recife, da quantidade de gêneros musicais que fogem totalmente da originalidade do carnaval pernambucano e claro sempre em troca de altos cachês. China por exemplo faz duras críticas ao modelo de carnaval exposto pela cidade do Recife, com o slogan “Multicultural”, China crítica: “Cara, você vê Lia de Itamaracá, que é totalmente independente, é nossa, tem tudo a ver com a cultura pernambucana, tem relação com o Mangubeat, mas nunca esteve presente no palco principal (Marco Zero) do carnaval do Recife, é uma vergonha” (entrevista concedida em 14/02/2023). A crítica aqui nos guia a um olhar perante a mercantilização carnavalesca, cujo objetivos atendem apenas ao modelo vigente na cidade.

Por mais que podemos admitir que as experiências sentimentais e emocionais postas no espaço despertam noções topofílicas, não devemos ignorar a existência de uma subjetividade na interpretação do mundo na qual estamos inseridos.

Tais experiências são singulares, particulares e individuais, onde todos os indivíduos enxergarão e experienciarão os fenômenos (sejam culturais ou não) de formas diferenciadas.

Um mesmo lugar pode ter diferentes significados para diferentes pessoas dependendo de qual sentimento une o indivíduo ao lugar. Esse elo, criado através das vivências pode ser entendido, por exemplo, quando se pensa que em um mesmo hospital onde ocorre o nascimento de uma criança, o que é tido como algo feliz, também pode ocorrer a morte de um ente querido, o que é visto com olhos de tristeza. Assim, a experiência é fator

determinante para a criação de um sentimento mesmo que de forma simbólica. (SANTOS e LIMA, 2020, p. 285).

Cada lugar, cada indivíduo experimenta e vivencia o ambiente na qual está inserido de diferentes maneiras. Uma vez que cada um de nós carregamos consigo experiências singulares que são movidas pelas nossas emoções e que podem sim serem determinadas pelos espaços afetivos que estamos inseridos.

4.1 LUGAR E EMOÇÃO

Cada espaço tem o poder de revelar o particular que compõe a vida, prezando pelo significado que nós indivíduos damos aos lugares numa relação que é mediada a partir das nossas emoções (SILVA, 2019). Em suma espaços afetivos específicos podem ter revelações de significados que são atribuídos de maneiras específicas e por indivíduos ou grupos também específicos.

Entre os debates que enfocam a questão do sujeito, temos a inserção do espaço, capaz de colocar em foco as discussões relacionadas as subjetividades e as objetividades.

Sujeito e lugar também reverberam discussões ao longo da história da geográfica:

O conceito de lugar, tem recebido diferentes concepções. Suas significações remetem tanto a abordagens que priorizam os aspectos locacionais, isto é do sítio, quanto referenciais teóricos que, ao darem significado ao lugar, elencaram questões vinculadas às relações humanas, ao afeto, o sentimento de pertencimento e a identidade do indivíduo com o lugar. (SPOSITO, 2021, p. 179).

Entre as contribuições relevantes dentro da geografia humanista, estão inseridas as formas de aferir o lugar valorizando a subjetividade a afetividade, pois através dessas ligações entre sujeito-espaço vivido é que o lugar é construído e constituído, de fato é o espaço que é grifado pela experiência e percepção (SPOSITO, 2021).

Berdoulay e Entrikin (2012) destacam que tanto sujeito quanto lugar se constitui como algo único, onde o sujeito é capaz de transformar a si mesmo e transformar de modo paralelo o mundo ao seu redor. É nessa dinâmica que o sujeito se estabelece com ativo no ambiente que está inserido.

Junior e Almeida (2019) destacam que o conceito de lugar possui atualmente um interesse renovado, buscando se atentar a nossas formas de aplicabilidades relacionadas a sua própria definição. Essa discussão do “lugar” apresenta uma discussão de leitura focada nos “vínculos” no contexto geográfico. Ainda segundo o autor os vínculos irão corresponder a forma como os sujeitos influenciam e são influenciados dentro da realidade geográfica.

Se referir a cidade do Recife como *Manguetown* na visão de Renato Lins, é uma clara referência a uma relação íntima com a cidade, mesmo que em algum momento haja esse desprendimento, e ausência de topofilia para com a cidade do Recife, a utilização do termo pelo indivíduo automaticamente é uma legitimação e expressão de certos significados que apenas ele e os demais conseguem compreender.

“O uso do termo traduz uma identificação do Recifense com o Mangubeat, quanto uma relação afetiva que ele possui com a própria cidade, as duas coisas assim, se misturando. Mas é evidente que é produto de uma relação que a gente tem. É diferente de HellCife por exemplo né? ‘Hell’ de inferno... Que tem um sentido muito mais crítico, tem o lado afetivo também, mas tem uma pegada mais crítica, eu vejo na *Manguetown* uma conotação mais positiva digamos assim” (entrevista concedida em 11/01/2023).

De acordo com Nogué (2015) o enraizamento criado por nós e nos lugares, que independem de escala, é essencial dentro da estabilidade emocional, pois atual como elo entre o ponto de contato e interação dos fenômenos globais e as experiências individuais, sendo assim o espaço geográfico é um espaço existencial e imerso em lugares vividos diferentes entre si.

Essa interação do lugar (aqui sendo a cidade do Recife ou trechos da cidade ressaltados pelo Mangubeat) para com o global é compreendida a partir do momento em que uma das simbologias do Movimento é uma antena parabólica fincada na lama do Manguezal, fazendo justamente uma alusão da conexão com do local, para com o global, justamente em um período marcado pelo avanço das novas tecnologias.

Ao analisar as falas de alguns entrevistados e tentando relacionar com os conceitos aqui apontados neste trabalho de Mestrado é percebido que lugar, com seu despertar sentimental, vivências, emoções etc; está imbricando enquanto conceito Geográfico no Mangubeat.

Tendo isto em vista, Renato Lins nos revela que a sua relação com a cidade do Recife foi drasticamente modificada de fato, em razão da mais íntima vinculação com o ambiente urbano justamente devido a existência do movimento Mangubeat “passei a ter uma relação muito mais íntima e afetuosa com a cidade, passei a enxergar melhor a cidade que a gente vivia”.

De modo ontológico há uma inexorabilidade em relação ao imaginário e a existência dos lugares, que causam interpretações e apresentam “verdadeiros contextos” de dinâmicas políticas, sociais e ambientais (JUNIOR e ALMEIDA, 2019)

E isso pode ser constatado de fato quando percebemos o Mangubeat em sua atuação de modo holístico durante os anos 1990. Onde os “múltiplos contextos” são explorados ao máximo, tanto a partir dos próprios criadores numa ideia de percepção da cidade, do espaço ao seu redor, quanto mesmo daqueles que enxergavam no movimento uma nova forma de interpretar a cidade.

Significado, enraizamento, familiaridade para com o espaço na qual se está inserido, tudo isso é perceptível quando olhamos o Mangubeat a partir dessa ótica. Quando enxergamos a cidade do Recife como um Lugar, que explorado pelos integrantes do movimento, (lugar esse visto como lugar vivido) é sustentado em diversos significados. Mas o Recife como lugar foi eleito pelo movimento a partir de algumas partes sinédóquicas: os manguezais do Capibaribe (e do Beberibe), o próprio rio ao cortar bairros com palafitas, a Soparia de Roger, etc.

“O Mangubeat me possibilitou a conhecer lugares que até então, antes eu não conhecia, eu não conhecia por exemplo o Alto José do Pinho, a gente ia assistir shows no Alto José do Pinho (de modo frequente) isso enriqueceu a minha visão da cidade, a circular um pouco mais pela cidade.” (entrevista concedida em 11/01/2023) A vivência para com o lugar, aqui nesse trecho posta de forma mais pontual e específica por Renato Lins, é destacada por ser uma das características mais marcantes do conceito de Lugar.

Mais adiante Renato Lins ressalta que no Alto José do Pinho, havia o Bar do Orlando, local onde certas bandas tocavam, como o próprio Devotos do ódio muito antes mesmo do Mangubeat.

E para isso não precisamos ir tão longe assim, basta olharmos ou nos atentarmos um pouco para a letra da música *A cidade* de Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ).

Mas certamente existiam também outros lugares na qual os idealizadores ou até mesmo influenciadores do movimento Mangubeat, circulavam de modo frequente. Construíam realmente relações das mais estreitas possíveis, e não apenas com o lugar em si, através das suas vivências, percepções, mas por ser também um dos berços do nascimento do movimento.

Nesse viés Renato Lins cita peixinhos, por ser o local onde fica localizado especificamente o Daruê Malungo, onde Chico Science teve suas primeiras aspirações musicais, e por ser o lugar de fertilização do Lamento Negro¹⁵. Não sendo também surpreendente ao citar Candeias, bairro do município do Jaboatão dos Guararapes, localizado na Zona Sul, por ser um local onde de fato ele cresceu; “O Mundo Livre S/A, era a turma que eu de fato andava... Olinda também foi muito importante, a Cidade Alta, na verdade Olinda em geral, que tá presente na Música do Eddie¹⁶. (entrevista concedida em 11/01/2023)

No caso de Olinda havia o *Bar de Kurt*¹⁷, que também servia como ponto de encontro entre os “Manguboys”; O Pocoloco localizado também em Olinda, era um bar frequentado na qual hospedavam alguns shows como o da Banda Eddie; E o *Ele e Ela Bar*. Este último revela HD Mabuse em tom de brincadeira “Esse era o Boteco mais seguro da terra, ficava na frente da Delegacia de Maranguape I, ou então o mais perigoso né? (Risos). Completa ainda HD Mabuse:

“Eu lembro que um dia foi eu e Chico, nesse ‘Ele e Ela’, e cachaça comia... eu tava um tempão sem beber e eu lembro da gente tomando caldinho e de repente apaga tudo e lembro da gente num Congresso lá na Universidade... Nem eu e nem Chico tem a menor ideia de como a gente foi parar lá, eu só lembro da gente vendo um vídeo de um matemático sobre fractais e vibrando (UHU).” (entrevista concedida em 10/05/2023)

¹⁵ Grupo de percussão Samba/Reggae formada na cidade de Olinda – Pernambuco no ano de 1980

¹⁶ Renato Lins aqui se refere a Banda Eddie, liderada por Fábio Trummer.

¹⁷ Segundo Renato Kurt, era um rapaz suíço que vivia em Olinda, proprietário deste bar e que era frequentemente visitado por Chico Science, HD Mabuse, Jorge Du Peixe

O Bairro das Graças (Recife) na visão de Renato Lins teve um papel importante para a formulação do Mangubeat, pois durante um certo período entre os anos 1980 e 1990, um apartamento próximo servia como ponto de encontro entre o próprio Renato Lins, Chico *Science*, Fred 04 entre outros, um verdadeiro “*pit stop*” pois era nesse local, especificamente num apartamento de um amigo em comum em que eles ouviam músicas, trocavam ideias, sonhavam e conversavam etc.

“O Cantinho das Graças” também fazia certo sucesso diz Renato Lins e HD Mabuse onde Chico *Science*, contou pela primeira, que havia criado algo diferente, um som novo, com O Lamento Negro e que havia pegado a batida do *Hip-hop* misturado com Maracatu e que essa mistura iria chamar de *Beat*.

Lugar e paisagem parecem estar conectados numa leitura da topografia vivida da cidade, que só poderia ser revelada e expressa através da escrita apenas por aqueles que realmente se identificam com o urbano, ou que possuem uma vasta percepção do cotidiano, modo de vida e vínculo emocional com o mesmo.

Com o intuito de melhor facilitar a compreensão e a espacialização dos locais e que acreditamos serem de fato importantes na história do movimento Mangubeat, a criação de um mapa para melhor elucidação se tornou indispensável. Pensando numa melhor visualização os mapas foram divididos: um concentrando mais os espaços afetivos na cidade do Recife (Figura 15) e o outro na cidade de Olinda (Figura 16):

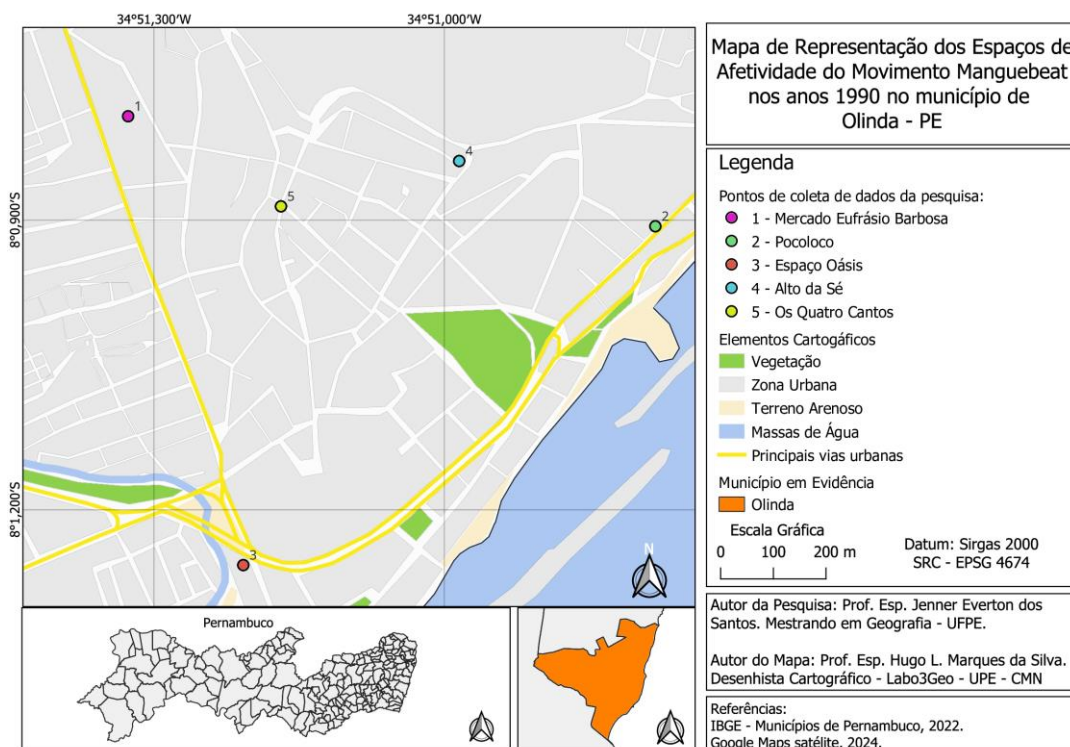
Figura 15 - Espaços afetivos referentes ao Mangubeat na década de 1990:
Cidade do Recife



Fonte: Hugo L. M. da Silva, 2024

Figura 16 - Espaços afetivos referentes ao Manguêbeat na década de 1990:

Cidade de Olinda



Fonte: Hugo L. M. da Silva, 2024

Um estudo aprofundado sobre a Geografia que retrate as emoções e a identificação que espaços possuem para a sociedade no geral, são rodeados de uma série de significados, não apenas por parte do pesquisador, mas também na percepção reveladora que os indivíduos possuem com o ambiente.

A partir disso Persi (2010) relata que esses estudos procuram compreender os processos que regem e dão forma terrestre, em entender o significado de maneira integral dos signos que são atribuídos a determinados espaços vividos. Todas as formas de organizações, atividades organizacionais, manifestações, atribuição de nomes aos lugares etc;

A palavra emoção vem do verbo latino *emovere*, que é formado a partir de outros dois fragmentos: *e* que significa “fora” e “*movere*” que quer dizer “mover, transferir” (NOGUÉ, 2015).

Interagindo de modo emocional com os lugares, impregnamos significados que voltam para nós através das emoções que são despertadas, portanto memória e imaginação tanto individuais quanto coletivas atuam de modo espaciais e não temporais. (NOGUÉ, 2015).

Em seu trabalho intitulado como “*Intensities of feeling: Towards a spatial politics*”, Nigel Thrift (2004) relata sobre o pensar os afetos nas cidades e de como as cidades podem ser tornar cargas afetivas, sobre uma perspectiva de resultados políticos. O autor em questão traz algumas abordagens relacionadas ao “afeto” e algumas nos chamam a atenção.

Na primeira concepção o afeto seria concebido como um conjunto de práticas corporificadas que produzem de modo visível uma conduta como um revestimento externo, atrelado ao campo da tradição fenomenológica. O objetivo seguindo esse viés é uma preocupação no desenvolvimento das descrições de como as emoções ocorrem no cotidiano e são compreendidas como sentimento comportamental e são expressos de maneira estética.

Segundo o autor não se tem propriamente dito um consenso comum, ou uma definição exata do que se traduz de fato o termo “afeto”, pois pode significar uma série de coisas diferentes, mas que geralmente está associada as palavras como emoção e sentimento, havendo um repertório de termos, como ódio, medo, raiva, alegria felicidade, amor e outros. (THRIFT, 2004).

Apesar deste trabalho não focar nas análises das canções, não poderíamos ignorar é claro, a ligação íntima entre os integrantes do grupo para com a cidade, seja ela causando sentimento de revolta, insatisfação ou qualquer outro:

Chico Science e Nação Zumbi
A cidade¹⁸

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
Não importa se são ruins, nem importa se são boas
E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs

¹⁸ Álbum Chico Science e Nação Zumbi, Da lama ao Caos (1994) – A cidade. Letra e música disponíveis: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77652/> acessado em 09/07/2023.

*A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade se encontra prostituída
 Por aqueles que a usaram em busca de saída
 Ilusora de pessoas de outros lugares
 A cidade e sua fama vai além dos mares
 No meio da esperteza internacional
 A cidade até que não está tão mal
 E a situação sempre mais ou menos
 Sempre uns com mais e outros com menos
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu
 Pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu
 Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu
 Pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu
 Num dia de sol Recife acordou
 Com a mesma fedentina do dia anterior
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce*

É constatado assim, que a cidade do Recife aqui vista como *Lugar*, imbuída de significados a partir dos integrantes do Manguebeat, lá nos anos 1990 é capaz de carregar consigo todo um peso emocional, que são destacadas elementos que estão tanto presentes na materialidade dos mesmos, quanto em seu próprio conteúdo denso intangível, vinculados as percepções emocionais.

O espaço geográfico, incluindo o espaço urbano, não é um espaço geométrico e topológico: é, acima de tudo um espaço existencial, composto de lugares cuja materialidade tangível é matizada, banhada por elementos imateriais e intangíveis que tornam cada lugar único e intransferível. Os lugares são os pontos que estruturam o espaço geográfico, que lhe dão coesão, que lhe dão significado. (NOGUÉ, 2015, p. 142)

As cidades podem ser vistas como redemoinhos turbulentos de afeto. Afetos particulares, como raiva, medo, felicidade e alegria estão continuamente em ebulição, subindo aqui, diminuindo lá, e esses afetos se manifestam continuamente se em eventos que podem ocorrer tanto em grande escala ou simplesmente como parte da continuidade diária vida.

O afeto em si torna-se parte integrante da vida cotidiana na paisagem urbana, a medida em que é refletida de modo mais sofisticado a partir de certas intervenções que são registradas na vida urbana (THRIFT, 2004).

Os sentimentos se ligam aos estados de ânimo e as atitudes espirituais mais prolongadas ao tempo, transforma-se com maior lentidão, são filtrados pelo controle intelectual e pelo sistema de valores cognitivos moldados pela história cultural. Portanto, os sentimentos constituem o background das momentâneas e contínuas emoções, como uma rede de sensibilidade e percepção que muda de indivíduo para indivíduo, de comunidade para comunidade. (PERSI, 2010, p.204).

É intensa a ligação entre o ser humano e seus lugares, na sua relação direta com patrimônios culturais e emoções que incide nos outros. Os geógrafos de um passado recente, já tinham consciência deste fato, agindo a partir de uma intuição, que funcionava com um exercício de pensar o mundo, resultado das forças intelectuais, que deveriam ser, portanto, apagados a irracionalidade do sentimento. (PERSI, 2010).

Na ideia relacionada a Monumento Alderman *et al.* (2020) compreende que podem ser interpretados como infraestruturas de memória, capazes de “tomar o lugar” concebido como um local de memória, geralmente localizados em espaços públicos, tais monumentos reúne um complexo elemento cultural associado a memória coletiva, como sinais de trânsito, marcos, estátuas etc.

“Tomar o lugar” incita a ideia de “ligação, ou afeto para com o lugar”, o que é de fato o maior ponto de debate deste atual capítulo, mas que só ousaremos em comprovar no capítulo posterior.

“O conjunto urbano torna-se monumento e patrimônio cultural porque estabelece e continua a ter, intensamente, ligações com a realidade social hodierna, e para preservá-lo do desgaste do tempo: é irrenunciável bem da alma não somente nossa, mas do gênero humano, sem espaço e sem tempo.” (PERSI, 2010, p.212).

É imprescindível estarmos atentos e de fato imersos numa conexão entre corpo/espírito/paisagem com os espaços, pois em sua existência em si, as dimensões do imaginário e do simbólico são delineados e coloridos por sentimentos.

No sentido mais simples, o conceito de “ligação ao lugar” envolve o estudo da ligação emocional das pessoas para com o lugar e de como essas múltiplas formas moldam o pensamento e o comportamento. Em linhas gerais há um domínio por

parte dos psicólogos ambientais relacionado ao estudo da ligação ao lugar, que por diversas vezes é desprendido do sentido geográfico, atribuindo ligações mentais e quantificáveis. (ALEXANDER, 2020).

É nessa identificação para com o lugar que as emoções vão sendo tecidas de modo substancial, sendo capaz de criar vínculos entre indivíduos e os lugares. Nesse sentido, na visão de Davidson e Milligan (2004) as emoções espaciais são compreensíveis e “sensíveis” apenas no contexto espacial, pois cada lugar em específico carrega consigo um sentido, levando-nos a pensar o significado do espaço através da dinâmica entre pessoas e lugares.

Na visão de Elali e Medeiros (2011) seguindo um ponto de vista mais geral e abarcando demais outros conceitos que envolvem a relação de indivíduos e ambiente, o vínculo ou apego para com o lugar, é um conceito que possui uma definição heterogênea em relação as características físicas-espaciais de determinado local e que está totalmente atrelado aos significados e as questões simbólicas/afetivas que são assimiladas pelos indivíduos ou grupos que se identificam.

Os afetos e os apegos são tecidos inseridos num contexto de expressão da culturalidade própria. Culturalidade daqueles que se identificam para com o Mangubeat. Tendo isso em vista, Anderson relata sobre como os afetos são hoje podem ser otimistas, no sentido de implicar uma proximidade a um objeto que é visto como promissor, no meio de uma série de desprendimentos, desconexões e separações que são a condição e a sombra para o apego.

Já sobre o apego, o autor em questão relata que o mesmo funciona para organizar o presente em si mesmo e em relação ao passado, ao futuro de uma forma a oferecer algo ao objeto, como se fosse uma penhora. “Um objeto promissor” não está vinculado a qualquer tipo de juízo de valor moral ou ético sobre determinado objeto, nem atribuir qualidades de boas ou ruins (ANDERSON, 2022).

Todas essas questões relatadas até aqui, fazem parte de uma grande discussão que corresponde ao campo da Geografia das Emoções, que é capaz de trabalhar de modo conjunto, tanto com as geografias experienciais e psíquicas de

modo simbiótico com as Geografias de viés mais sociais (DAVIDSON e MILLIGAN, 2004).

4.2 TOPOFILIA

A construção de laços fortes a lugares específicos (*topos*); pressupõe uma inegável identificação dos indivíduos que se inserem em determinada natureza emocional que os caracteriza, como responsáveis a atribuição (*filiação*) (YORY, 1999).

A ideia de *topos* na qual nos referimos toma uma noção particularizada de *topofilia*, em razão de que determina nós como seres históricos-sociais através da cultura. É a partir disso que o sentido de “lugar cultural” age como chave para compreender a noção particularizada de *topofilia* em seu sentido de pertencimento.

Isso significa que para a topofilia, entendida da perspectiva que propomos, é a nossa existência, ou melhor, a forma como a exercemos, que “abre o espaço”, dando-lhe significado e dando-lhe uma forma; o que é o mesmo que dizer que a topofilia nada mais do que é ‘a forma que o espaço assumo, no sentido de que é a forma que lhe damos.’ Através da abertura e implementação da natureza relacional da nossa existência’ (YORY, p. 13, 1999).

Segundo Yory (1999) “*Topos*” faz alusão ao “lugar da significação” um tipo específico e particular de filiação entre o indivíduo e seu mundo, na qual primeiramente é “mundializado” e logo após é de fato “humanizado”. Isso faz com que nos caracterizemos como “seres espacializadores”, comprometidos com a apropriação do nosso próprio ambiente.

Tuan (2012) em seu trabalho faz uma série de considerações a respeito da percepção do ser humano perante o espaço/meio na qual está inserido, e claro também aborda a questão da topofilia. Nossos sentidos são elementos capazes de captar a “mensagem” do espaço, despertando assim percepções diferenciadas do mundo vivido.

“Manifestações do amor humano pelo lugar” Tuan, (2012, p.127) são o maior exemplo de manifestação experienciada por nós seres humanos. Pois reúnem uma

série de sentimentos encrustados, carregados de memórias afetivas possibilitadas pelo sentimento topofílico.

É seguindo essa linha de raciocínio que podemos levar em consideração as falas de HD Mabuse, e Renato Lins parecem se convergir principalmente no que tange as “memórias afetivas” que despertam um sentimento de topofilia.

Sobre as vivências em torno do Bairro do Recife, HD Mabuse destaca alguns eventos e shows em épocas pretéritas:

“Ali pelo bairro do Recife, em 1989, a gente fez um réveillon lá, uma festa, que era: *O quarto pior réveillon do mundo*, que é bem documentada assim e bem falada; tem uma outra festa também, que é a Sexta sem sexo... E eram lugares assim de muito afeto mesmo sabe? (entrevista concedida em 10/05/2023)

Houve também locais peculiares, tão importantes quanto os demais. Esses locais foram os Bordeis e Puteiros do Bairro do Recife, onde as primeiras festas de shows do Mangubeat vieram de fato a acontecer.

As memórias de Renato Lins são bastantes vívidas e lúcidas, os eventos e a riqueza de detalhes que o mesmo dá a determinados ambientes, nos faz justamente a forma de “prendimento” e vínculo que o mesmo sente por esses espaços. No caso dos Bordeis, Renato Lins ressalta sobre a decoração “era a coisa mais linda cara, tinha umas boias de marinheiro penduradas¹⁹...” fala também sobre as estratégias utilizadas por eles para frequentar o espaço “a gente chegava pra dona do Bordel e falava: Você fica com o dinheiro do bar e a gente fica com o dinheiro da bilheteria, daí ela concordava”.

Já em relação a Soparia de Roger de Renor, Renato Lins fala que seu surgimento se dá, certo tempo depois da criação do Mangubeat, mas que certamente seja o espaço cultural mais importante. A Soparia, não era frequentada pela galera do “Mangubeat” inicialmente, só depois de um tempo é que passaram de fato a frequentar o local.

“A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio

¹⁹ O local em questão na qual Renato Lins faz referência seria o Adilia's Place, que mais adiante é confirmado por HD Mabuse.

ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (TUAN, 2012, p.127).

Definição essa que é completada por Yory (1999), quando o mesmo relata que a topofilia se trata de uma apropriação de modo original, que existe entre o ser humano e o mundo, onde o mundo se torna mundo, através de uma “brecha” cedida pelo próprio ser humano inserido em sua natureza histórico-espacial, consequentemente o ser humano torna-se também humano a partir de sua espacialidade.

É preciso pontuar que o conceito de *topofilia*, tem como idealizador o filósofo Gaston Bachelard, que em sua obra “*La poétique de l'espace*” coloca a topofilia com uma categoria poética do espírito, que não é apenas mediada pela experiência sensata, mas também pela carga imaginativa. (YORY, 1999).

A partir da definição inicial de Bachelard, Tuan desenvolve seu próprio conceito de topofilia, que na concepção do autor, seria uma espécie de caráter de sentimental, de “apego”, capaz de fazer os indivíduos se conectarem aos lugares que de uma maneira ou outra, se sentindo identificados, estando dessa maneira atrelado a uma espécie de “dimensão simbólica. (YORY, 1999).

O lugar para Tuan é posto como o “*locus de reminiscências*”, é onde se guarda as memórias de um passado distante, capaz de despertar sentimentos de afeto, não é, portanto, a emoção humana mais viril, porém pode ser concebido como algo simbólico.

É importante frisar que a topofilia não está exclusivamente destinada a uma conotação espacial, e não é tida como uma “fórmula”, que deve ser seguida a qualquer custo. A topofilia como um “sentimento” a partir de Tuan, não está exposta no espaço, mas sim nas formas simbólicas que os indivíduos se relacionam perante os ambientes. (YORY, 1999).

As cidades no geral possuem emblemas visuais, tais emblemas visuais estão diretamente conectados para com o conceito de paisagem. A cidade do Recife possui em sua essência alguns dos emblemas visuais, que são explorados pelo movimento Mangubeat, aqui colocados como simbologias socioespaciais, que

podem ser tanto produtos da natureza como também produtos da construção e materialização humana;

Renato Lins ainda nos revela que seria difícil de pensar na cidade do Recife, sem o movimento Manguebeat, “O Manguebeat é algo que marcou fisicamente a cidade”. E nos mostra uma certa angústia ao lembrar da cidade do Recife, numa período pré-mangue “Às vezes eu tenho a sensação, que a Recife dos anos 1980, aquela Recife que eu não gostava, pulasse da caixinha e voltasse a aparecer”. Violência, miséria, insegurança, desigualdade... ainda fazem parte da realidade da cidade.

A partir do momento em que esses espaços deixam de ser apenas “espaços” passam a carregar verdadeiros significados para determinados indivíduos. Significados esses que podem variar de um para o outro a partir da visão e interpretação de cada um de nós.

Seguindo essa linha de pensamento, deparamo-nos com o relato de Silva (2018), que destaca a transição dos espaços de meros locais físicos para entidades carregadas de significado, introduzindo assim a concepção do espaço vivido como um “lugar”.

Nesse contexto, nossa relação com os espaços é individual, comprovando assim que não somos seres passivos no envolvimento no espaço das cidades, onde é comum a falta de uma relação seja ela afetiva ou de identificação mesmo, em ambientes urbanos.

É necessário compreender o Manguebeat para além de tudo a partir de sua gênese como movimento bairrista, que teve seu ponto de ebulição em dois pontos específicos importantíssimos dentro do movimento: Rio Doce (Olinda – PE) e Candeias (Jaboatão dos Guararapes). É seguindo esta lógica que se considera a extrema utilidade no conceito de lugar a partir do contexto geográfico.

Apesar de ter morado durante 40 anos em Candeias (Jaboatão dos Guararapes – PE), Renato Lins, diz que “Minha relação com a cidade do Recife, é diferente né cara? Eu nasci aqui no Recife, sou recifense. É claro que tenho uma relação com Candeias, mas é diferente. E acrescenta, “Minha relação vai além do Manguebeat, vai desde os ruídos, passando pelas pontes...”

“Na época que Chico ainda era criança, tinha muito mais mangue, não era de cimento, então essa é uma memória afetiva também de Chico, de pescar caranguejo na beira do mangue, saca? Fazia parte da infância dele, é como jogar bola na rua. Num é como ver um cara vendendo Caranguejo na praia, ele pegou lá, ele enfiou o pé no mangue, porque isso era muito mais presente na vida da cidade, essas coisas vieram para nas letras das músicas, porque Chico e os outros compositores, tinham relação afetiva com essas coisas, foram coisas que eles vivenciaram, faziam parte da vida deles assim.” (entrevista concedida em 11/01/2023)

Seguindo esse raciocínio bairrista podemos atravessar Tuan (2012) quando o mesmo traz o conceito de bairro de e de comunidade, revelando que ambos proporcionam uma complexa ecologia humana dentro de uma determinada sociedade. Ainda de acordo com Tuan, Bairro e comunidade possuem fronteiras muito bem delimitadas que tendem a ser “desprendidas” da agitação da vida urbana, muitas vezes isolados nos âmbitos econômicos, sociais e culturais.

Porém, questionamos essa ideia de “isolamento”, principalmente no aspecto cultural quando falamos de Mangubeat, pois é um movimento nascido em “Comunidade e ou Bairro”, carregado de significados e totalmente descentralizado e desfocado daquilo que era invocado e imposto pelo ideal de cidade nos anos 1990.

É preciso salientar, que os espaços humanos são provedores de significados e que são orientados através de nossa própria biografia e caminho que traçamos ao longo de nossa vivência e experiência, permitindo orientações que são definidas por nossa própria forma de ser e existir.

4.3 MANGUEBEAT, LUGAR E HETEROTOPIA

A partir da compreensão que lugar é onde o indivíduo concebe certa experiência, e paralelamente imprime a sua subjetividade em camadas de sentido, é no lugar também que a experiência é vivenciada (SILVA e COSTA, 2020).

Desta forma o sujeito inserido em determinado lugar pode inferir laços afetivos, sentimentos, memórias e sensibilizações que estão em consonância com o ambiente na qual o mesmo se insere. Possibilitando desta forma uma compreensão densa, mesmo de uma relação individual que penetra diariamente essas subjetividades. (SILVA e COSTA, 2020)

A partir disto, pensamos imediatamente na ideia de heterotopia, que faz referência a como o espaço é concebido. A teoria então, foi proposta por Michel Foucault, e encontrada mais especificamente no texto “*Des espaces autres*” de 1967 e também no livro “*Les Mots et les Choses*” do ano de 1966 (VALVERDE, 2009).

Heterotopia também faz referências as camadas de significados que os espaços são capazes de absorver (SILVA e COSTA, 2020).

É devido a isso que Foucault relacionou a dinâmica social e a relação com as mudanças e a transcendência de novas ideias, além do fato de que os grupos humanos possam demarcar o espaço na qual ocupam, trabalham e vivem (VALVERDE, 2009; FOUCAULT, 2013).

É interessante ressaltar que Foucault também enquadra uma classe da heterotopia mais breve (e consequentemente menos duradoura) que intercepta as festas, as feiras, ou seja, como lares passageiros relacionados à humanidade. Retomando a acepção de heterotopia, que corresponde à intersecção dos espaços situados dentro da sociedade, a relação introspectiva entre eles, pode-se sustentar que a ideia em questão pode contribuir na ponderação e no reconhecimento do espaço social, incluindo as relações humanas que permeiam essas mesmas zonas de convívio e de transmissão comunitária entre os indivíduos (KRUGER JUNIOR, 2016, p. 25).

O autor ainda faz questão em nos atentar sobre a existência e diferenciação dos termos utilizados pelo próprio Foucault na ideia de utopia e heterotopia. O primeiro faz referência a lugares irreais, e o segundo seria tanto o real quanto o irreal, inseridos numa mesma sintonia dentro do espaço simbólico.

Conforme Costa e Silva (2020) a origem do termo “Heterotopia” é grega, cujo significado é atribuído a “outros espaços”, ou “lugares outros” tal qual não limita as áreas do conhecimento geográfico, mas também filosófico e sociológico.

Paralelamente com a expressão de e os exercícios de poder para com esses lugares aqui já citados, um outro conceito geográfico dá as caras: a territorialidade e a questão do território. Isso porque os indivíduos que se identificavam com o movimento Manguebeat, ao frequentarem esses locais no passado, além de demarcarem seu espaço, estabeleciam para com ele também relações de poder e não apenas isso, havia também vínculos de identificação em comum aos frequentadores dos espaços.

Michel Foucault consegue consideravelmente esmiuçar os exercícios de poder que os indivíduos desempenham na sociedade, sendo levando em consideração todos os mecanismos de funcionalidade e a capacidade de ressignificar os espaços (COSTA E SILVA. 2020).

Neste contexto, aproveitamos para estabelecer uma conexão direta com o Manguetzassa (evento mencionado anteriormente) que ocorreu no final de 2023. A interligação entre Mangubeat, heterotopia e topofilias é evidenciada no relato de Krüger Junior (2016):

Esta singularidade presente nestes eventos, dessa natureza de heterotopia, narra o desejo do indivíduo de eternizar o tempo assentado em um acontecimento transitório da vida humana. Pode-se admitir, dessa forma, que as heterotopias são intrínsecas à existência dos indivíduos que fundam o entorno social e esboçam um recorte de um momento único e definitivo das vivências humanas (KRÜGER JUNIOR, 2016, p. 30).

Reforçando isto, Foucault (2015, p. 436) ainda cita: “são heterotopias não mais eternizadas, mas absolutamente crônicas”.

O espaço heterotópico é simplesmente uma junção entre indivíduos que relacionados as formas e os significados do espaço, possibilitam tanto a definição quanto mesmo a variação de seus efeitos que podem ser percebidas e concebidas caso a caso (VALVERDE, 2009).

Sendo assim determinados espaços relacionados ao movimento Mangubeat além de serem topofílicos geram também heterotopias, cujo os indivíduos puderam no passado tanto relacionar as mudanças paralelos as dinâmicas sociais, como mesmo aos significados dos espaços. Creio que essa ideia ainda precisaria de fato ser melhor maturada, o apontamento presente deve-se apenas ao atentamento relacionado a novas formas de interpretação de manifestações e movimentos culturais.

No próximo e último capítulo em questão são pontuadas algumas reverberações do Mangubeat, que ao longo dos anos, através das músicas, eventos, shows, produções visuais estiveram presentes. São levadas em consideração algumas vivências e relatos dos entrevistados, que nos possibilitam uma maior imersão no campo interpretativo relacionadas ao Mangubeat.

5 VIVÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS DO MANGUEBEAT

5.1 VIVÊNCIAS

Lugar e emoção, são conceitos que caminham juntamente. Levando isso em consideração o lugar é vivido e concreto, para isso podemos levar em consideração ao longo das falas de alguns artistas que num passado não tão distante influenciaram e foram influenciados e contribuíram de alguma forma para com Mangubeat.

“Movimentos feito o Mangubeat, eles têm um tempo de vida” Essa foi a frase de Renato Lins, ao ser indagado sobre supostamente o movimento ser visto hoje como algo ultrapassado. Paralelamente faz uma clara referência também a um outro termo que é bastante encontrado na literatura especializada: Pós-Mangue. “Aquilo foi quase uma revolução cultural dentro da cidade, tem impacto que se prolonga por décadas, a gente ainda vive impactos ocasionados pelo Mangubeat”.

Na ocasião Renato Lins ainda comenta que atualmente é claro, que não existe mais toda a movimentação da cena como antes existia, pois as demandas são outras, a cidade do Recife mudou.

Na concepção de China (ex-Sheik Tosado), um outro entrevistado de nossa pesquisa e que teve grande relação para com o movimento em sua era de ouro, o Mangubeat conseguiu quebrar barreiras, pois:

“Você tem um movimento que ele conseguiu quebrar uma barreira, movimento que vem da periferia pra o centro, e que consegue furar uma bolha... então o mangue quando surgiu, não tinha apoio do governo, nada disso. Depois que o Mangubeat virou uma referência nacional, o Estado tentou surfar nessa onda... botar um caboclo de lança na entrada do aeroporto (risos) isso não é política cultural. Eu vejo o movimento de resistência muito forte, que fez Pernambuco ser visto no mundo inteiro” (entrevista concedida em 14/02/2023).

Em um outro momento da entrevista China decide falar sobre a importância da vivência dentro do movimento Mangubeat, não apenas no sentido cultural relacionando a própria criação de identidade, mas de como os rumos de sua vida tomaram novos ares a partir dali:

Pra mim, ter vivido aquilo me salvou porque eu não tinha perspectiva nenhuma do que eu queria pro meu futuro. Então o Mangubeat abriu essa porta e eu poder ter um norte pra me guiar e me fez ser muito mais 'bairrista' em relação ao meu estado... É de valorizar tudo o que o meu estado tem, né? Eu estou em São Paulo há 15 anos e nunca perdi meu sotaque. Eu apareço na televisão em nível nacional, com esse sotaque, sem ficar forçando o sotaque neutro nem nada, sabe? E eu fico muito feliz de ter sido um adolescente que estava ali na hora certa, no lugar certo, sabe? Me enche de orgulho de lembrar que o povo pernambucano sempre foi um povo muito aguerrido, né? Historicamente, tudo que era tipo de batalha, insurreição, revolta, Pernambuco tá liderando, sabe? Então, tipo toda essa carga histórica e cultural eu carrego comigo por causa do que eu aprendi com Mangubeat. (entrevista concedida em 14/02/2023).

O “bairrismo” citado por China, faz referência a uma espécie de saudação da cultural local, uma exaltação, valorização no sentido positivo, não negando as origens e nem as ocultar, mas sim mostra-las através da sua fala, das suas gírias, dos ritmos musicais, etc; Essa noção “bairrista” serve de gancho, se pensarmos na premissa que o movimento Mangubeat surfou um pouco por esses meios, talvez seja nesse entrelaçado entre bairrismos que a relação com o lugar seja de fato mais evidente.

China ainda completa:

“Minha primeira experiência foi essa ao vivo, eu vi Chico Science, Nação Zumbi, em 96, no Abril Pro Rock, que foi um show, inclusive, que ele convidou. Gilberto Gil. Eu saí do show e já montei uma banda, montei o Shake Tosado. Foi tipo. E é engraçado que se você conversar com a galera, você conhecer mais gente que tá nesse show. Quem não tinha banda montou banda naquele dia. Quem não era artista plástico virou artista plástico naquele dia, tá ligado? Tipo, foi muito impactante, cara, foi muito impactante aquilo ali, sabe? Daí eu já voltei pra casa tipo carai, preciso montar uma banda. Conversei com meu irmão e a gente montou setorizado. Mas foi assim que eu vi que eu. O que me fez ser o que eu sou” (entrevista concedida em 14/02/2023)

No capítulo anterior um dos lugares mais influentes e importantes dentro do movimento Mangubeat, foi a Soparia. Pois esse lugar foi capaz de aglutinar toda uma cadeia de pessoas que de alguma forma se envolviam ou que posteriormente passaram a se envolver com o movimento Mangubeat.

Reiterando isso podemos utilizar a fala do próprio Renato Lins, quando se refere a Soparia: “A Soparia era importe pra caralho assim, porque era local de produção, não era só consumo, era onde a gente tocava...” Frequentando por uma grande massa da cena mangue, a Soparia, não era apenas um ponto de encontro qualquer, pois além de envolver entretenimento, foi capaz também de criar

experiências musicais, de contestação da cidade, de coletividade, foi uma verdadeira “diversão levada a sério”²⁰

Um outro entrevistado nesta pesquisa de Mestrado foi HD Mabuse, personagem bastante influente e conhecido dentro do mundo do Mangubeat, onde nos ajudou a entender um pouco melhor sobre a relação entre Lugar e Mangubeat.

O trabalho de HD Mabuse, foi muito mais relacionado a parte design no movimento Mangubeat, a parte instrumental acabou ficando com os demais outros integrantes. A criação da capa do Álbum *Afrociherdelia* foi de responsabilidade tanto de HD Mabuse quanto de Jorge DuPeixe. “A gente criou um site, com o objetivo de subverter a Geografia né?”

Mabuse aos poucos vai revelando sobre sua relação com o Movimento:

“Eu era um pouco mais novo do que a galera () eu já conhecia Renato Lins e Fred 04, eu era bem moleque, mas eles estudavam na Federal... Entre outras coisas eu comecei a fazer um programa de rádio com um pessoal, aí nesse programa um dia apareceu dois caras lá, dizendo: *‘que nosso programa era massa, a gente veio conhecer vocês, devido ao som que vocês tocaram no rádio’*... A coincidência é que esses caras eram Jorge e Chico” (entrevista concedida em 22/03/2023).

O envolvimento de HD Mabuse se dá desde o início do movimento Mangubeat. O Bom Tom Rádio por exemplo foi uma banda formada por Chico Science, HD Mabuse e Jorge DuPeixe, onde os sons eram gravados em domicílio mesmo. “A gente estava gravando a versão de ‘A cidade de Chico Science e Nação Zumbi’. A Faixa inclusive foi gravada em 1987 revela HD Mabuse.

Essa movimentação nas estruturas da cidade (enaltece HD Mabuse) estavam sendo feitas anos após a extinção da ditadura militar no Brasil (1985), o artista ressalta que isso era algo grandioso, pois gravar “A cidade” três anos após o período citado acima, não era algo qualquer, significava uma abertura para um novo mundo.

Existe um momento que o grupo formado (Bom Tom Rádio) acaba os trabalhos e a partir de então outros grupos começam a ser formados. “No ano de 1990/1991, a gente vai morar na Rua da Aurora, dividir um apartamento. Eu (HD

²⁰ Essa era forma carismática que era falada por Chico Science, quando era perguntado sobre o Movimento Mangubeat em sua trajetória inicial

Mabuse), Chico e Fred, a gente tinha uma relação afetiva foda com o Rio Capibaribe”.

A revelação por trás da fala de HD Mabuse, revela traços sentimentais e de identificação para com o Lugar. O fato de ver diariamente na janela de seu apartamento aquele pequeno trecho do Rio Capibaribe próximo ali da Rua da Aurora, faz despertar lembranças e vivências diárias... o “morar” por um determinado tempo em que os três viveram de frente para o Rio Capibaribe, foi capaz de despertar alguns vínculos.

“No Capibaribe, tinha uma escadaria de entrada, um tapete vermelho, com um tecido meio antigo, a escadaria era meia que de mármore, um mármore gasto pelo tempo”. Ao mesmo tempo que havia um clima de decadência, havia também uma certa admiração a aquela estética visível.

Como já citado anteriormente um dos elementos que fazem referência ao Movimento Manguêbeat é o caranguejo de ferro, localizado na rua da Aurora, e que no ano de 2023 passou uma repaginação.

Este símbolo do movimento foi alvo de uma grade polêmica e disputas de interesses entre as autoridades públicas e a sociedade civil, uma vez que no início do ano de 2022 houve uma realocação do monumento, sem consulta prévia à população. A localização “nova” se manteve na Rua da Aurora, mas em outro ponto específico da vida, de frente à sede do Instituto Tavares Buril.

Uma vez que a “nova” localização era destituída totalmente de qualquer relação com o movimento Manguêbeat, o novo local não era atrativo e nem fazia parte de memórias afetivas de quem visitava o “Caranguejo de ferro”. Alguns artistas vinculados ao movimento Manguêbeat, protestaram contra a remoção do monumento, inclusive o próprio Roger de Renor.

Figura 17 - Caranguejo de ferro, em posição “nova” na Rua da Aurora próximo ao Instituto Tavares Buril



Fonte: Oxe Recife, s/d

Com a remoção do monumento da Rua da Aurora, lugar esse que foi moradia durante muito tempo do próprio Chico Science, onde existia uma certa lógica de sua localização fixa, uma vez que também homenageia não só o movimento, mas também o maior nome. A escultura em questão é datada do ano de 2004 e possui um título original: *Carne de Minha Perna*²¹, obra esse fruto de uma ação coletiva.

Ainda na mesma rua, e próximos ao monumento do Maguebeat, existem outros monumentos simbólicos que fazem referência a um período obscuro dentro da democracia brasileira, que remetem as vítimas da ditadura civil-militar ocorrida no século passado. Entre os monumentos há um certo destaque para o “Tortura nunca mais”, O monumento dos torturados com a bandeira revolucionária, e o sol nascente, em referencia a um futuro que está alicerçado em lutas, servindo como memória.

²¹ A escultura foi idealizada por Augusto Ferrer e sua produção contou com a participação de três outros artistas: Eddy Polo, Jorge Alberto Barbosa e Lúcia Padilha. Com suas patolas e pernas compridas, durante algum tempo ela virou cenário para as noitadas comandadas por Roger de Renor, em seu *Som na Rural*. Elas normalmente aconteciam no entorno do caranguejo, reunindo uma turma jovem e descolada. Depois, todo mundo ia confraternizar no Bar Central, ou no “Frontal”, como os boêmios costumavam chamar o bar que fica em frente ao Central, mais barato, porém sem as comidinhas charmosas do primeiro. Disponível em: <https://oxerecife.com.br/calma-gente-o-caranguejo-nao-saiu-da-rua-da-aurora-so-mudou-de-toca/>. Acesso em 23 de Agosto de 2023;

Para além do fato daquele pequeno trecho da rua da Aurora ter sido moradia de Chico Science, é também em alguns momentos ponto de encontro em eventos festivos do Som na Rural do Roger de Renor (Figura 19), reunindo um público alternativo e em sua grande maioria jovem.

Figura 18 - Som na rural promovendo o "Caranguejaço"



Fonte: Autor, 2022

Entre as observações pessoais como já citado anteriormente podemos destacar alguns eventos que de alguma forma ou referenciavam o Manguêbeat. É o caso da Banda Eddie.

No dia 18 de dezembro de 2022, na cidade de Olinda, mais precisamente no Clube Atlântico de Olinda, a banda Eddie fez um show expondo alguns de seus sucessos. O público em questão era composto tanto por pessoas mais jovens como também por pessoas mais velhas, que provavelmente foram testemunha do movimento nos anos 1990.

Fábio Trummer o vocalista em questão (Figura 20) foi um dos entrevistados da atual pesquisa, nascido e criado na cidade de Olinda, conviveu, e contribuiu na construção de toda cena musical do Manguêbeat.

Algumas outras imagens nesse mesmo dia foram capturadas, não só se configurando como uma ida à campo, mas também por resultar num grande acervo de pesquisa e fonte bibliográfica.

Figura 19 - Show da Banda Eddie no Clube Atlântico



Autor: Autor, 2022.

Como já posto em páginas anteriores as músicas *Quando a Maré Encher*, e *Desequilíbrio* são canções compostas pelo Fábio Trummer e que originalmente pertence a Banda Eddie. A primeira cedida não apenas à Chico Science e Nação Zumbi, mas também a outros grupos e artistas musicais.

A análise das músicas do Manguembeat, os seus discursos e as falas dos integrantes conseguem representar significados simbólicos que são inerentes a modelação dos espaços, estruturando assim a realidade externa àquilo que é de fato observável (BARBOSA, 2012)

As músicas são postas mais como uma visão crítica em relação a configuração da cidade e símbolo da contestação social:

Quando a Maré Encher
Banda Eddie

Fui na rua pra brigar, procurar o que fazer
Fui na rua cheirar cola, arrumar o que comer
Fui na rua jogar bola, ver os carros correr
Tomar banho de canal quando a maré encher
Quando a maré encher, quando a maré encher
Vou tomar banho de canal quando a maré encher
Quando a maré encher, quando a maré encher
Vou tomar banho de canal quando a maré encher
É pedra que apóia a tábua, e madeira que apóia a telha
Saco plástico prego, papelão

*Amarra corda, cava buraco
 Barraco: Moradia popular em propagação
 Cachorro, gato, galinha, e bicho de pé
 E a população real convive em harmonia normal
 Faz parte do dia dia banheiro, cama, cozinha no chão
 Esperança, fé em Deus, o resto é ilusão
 Quando a maré encher, quando a maré encher
 Tomar banho de canal quando a maré encher
 Quando a maré encher, quando a maré encher
 Vou tomar banho de canal quando a maré encher
 Fui na rua pra brincar, procurar o que fazer
 Fui na rua cheirar cola, arrumar o que comer
 Fui na rua jogar bola, ver os carros correr
 Tomar banho de canal quando a maré encher
 Quando a maré encher, quando a maré encher
 Vou tomar banho de canal quando a maré encher
 Quando a maré encher, quando a maré encher
 Vou tomar banho de canal quando a maré encher
 Quando a maré encher, quando a maré encher*

Em relação a “Quando a Maré Encher Fábio Trummer releva que a inspiração por trás:

Foi numa aula de arquitetura em 1994, quando o Professor Eric Perman, falou que dentro da favela, não tem placas como nas zonas urbanizadas, placas de indicação de museu, avenidas... esse tipo de marcação. Na favela se usa outras referências, você dizer assim: vai em frente nessa rua, depois dobra à esquerda quando chegar a casa com um papelão amarelo e azul, e depois vira a direita... e por aí vai, essa é a simbologia. É daí que vem “É pedra que apóia a tábua, e madeira que apoia a telha Saco plástico prego, papelão” É matéria-prima da favela.

Ainda em sua explicação Fábio Trummer ainda revela que a música faz referências as favelas que estão localizadas ao entorno da Agamenon Magalhães, na qual fazia parte de seu trajeto diário, que juntamente aos seus amigos sempre observara as movimentações seja das crianças pedintes, ou de qualquer outro movimento na qual chamasse sua atenção, sempre de alguma forma tentando fazer uma releitura de modo crítica em relação a má atuação e a ineficiência do poder público em relação as populações da favela.

Desequilíbrio
Banda Eddie

Arde aqui dentro de mim uma pouca vontade
Com gosto cortante de caco de vidro, desnutrida
Exposta à fratura
Desequilibra
Desequilíbrio
São tantas saídas dadas ao absurdo
São tantos sabores desnutridos
Veneno pro dia corrosivo
Desequilibra
Desequilíbrio
Certo das contradições,
Desconcertado, desgovernações
Prostituído, descalço no chão estilhaçado
Desequilibra
Desequilíbrio
O passo pro fim foi conquistado
Desdem tão comum em meus ouvidos
Ligado na sobra do pedido
Desequilibra
Desequilíbrio
Mais sobras dadas ao desperdício,
Mais veias tapadas por excesso
Mais contribuindo incentivando
Desequilibra
Desequilibrando

Deformações voluntárias sucessivas
Se todas as cores fossem pretas
Em todas as partes meu planeta
Desequilibra
Desequilíbrio

Nas próprias palavras do Fábio Trummer, a explicação da letra da música começa de fato fazer total sentido quando o mesmo relata:

Desequilíbrio foi uma música que eu fiz quando morava em São Paulo, mais ou menos ali em 2005,2006,2007...E ela é uma música que conta sobre as coisas que vem acontecendo, o desequilíbrio ambiental, eu pensava na praia de Bairro novo e Casa Caiada, algum lixão também que vai pra cidade Tabajara pra Beberibe, o nosso desequilíbrio é nosso abismo social né? As diferenças de distribuição de renda, é uma música bem política e social. A nossa veia mesmo é a do protesto... (FÁBIO TRUMMER, entrevista concedida em 13/02/2023).

“*Arde aqui dentro de mim uma pouca vontade, com gosto cortante de caco de vidro*” faz referência a uma história que Fábio Trummer faz questão de dizer, trecho foi em razão de um dia, o mesmo sofreu uma tentativa de assalto de um garoto, entre 11 ou 12 anos, em plena Agamenon Magalhães portanto cacos de vidro em sua mão, Fábio ainda revela para surpresa, que não estava com medo, e apenas

puxou diálogo com o garoto, perguntando-lhe o que desejava, o amigo do garoto imediatamente percebeu a reação tranquila de Fábio e desistiu do assalto. “A música trata de um olhar de socorro, pra nossa pobreza, pra nossa miséria” diz Fábio Trummer.

Figura 20 - Fábio Trummer, vocalista da Banda Eddie em primeiro plano



Fonte: Autor, 2022.

Figura 21 - Banda Eddie, ao som de “Desequilíbrio”



Autor: Autor, 2022.

O ano de 2023 foi bastante notável para o movimento Manguebeat, em diversos contextos, seja em formas de homenagens etc. Esse ano em questão também ficou marcado pelo retorno do Grupo Mestre Ambrósio aos palcos (Figura 23) cujo também tem raízes no Manguebeat.

Figura 22 - Show de Mestre Ambrósio: Clube Português do Recife



Fonte: Autor, 2023

O show ocorreu no Clube Português do Recife, num sábado, especificamente no dia 7 de janeiro de 2023 fazendo parte da turnê de trinta anos de existência, onde foi possível rever sua formação original dos anos 1990. Na formação original temos:

Siba, Ede, Helder Vasconcelos, Sérgio Cassiano, Mazinho Lima e Mauricio Bade, vocalista, percussão, fole de 8 baixos, vocal, baixo e coro, todos nessa ordem respectivamente. A banda Mestre Ambrósio é caracterizada pelo pertencimento cultural regional enraizado e a valorização regional da música nordestina.

O público no show foi bem diverso, porém foi possível perceber que havia uma certa predominância de um grupo etário específico, variando entre 35/40 anos de idade. Acreditamos que os sentimentos de nostalgias vividas num passado não tão distante foram capazes de criar uma sensação de identificação com os indivíduos que ali marcaram presença, que de uma forma ou de outra se veem ou se sentem representados pela expressão cultural.

Figura 23 - Apresentação de Mestre Ambrósio e seus 30 anos



Fonte: Autor, 2023

Um outro evento que nos chamamos bastante atenção foi o “Manguezassa” assim denominado que ocorreu no dia 11 de outubro de 2023, com início às 20 horas da noite. Foi um evento gratuito ocorrido no Cais Alfândega, com o intuito de celebrar os 30 anos do Movimento Mangubeat.

Marcaram presença: Lia de Itamaracá, Jessica Caetano, Devotos, Mundo Livre S/A, Banda Eddie e claro Nação Zumbi. Numa reunião dos principais nomes do Mangubeat, o público (Imagem XX) por alguns momentos pode retornar e “se sentir nos anos 1990” no período mais brilhoso do movimento.

Figura 24 - Manguzassa vista de cima no Cais da Alfândega, Recife.



Autor: Guilherme Paiva / Divulgação, 2023.

A importância do Mangubeat atualmente é demonstrada em matéria escrita pela revista “O Grito”, cuja chamada foi: “Manguzassa provou a longevidade e importância do movimento Mangubeat no Recife”. Ainda segundo os mesmos, o evento pode demonstrar uma espécie de longevidade e pluralidade rítmica que o movimento possui, recepcionando todos os tipos de públicos que ali estavam inseridos²²

5.2 REMINISCÊNCIAS

O ano de 2022 foi um ano importante dentro da história do movimento Mangubeat, primeiro de tudo porque nesse ano foi comemorado os trinta anos de existência do Mangubeat, e tal comemoração foi expressa por artistas e público em geral que desempenharam um trabalho artístico (Figura 25).

O evento em questão foi chamado de “caranguejaço” ocorreu no dia 14 de outubro de 2022, numa articulação na intenção de colorir o caranguejo de ferro da rua da Aurora. A organização do evento e a divulgação foi de responsabilidade do “Som na Rural” que é autodefinido pela como: “Veículo AutoEmotivo de comunicação Urbana”, assim é propriamente descrito em sua página na rede social.

²² Para saber mais ler mais sobre a matéria” Manguzassa provou a longevidade e importância do movimento Mangubeat no Recife”, Disponível em: <https://revistaogrito.com/manguzassa-provou-a-longoevidade-e-importancia-do-mangubeat-no-recife/>. Acesso em: 04 de dez. 2023

Figura 25 - “Pata” do caranguejo de ferro simbolizando os trinta anos do movimento Manguêbeat



Fonte: Autor, 2022

Outros eventos nos chamaram à atenção, portanto vimos possibilidades de explorar ainda mais a temática na tentativa de extrair informações que considero valiosas.

Entre eles o do dia 04 de outubro sobre os “Ecos do movimento Manguê”, contando com a presença de Gutie (Produtor cultural/RecBeat); Michelle Assumpção (Jornalista); Joanah Flor (Cantora, compositora e apresentadora); Roger de Renoir (Produtor cultural/ Som na Rural) e Dengue (Músico/ Baixista Nação Zumbi)

O evento do dia 04 de outubro (Figura 26) “Ecos do Movimento Manguê” contou sobre uma série de fatos e questões ocorridas no auge do movimento cultural, histórias pessoais, fatos que revelavam ocorrências dos bastidores e também um pouco sobre o “apagamento” e o descaso intencional que é promovido muitas vezes pela própria prefeitura do Recife para com o movimento Manguêbeat e que inclusive se insere nesse contexto polêmico a definição retirada/relocalização do geossímbolo do Caranguejo de ferro da rua da aurora.

A todo instante entre os integrantes do debate são remetidas lembranças vividas em um passado distante, aventuras, eventos tristes, dramáticos etc. E um dos lugares que frequentemente é revisitado através da fala e que está presente na memória afetiva dos mesmos é a antiga Soparia, localizada no bairro do Pina.

Podemos afirmar que o estudo do lugar, considera uma abordagem atrelado a seu espaço físico, que é capaz de ressaltar noções de identidade de lugar e experiências de determinados indivíduos para com o lugar, onde as subjetividades humanas possuem mais destaque (STANISKI.; KUNDLATSCH E PIREHOWSKI, 2014).

Figura 26 - Noite de debate sobre os “Ecos do Movimento Manguê”



Fonte: Autor, 2022

O segundo evento ocorrido no dia 06 de outubro de 2022 foi uma série de debates protagonizados por Renato Lins e Fred 04 que teve o tema “A história do Movimento Manguê *Beat* recontada através dos discos em vinil favoritos de seus integrantes” (Figura 27).

Figura 27 - Renato Lins e Fred 04 debatendo sobre a importância dos vinis na fundamentação do Manguêbeat



Fonte: Autor, 2022

Ambos os encontros ocorreram no Porto Digital localizados na Rua do Apolo 235, no bairro do Recife antigo. Os debates e discussões tiveram o papel de reestabelecer conexões afetivas para com a cidade do Recife e também com o Mangubeat.

Fred 04 e Renato Lins foram descrevendo ao som da discotecagem de vinis, como cada um daqueles discos acabou por influenciar toda uma literatura de ideias na construção da sonoridade do movimento manguê.

A fala dos participantes é conduzida de modo que os ouvintes conseguem perceber toda a carga afetiva depositada, acompanhadas sempre com alguma lembrança ocorrida em algum lugar, seja na Soparia, seja nos bordeis espalhados pela cidade. A partir de quando os vinis começaram a ecoar o som, as emoções ali despertadas ficaram cada vez mais nítidas, lembranças, memórias afetivas, histórias sempre relacionadas a alguém ou algum lugar em específico que lhe é embutida alguma carga afetiva, começam ali a serem materializados e a partir desse “start”, os debates foram fluindo cada vez mais.

“O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Trata-se na realidade de espacialidades carregadas de laços afetivos com os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento” (STANISKI.; KUNDLATSCH E PIREHOWSKI, 2014, p. 6).

Figura 28 - Renato Lins e Fred 04 – Noite de Discotecagem do Mangubeat”



Fonte: Autor, 2022

Diversos discos foram tocados durante a noite, mas alguns nos chamaram a atenção, como por exemplo a influência de James Brown, Jorge Ben Jor, grupo paulista Fellini e David Bowie. Entre algumas revelações Fred 04 nos conta sobre a falsa assimilação que os fãs em geral atribuem a uma suposta fala de Chico Science: “Artistas fazem dinheiro, computadores fazem arte” música do álbum “Da lama aos Caos”. Na verdade, é uma música que pertence ao próprio 04, e que foi cedida a Chico Science e Nação Zumbi, inclusive gravada pelo próprio Fred, no Mundo Livre S/A. Fred 04 ainda nos revela o antigo “nome” do Mundo Livre que era Serviço Sujo (Grupo anterior).

Computadores fazem Arte²³

*Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro
 Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro
 Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro
 Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro
 Computadores avançam
 Artistas pegam carona
 Cientistas criam o novo
 Artistas levam a fama
 Computadores avançam
 (Computadores avançam)
 Artistas pegam carona
 Cientistas criam o novo
 (Cientistas criam o novo)
 Artistas levam a fama
 Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro, dinheiro
 Computadores fazem arte
 Artistas fazem dinheiro, dinheiro, dinheiro*

Compositor: Fred Rodrigues Montenegro

De fato, é inegável que o ano de 2022 foi grandioso para o movimento Mangubeat, primeiro de tudo, por estar lembrando e revivendo uma manifestação cultural tão importante para a cultura pernambucana; em segundo lugar, está o fato de que tal memória foi revisitada a partir das intensas atividades culturais proporcionada com apoio do poder público, mas em outras vezes parecia que havia

²³ Mundo Livre S/A - Computadores fazem arte. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mundo-livre/163302/>. Acessado em 16 de agosto de 2023.

um certo “apagamento” proposital, termo esse que foi usado durante um dos eventos.

Mais evento, que foi a exposição “Pernambuco embaixo dos pés e minha mente na imensidão: 30 anos do Movimento Manguê” que ficou aberta ao público durante o período de 09 de junho até 31 de julho, contou com uma série de informações a respeito da era de ouro do Manguêbeat, com posters, fitas cassetes, cd’s, panfletos, notícias e muito mais. A exposição em questão foi promovida pela FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco) durante o período já citado.

Segundo Aguiar (2018) É nos lugares que as pequenas representações do global aparecem para os indivíduos. É neles que nos damos conta do movimento da vida e das rugosidades que o tempo nos deixou com o desenrolar da história dos homens e do que chamam de natureza.

A conexão do lugar, para com o global é verificada ao ponto em que as notícias e posters fincadas na parede da exposição demonstram essa conexão do local, para com o global. Os ecos do movimento Manguêbeat, não apenas pairou a cidade do Recife, mas também viajou para outros lugares.

Figura 29 - Pôster de divulgação da exposição sobre Manguêbeat na Fundação Joaquim Nabuco



Fonte: Autor, 2022.

A exposição ficou aberta a visitas numa sala do térreo repleta de materiais que referenciavam o movimento. Um ambiente que ao fundo era possível ouvir falas de Chico *Science* e músicas da Nação Zumbi, acompanhada de um aparelho reproduzidor de vídeo causando uma maior interação e imersão dos visitantes para com a sala, e principalmente daqueles que pouco conhecem o movimento.

Em caixas grandes revestidas de proteção de vidro estavam expostos alguns panfletos e cd's antigos, alguns até considerados como objetos raros e difíceis de serem encontrados. É interessante ressaltar que entre o material produzido para publicidade, estão as figuras de Otto, Devotos do ódio, DJ Dolores, Mestre Ambrósio e outros não menos importantes.

Em relação de como o Recife “era” e de como era interpretada num período que aqui iremos atribuir a um “pré-mangue” Renato Lins ressalta que:

Quando você tem um movimento cultural como o Manguêbeat, com o impacto que o movimento teve ele repercute em todas as áreas, inclusive na política... por exemplo o Manguêbeat influenciou bastante a política cultural de Pernambuco que foi executada a partir do início do Milênio... Recife não tinha uma secretária de Cultura, essa secretária surge na primeira gestão do PT, batizado como Secretária Multicultural do Recife.

Quando Indagado sobre o uso da nomenclatura “pós-mangue” em relação ao seu uso e ao período do Movimento Manguêbeat, Renato Lins relata:

Eu acho que a gente vive num contexto pós-mangue, porque, aquela movimentação... é difícil a gente datar as coisas, porque por um lado se você for pegar, as bandas os músicos em geral, que deflagaram o Manguêbeat, Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Siba, Otto e DJ Dolores todos esses músicos eles continuam na ativa, continuam desenvolvendo um trabalho musical de qualidade, e ainda são uma das principais referências de música quando se fala de Pernambuco. Agora é evidente que a gente vive um contexto totalmente diferente... Não é o mesmo Recife, as demandas são outras. Qualquer movimento Cultural tem um tempo de vida.

É interessante pensar, pois sempre que falamos sobre movimento Manguêbeat, automaticamente fazemos uma associação direta com a cidade do Recife, como se o movimento houvesse sido restrito a apenas uma única cidade.

Durante as entrevistas aplicadas, isso fica cada vez mais enfraquecido, pois todos os entrevistados em algum momento, vieram a citar outras cidades e até mesmo lugares que na qual tiveram alguma participação direta com o Manguêbeat.

Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes (Todas essas cidades estão localizadas na RMR) são frequentemente citadas, dentro das histórias, seja em relação a algum ponto específico na qual era frequentando pelos membros do movimento, para fazer shows, ou como local de diversão como bares, restaurantes etc.

Fábio Trummer, é atualmente o vocalista da Banda Eddie, responsável pela propagação do “Original Olinda Style”. Foi um dos nossos entrevistados ao contribuir revelando alguns trechos da história do Mangubeat.

O próprio Fábio Trummer por exemplo, nos revela que não vê o movimento com um sentido bairrista, pois “não existem barreiras, porque todo lugar é Humano. Que era justamente incitado pela vontade de transformar o mundo, se não conseguir “transforme pelo menos a sua cidade”

“Cara, eu vejo o Mangubeat, como uma expressão capaz de despertar a identidade, de despertar a racionalidade da situação geográfica, que tá vinculado a uma ideia de autoestima... Por exemplo, quando conheci Chico *Science*, ele era um cara muito maduro pra idade que ele tinha”. (entrevista concedida em 13/02/2023)

Nas ondas de influências do movimento Mangubeat, Fábio Trummer coloca duas canções da Banda Eddie, de sua própria composição como apontamento dos problemas sociais da cidade “Desequilíbrio²⁴ e Quando a Maré encher”²⁵

O artista ainda considera o movimento Mangubeat vivo, e afirma que o mesmo ainda não acabou, para ele além do movimento ser um “estado de espírito” movimentos culturais como o Mangubeat “não param, pois estão em constante movimento, porque tem o poder de mudar o lugar”.

Renato Lins e Fred 04 foram as portas de entrada do meio acadêmico dentro do Mangubeat, o convívio da Universidade e o aporte acadêmico foi inserido por ambos revela HD Mabuse.

²⁴Banda Eddie – Desequilíbrio. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/eddie/1425814/>. Acesso em 17 de agosto de 2023.

²⁵ Banda Eddie – Quando a Maré encher. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/eddie/401353/>. Acesso em 17 de agosto de 2023

É válido ressaltar também que como alguns imaginam o *Campus* da Universidade Federal não foi relevante no processo de eclosão e evolução do Mangubeat. Nenhum dos entrevistados colocou a UFPE como ponto de encontro, de reunião, ou qualquer coisa do gênero. “Eu acho até que a Federal demorou para entender o movimento como objeto de pesquisa” disse HD Mabuse.

“Cara, o que eu acho que foi fundamental foi a metáfora escolhida sabe na história do Manguê. Porque quando vice diz que o Manguezal, tem o maior número de vida por cm³ no mundo, e isso é uma metáfora para a riqueza cultural na cidade do Recife, bicho com isso, você abraça a cidade toda e isso foi uma ideia de trazer todo mundo... Aí cabe o Eddie, O Sheik Tosado, o Devotos... A gente está falando muito de espaço, mas você derruba o tempo, porque nesse ecossistema cabe Lia de Itamaracá, cabe Mestre Salustiano, cabe Josué de Castro, cabe tudo” (entrevista concedida em 22/03/2023)

“Eu vejo o tempo muito diferente, como uma crítica mesmo ao colonialismo, a essa visão europeia, e racista desgraçada. O tempo não é uma seta que vai em direção a um progresso linear, o tempo é cíclico, você tem todas as tradições, quilombolas, indígenas... a gente é que tem uma noção de progresso que subverte isso que é tão óbvio e que é uma ficção. Então a gente poderia ter aproveitado esses trinta anos sabe, e ter feito uma revisão do Manguê, e não foi feito” (entrevista concedida em 22/03/2023)

As críticas em questão de HD Mabuse são apontadas também no sentido de identificar as questões relacionadas à gênero, o mesmo vê o movimento como machista, onde há uma invisibilidade das mulheres, mesmo trinta anos após do movimento.

Essa fala acima de HD Mabuse, é uma justificativa no sentido de o movimento ele não tem um certo “dono”, que como movimento cultural ele acaba, e se torna uma espécie de metáfora que chega ao ponto de tomar conta da cidade do Recife, se tornando algo muito maior do que uma simples singularidade centrada em apenas um indivíduo.

Segundo HD Mabuse, atualmente o Mangubeat não é mais necessário pra existir nos moldes na qual existia, pois o conceito de superação no sentido de que “as coisas que acontecem” fazem com que aquilo não seja mais necessário, ocasionando mudanças pelos afetos na subjetividade das pessoas em que um atrás foi forte. O artista concorda com o sentido sim de que existe um legado herdado a

partir do movimento, mas não no sentido de empoderamento e sim numa perspectiva de consciência.

Entre as produções mais recentes do relacionadas ao movimento Mangubeat, temos a produção audiovisual do diretor, roteirista e cineasta Jura Capela, na qual o mesmo também fez parte do grupo de entrevistados desta pesquisa

A produção em questão recebeu o nome de “Manguebit”, como podemos observar na Figura 30. Apesar de informações serem vinculadas na internet que seu lançamento mundial ocorreu no ano de 2021, o próprio Jura Capela, relatou que o lançamento oficial ainda não aconteceu, apenas algumas demonstrações em locais específicos.

Figura 30 - Poster do documentário “Manguebit: um filme de Jura Capela”



Autor: Google Imagens, 2022

No ano de 2022, houve uma exibição limitada, inclusive contando com vários conhecidos do próprio Mangubeat, e que marcaram presença. A exibição ocorreu no Teatro do Parque (lotado por sinal), localizado no bairro da Boa Vista, Recife. Como o lançamento oficial ainda não ocorreu, as capturas de imagens feitas no momento da exibição foram optadas em não fazer parte do trabalho, tanto em

respeito ao próprio diretor como também na não propagação de material não autorizado.

Em diversos momentos, o documentário flerta com diversos temas abordados neste trabalho. A riqueza de detalhes e de informações (algumas inéditas) tornam o trabalho de Jura Capela impecável. Em uma observação pessoal, admito que em diversos momentos tanto eu, quanto o próprio público em sua grande maioria, se demonstraram meramente emocionados, pela quantidade de carga afetiva despejada sobre a obra. Arrisco até a relatar que esse talvez seja o melhor material/documentário já produzido referente ao Mangubeat até este momento.

5.3 UM PASSEIO NO MUNDO LIVRE

A intenção do atual trabalho em nenhum momento é relatar sobre aspectos minuciosos da vida de Chico Science, porém se torna imprescindível em temáticas relacionadas ao movimento Mangubeat ignoramos sua imagem e toda sua grandeza dentro da contribuição na cultura pernambucana. Além de ser um verdadeiro líder musical, revolucionou a cena musical, e a visão socioeconômica relacionada a própria cidade. O seu ato de viver mesmo que pouco tempo, foi de fato mágico e à frente de seu tempo:

Ter uma vida significa criá-la e recriá-la sem parar. O homem não pode ter uma vida se não a criou para si mesmo. Quando a luta pela existência for apenas uma lembrança, ele poderá, pela primeira vez na história, dispor livremente de toda a duração de sua vida. Conseguirá, com plena liberdade, moldar na sua existência a forma de seus desejos. Em vez de ficar passivo diante de um mundo que não o satisfaz, ele vai criar outro, onde poderá ser livre. Para poder criar a sua vida, precisa criar esse mundo. E essa criação, como a outra, é parte de uma mesma sucessão ininterrupta de recriações. (CARERI, 2013, p. 12)

Chico Science em vida, não apenas criou esse “novo mundo” cheio de contribuições e interpretações, mas também recriou afim de influenciar tantos outros “*mangueboys*” e “*manguegirls*” que viram nele uma representação de suas causas e anseios pessoais. Conseguiu assim voar ares tão altos, ares até mesmo inimagináveis para um “cidadão do mundo” recifense. E repito, Chico Science, não criou apenas um mundo, mas vários mundos conectados a suas ideias.

Entre algumas canções que nos chamam atenção, “Um passeio no mundo livre” desperta certa particularidade, tanto que um trecho da canção faz parte do

atual título deste trabalho de Mestrado “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”, de modo metafórico há diversas formas interpretativas, tanto no sentido de mobilidade, da importância de estarmos em movimento, nos remetendo a mudança, como também essa mesma mudança nos leva a caminhos diferentes, a percepções e visões de mundo, visitando “lugares” diferentes a cada avanço.

A música em questão faz referência a diversos contextos, tanto ao grupo Mundo Livre S/A, como revelado por alguns dos entrevistados que Chico Science fizera essa letra musical em razão da insatisfação devido ao fato de ser “sempre abordado pela polícia, quando decidia sair com seus amigos ao redor da cidade” a música sendo na verdade apenas uma manifestação de sua insatisfação:

Um passeio no mundo livre

*Um passo à frente
E você não está mais no mesmo lugar*

*Eu só quero andar
Nas ruas de peixinhos
Andar pelo Brasil
Ou em qualquer cidade
Andando pelo mundo
Sem ter sociedade
Andar com meus amigos, e eletricidade
Andar com as meninas
Sem ser incomodado*

Ná ná ná ná ná ná ná ná ná!

*Eu só quero andar nas ruas do Brasil
Andar com o mundo livre
Sem ter sociedade
Andando pelo mundo
E todas as cidades
Andar com os meus amigos
Sem ser incomodado
Andar com as meninas
E eletricidade*

Ná ná ná ná ná ná ná ná ná!

*Segura essa levada, segura o maracatu
Segura essa levada, segura o maracatu
Segura essa levada, segura o maracatu
Segura essa levada, segura o maracatu*

Mangroove!

*Eu só quero andar, nas ruas do Brasil
Eu só quero andar, em todas as cidades*

*Eu só quero andar, sem ser incomodado
Andar com as meninas, e eletricidade*

O caminhar, mesmo não sendo uma construção física do espaço implica uma transformação do lugar e seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar (CARERI, 2013, p. 51).

O espaço afetivo apresenta-se ao sujeito, de modo pulsante, sendo ele propriamente protagonista de seus afetos e de suas relações perante o espaço. É capaz de despertar um organismo que é vivente e carregado de significados, construindo assim um caráter original (CARERI, 2013)

Em *écuméné* de Augustin Berque (1987), são levantadas questões geográficas, partindo do ponto de vista também da Filosofia, interpretando uma nova forma de visualização do conceito de Lugar. Na tentativa de compreender os motivos que levam os indivíduos a se identificarem em determinados lugares. “Porque nesse lugar? E não nesse outro aqui? Segundo Berque (1987, p.11) “Por que as razões que eles têm para estar onde estão e não em outro lugar”.

Rapidamente proponho um paralelo, entre os lugares aqui destacados do movimento Mangubeat para com a fala do Berque. Tais lugares são o que são, devido a transferência de carga emocional e afetiva para esses espaços, as razões podem ser desde as mais simples até mesmo as mais complexas, o que fez de fato os integrantes do movimento Mangubeat, se identificarem com tais locais? Por que não outras partes da cidade? Essas outras partes da cidade não são tão importantes quanto? O que havia nesses lugares de tão atrativo, ao ponto de se tornarem ícones simbólicos no Movimento?

Ecumene na visão de Berque (1987) é simplesmente a morada do ser humano, é a relação ecológica, técnica e simbólica que os próprios indivíduos possuem com seus ambientes, vai ser de fato justamente onde se inicia a nossa própria existência enquanto seres humanos.

São perguntas e questionamentos que podem ser investigadas em um aprofundamento teórico futuro, mas que neste atual trabalho já foram apontadas

algumas pistas relacionadas a tal problemática. É justamente tal fato que na qual Berque (1987) relata de certa forma uma inquietação e preocupação nos geógrafos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de Mestrado foi possível portanto chegar a determinadas finalidades, mas que não ousamos em chamar de conclusões, uma vez que a caminhada no ramo científico nunca cessa e nunca de fato há uma verdade puramente absoluta.

Os conceitos nunca se dão como já prontos e acabados, sempre há uma possibilidade nova para se discutir relacionados diversos temas e com nossa pesquisa não poderia ser diferente.

É verdade, claro, que existem um arcabouço teórico gigantesco relacionado as perspectivas do movimento Mangubeat na cidade do Recife, seja pontuando o viés social, político ou cultural, mas mesmo nessas linhas de pensamento sempre existirão novas formas de enxergar e interpretar tal movimento.

Desde os anos 1990 o movimento Mangubeat consegue “(resis)existir”, e isso podemos averiguar de diferentes formas distintas e possíveis, na qual iremos destacar mais adiante. A memória cultural de um movimento que tem suas raízes na cultura pernambucana não poderia claro, ser posta em segundo plano.

O Recife parecia estar fadado a carregar o título de quarta pior cidade do Mundo para se viver (*Population Crisis Comitee*)²⁶, quando um grupo de amigos simplesmente decidem ressignificar esse *status* buscando dar holofotes a uma cidade que não apenas possui coisas ruins para se atentar, mas também coisas boas.

Paralelo as injustiças sociais naturalizadas na cidade do Recife, o grupo de amigos puxados por Chico *Science* possibilitam uma nova forma de ler a cidade, e para isso se apoiaram nas ideias de Josué de Castro.

O movimento antes local, começa a tomar proporções internacionais, aquilo que parecia ser apenas “problema do Recife” passa a se tornar “problema do mundo e de todos os cidadãos do mundo”. As identificações individuais começam a surgir

²⁶ Instituto de Washigton D.C. – Na ocasião o índice era calculado a partir dos números de desemprego e de violência. Consultar:

entre aqueles que se sentiam parte do movimento, e logo, logo tornam-se questões coletivizadas.

Tanto os indivíduos, quanto os sujeitos que fizeram parte do movimento ou que se identificaram com o Mangubeat, percebem nesse instante que são capazes de construir seus próprios caminhos e suas próprias biografias, que a todo tempo são capazes de modificar os lugares, e que os lugares também os modificam.

É por esse motivo e outros que o raciocínio relacionado ao conceito de lugar que melhor se enquadra nesta pesquisa é o da linha de pensamento humanístico, pois é o que melhor nos dá retorno relacionado a questões de afetividade, identificação e familiarização para com os lugares.

As proximidades e os enraizamentos são alvo de pesquisa de trabalhos como esse, principalmente no que tange a investigação das pessoas com certos lugares.

Sendo assim a subjetividade se torna protagonista nos estudos de lugar, passando a abertura das possibilidades do trabalho com entrevistas, na investigação do mundo particular de cada um.

Essas novas formas interpretativas de fenômenos culturais como o Mangubeat podem ser graças aos estudos humanísticos na Geografia Cultural, influenciados claramente pela fenomenologia, na busca de compreender a relação dos indivíduos e suas interações subjetivas e simbólicas referentes aos espaços afetivos.

As perguntas norteadoras do atual trabalho foram respondidas ao longo de sua trajetória prática, na tentativa de descobrir de fato quais os lugares afetivos do movimento Mangubeat que tiveram de fato certa relevância nos anos 1990.

Levando isto em consideração, os objetivos que foram delineados inicialmente foram respondidos, que se pautou justamente em compreender os lugares geossimbólicos do movimento Mangubeat, como vertente principal e os objetivos que funcionaram como verdadeiros alicerces que foi identificar as simbologias culturais do Mangubeat, que mesmo após trinta anos estavam presentes, procurando especificar como as formas são apropriadas para reafirmação cultural; na discussão relacionada aos lugares do movimento Mangubeat a partir da

perspectiva de antigos integrantes do movimento e na investigação de vivências e reminiscências do Mangubeat através de relatos, eventos etc.

Tendo isto em vista a metodologia adotada respondeu bem o que se esperava alcançar no eventual trabalho de Mestrado. De natureza Qualitativa e através da metodologia exploratória, foi possível gerar novos conhecimentos e novos saberes relacionados a temática. Principalmente no que tange a aplicação das entrevistas onde a análise do discurso se fez grande relevância na interpretação das respostas, dando sentido ao discurso dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Para isso o nosso trabalho explorou alguns pontos importantes e que achamos interessante ressaltar neste momento. A primeira linha de interesse foi abordagem geossimbólica, enquanto a segunda a linha de interesse tinha mais o intuito de revelar as questões afetivas das pessoas para com os lugares se baseando no viés humanístico da Geografia cultural.

A primeira relacionada a questão geossimbólica que foi nosso alvo de investigação inicial, procurou tentar responder quais elementos simbólicos do Movimento Mangubeat espalhados não só pela cidade, mas contida também no imaginário.

Foi nesse momento em que os entrevistados em questão puderam se tornar protagonistas, possuindo então a “responsabilidade” de identificar os símbolos que melhor representavam o movimento Mangubeat espalhados pela cidade. Além é claro de identificar referências próprias que de alguma forma agem como verdadeiras reminiscências espaciais.

Os entrevistados em questão puderam destacar quais símbolos que reproduzidos a partir de uma visão particular, também poderiam ser atribuídos a uma identificação coletiva. É válido também ressaltar que esses símbolos quando materializados na paisagem, se transformam em elementos simbólicos geográficos. Em outras palavras, seriam os geossímbolos.

A parte de entrevista faz parte dos procedimentos metodológicos. Entre os entrevistados podemos destacar aqui DJ Dolores, HD Mabuse, Fábio Trummer, China e outros não menos importantes, na qual puderam revelar em suas visões

particulares quais os elementos simbólicos que melhor representavam o Mangubeat.

As respostas obtidas a partir dos participantes do movimento Mangubeat, nos fez refletir. Principalmente respostas um tanto curiosas, na qual não imaginávamos que seriam citadas. Entre os geossímbolos que foram citados estão: A alfaia, o caranguejo de ferro, a estátua de Chico *Science*, a antena parabólica fincada na lama, e o Caboclo de Lança.

O destaque aqui vai para o caranguejo de ferro, cujo acompanhamos sua restauração no ano passado (2022). Localizado na rua da Aurora, o Caranguejo de ferro, para muitos é a representação máxima do Mangubeat. Uma vez que também é ponto de encontro do Som na Rural, encabeçado por Roger de Renor, fronteiro ao Rio Capibaribe, um outro elemento simbólico característico do movimento.

O Caranguejo de ferro na ocasião foi alvo de tensões, uma vez que foi removido do seu lugar de origem, sendo transferido para um local que não havia nenhum tipo de sintonia. A decisão tomada pela Prefeitura do Recife, foi rapidamente contrariada por diversas pessoas, inclusive pelos participantes do movimento Mangubeat.

Outros elementos que não foram citados ao longo das entrevistas, mas que acreditamos também fazerem parte da alma do movimento Mangubeat, seriam as pontes, o manguezal e os rios, que são uma espécie de máxima geossimbólica da cidade, que é marcada pelo movimento sociocultural.

É válido também citar, que esses elementos não atribuem “valor” de uma hora para outra ou do nada. A atribuição de valor, é dada pelos próprios indivíduos que veem no objetivo, tal “valorização” atribuindo assim, um senso de significado e de importância.

Todos esses elementos são capazes de reconstruir o passado dos indivíduos uma vez que são elementos escritos por grupos sociais e atores, capazes de circunscrever suas próprias narrativas.

A análise das músicas e letras em algumas partes do eventual trabalho também se fez necessário. Não como ferramenta norteadora, mas sim como um outro método de análise na qual pudesse auxiliar tanto as questões relacionadas ao

geossímbolismo como também as questões relacionadas a afetividade, vivências e subjetividades.

Além dos próprios geossímbolos terem o atributo de “símbolos” a própria paisagem em si detém também esse valor, uma vez que as leituras e a decodificação das mensagens e dos símbolos, partem muitas vezes de singularidades, que de uma forma ou de outra parecem ser compartilhados e ligados através de um processo de percepção afetiva e de memória.

Lugar, símbolo e paisagem parecem estar conectados, na qual possibilitam o lugar a ser interpretado de modo diferenciado de sujeito para sujeito, sendo capaz de mobilizar percepções do espaciais e do imaginário carregadas de contextos afetivos.

Atrelados a paisagem os geossímbolos são capazes de fazer uma espécie de junção temporal, entre passado presente e futuro, que cristalizado na paisagem existem sobre o pretexto de determinados grupos que exprimem suas experiências vivenciadas.

Essa perspectiva também é graças a uma redefinição geográfica que não mais fora embasada pela linha positivista, sendo assim, tendo o empirismo humano, os sentimentos e as emoções levadas em consideração.

Autores como Lowenthal, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, foram os responsáveis por destacar a experiência vivida e as formas poéticas de enxergar o mundo, a partir de uma Geografia fenomênica.

Tal movimento cultural teve seu auge durante os anos 1990, “desorganizando”, organizando e abalando as estruturas da cidade do Recife. Sendo capaz de aglutinar jovens inseridos em diferentes contextos sociais, e de diferentes locais espalhados pela Região metropolitana do Recife (Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes).

O maior nome do Mangubeat é Francisco de Assis França Caldas Brandão. Talvez bastante impopular quando referenciado por esse nome, mas super popular quando chamado de Chico Science.

As formas simbólicas espaciais são um dos temas como já dito a serem tratados no trabalho, de fato existem outras pesquisas que colocam em evidências algumas dessas formas simbólicas espaciais do movimento Mangubeat, mas para além deste fato, esta pesquisa coloca como alvo de investigação também de investigação essa identificação desses elementos a partir da percepção dos integrantes que viveram o auge movimento Mangubeat em seu período mais próspero.

As formas simbólicas são elementos contidos na paisagem, capazes de despertar a noção de temporalidade, de refletir determinadas manifestações experienciadas por determinados grupos, percepções e ideais, que a partir da própria existência do sujeito é capaz de revelar informações que estão postas no espaço.

Para isso, a voz do sujeito foi levada em consideração durante a elaboração deste trabalho, através justamente das entrevistas e análises das narrativas.

Acreditamos que o discurso de quem viveu o fenômeno muitas vezes possui o papel de revelar determinadas nuances que nunca fora explorada, ou abordada antes. Levando isto em consideração, optamos pela aplicação de entrevistas juntamente a alguns integrantes do movimento, que é abordada de modo mais detalhado em nossa metodologia.

É de suma importância em pesquisas como essas, levar em consideração as falas, as histórias vividas, as vivências de quem realmente presenciou o fenômeno estudado, pois é capaz de revelar tantos contextos que anteriormente não fora debatido. Principalmente no que tange ao conceito de lugar, apropriado aqui para discutir questões que relacionadas as subjetividades dos espaços e as experiências individuais de cada integrante.

Quando indagados “Quais os elementos simbólicos espalhados pela cidade, melhor representam o movimento Mangubeat?” Diversos foram os elementos citados. Entre eles, o Caranguejo localizado na rua da Aurora, a alfaia, a antena parabólica enfiada na lama, a estátua de Chico Science entre outros não menos importantes. Um dos elementos que nos deixou intrigados (no bom sentido claro) a ser escolhido foi o Caboclo de Lança, pois não se imaginava sua citação.

Isso nos levar a acreditar que a os designers e as vestes que são utilizadas no Caboclo de Lança, são uma das formas de identificação na qual o próprio Chico Science possuía, tanto com o próprio movimento como também para com a cultura regional, resgatando a imagem oriunda do lanceiro do maracatu de baque solto.

A segunda questão está vinculada a uma abordagem do Mangubeat através da perspectiva do conceito de lugar e de topofilia. Está por sua vez está tem como base as questões sentimentais, afetivas ou de proximidades emocionais para com o lugar, se apropriando do conceito de topofilia no contexto do Movimento Mangubeat.

Na apropriação da Geografia das emoções pudemos de fato a chegar a algumas respostas que nortearam o ponto de interrogação do trabalho, isso se deu graças ao contato mais próximo com os integrantes do movimento, a partir de um levantamento minucioso dos lugares que tiveram alguma relevância ou importância ao longo da história do movimento cultural.

Os integrantes do movimento Mangubeat durante as entrevistas, demonstraram certo tipo de proximidade, ou vínculos afetivos relacionados a determinados lugares de que uma forma ou de outra interferiram na formulação do Mangubeat.

Entre os lugares citados pelos entrevistados estão o Pocoloco, Adili'as Place, Soparia, Os quatro cantos de Olinda, bairro das Graças, Rua da Aurora e outros não menos importantes, que geralmente eram sempre acompanhados de alguma história ou fato vivido e experienciado durante os anos 1990.

Entre esses locais citados, pontuamos que o local na qual merece um devido destaque seja Soparia. Não apenas por ter Roger de Renor como um verdadeiro agitador cultural como diz o próprio José Teles, mas também por ser um dos principais pontos de efusão de grupos, bandas, boêmios, produtores visuais, das artes e de qualquer outra manifestação cultural.

A Soparia foi capaz de reunir uma grande diversidade, localizada na Avenida Herculano Bandeira, uma das principais vias da Zona Sul, sendo frequentada por diversos nomes do Movimento Mangubeat, com Fred 04, Otto, Chico Science,

Lúcio Maia, Dengue, HD Mabuse, DJ Dolores e outros nomes não menos importantes.

De fato, a Soparia não apenas está presente na história do movimento Mangubeat, mas também está escrita e presente na história e memória afetiva das pessoas que passaram por lá, compreendido como um local de encontros, diversão, shows etc. O “Cadê Roger?” ficou marcado em todos sentidos, até de fato ser eternizado nas canções de Chico Science e Nação Zumbi em Macô.

Muitos desses lugares, serviram tanto como ponto de partida do movimento, apropriados como pontos de lazer, de shows ou eventos. Tais lugares foram responsáveis por aglutinar jovens da época, advindos de diferentes áreas da cidade (incluindo os participantes do movimento) que levantavam debates pautados no Movimento Mangubeat até então na época.

Tais vínculos com o lugar foi discutido tanto a partir das contribuições teóricas de Tuan (2012), como também de Yory (1999), que considera a ideia de topofilia a uma noção particular, e que pode ser analisada a partir pela perspectiva cultural e suas noções de pertencimento, e filiação do indivíduo a seu ambiente.

Isso foi possível perceber graças a relação entre teoria e prática, com o auxílio de um referencial teórico próximo àquilo posto como debate do atual estudo

Mesmo havendo uma considerável discussão relacionada aos integrantes do movimento Mangubeat ainda se faz necessário a exploração e análise das entrevistas, pois nem todo material de fato foi analisado completamente, existem falas que estão postas para serem inseridas futuramente.

Uma outra questão que ainda se mostra em aberto é relacionado tanto as ideias de vivências do movimento, que aqui pode ser inserido e analisado a partir de narrativas dos integrantes do movimento Mangubeat. Como também as reminiscências que são de fato, aquilo que realmente ainda circula e que está relacionado ao movimento numa tentativa de preservação da memória cultural, essa investigação parte tanto de visitas de campo, como exposições, palestras, eventos ou até mesmo shows que estejam relacionadas ao Mangubeat.

Portanto o que se percebe é que a pesquisa de fato apresenta resultados significativos até aqui apresentados, mas que também ainda há lacunas a serem preenchidas, uma vez que a pesquisa ainda não foi concluída.

Fazemos parte de um mundo, que a todo tempo é criado e recriado a partir de diversos contextos que moldam diariamente nossos estilos de vida, seja o social, político, econômico ou cultural. No âmbito cultural, somos o tempo todo bombardeados de novas perspectivas culturais, mas em outras vezes nos tornamos também essas próprias “novas perspectivas” ou “tendências” culturais.

Foi assim que aconteceu na eclosão sociocultural do Mangubeat, uma nova “tendência” de interpretar e se fazer valer existir e ser num mundo, e que em seu período mais áureo foi criado e reproduzido, através das ruas, pontes e locais espalhados ao redor da cidade.

Assim como toda pesquisa, existiram algumas brechas que não conseguimos responder na atual pesquisa, assim como o acesso a lugares e também às pessoas cujo seriam de extrema importância e relevância na obtenção dos dados desta pesquisa.

O primeiro ponto na qual se encontrou algumas dificuldades foi relacionado a temática feminina dentro do Mangubeat, até houveram de fato tentativas quanto a exploração do tema, mas a dificuldade em relação a obtenção do contato das mulheres envolvidas no Movimento, em certa parte se mostrou um pouco resistente. O outro fato também que consideramos ter atrapalhado essa abordagem foi a questão do “curto período” disponível, pois essa abordagem apenas foi despertada o seu interesse quando a pesquisa se encaminhava em seus 70% de conclusão.

E um segundo ponto que consideramos como barreira ao longo de nosso estudo, foi a própria comunicação. Devido a intensa atividade de shows, eventos e demais outros, o público alvo (os integrantes do Mangubeat) em certa parte se mostraram resistentes a concederem entrevistas, ou até mesmo recusaram participar da eventual pesquisa. Por questões éticas, tais pessoas não chegaram a nem serem mencionadas nesse estudo.

Na pretensão de responder algumas dessas lacunas, mais especificamente o envolvimento das mulheres ou do público feminino na fundamentação e participação

do movimento Mangubeat, nos chama atenção. Consideramos uma abordagem muito promissora, pois iria investigar um ambiente pouco, ou totalmente inexplorado no sentido acadêmico, pois, além de ser um enfoque totalmente novo em relação ao movimento sociocultural, iria claro, também contribuir particularmente com a Geografia Cultural e mais especificamente em estudos relacionados a gênero e suas manifestações culturais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. C. A Geografia, o lugar e os sujeitos. **Vértices** (Campos dos Goitacazes), v. 20, p. 29-37, 2018.
- ALDERMAN, D. H; BRASHER, J. P. **Memorials and Monuments**. International Encuclopedia of Human Geography, Second Ed. 2 V. 9, 2020.
- ALVES S. DA S., M. Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: contribuições da geografia das emoções. **Geografia em Atos (Online)**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 37–59, 2019. DOI: 10.35416/geoatos.v5i12.6502. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/6502>. Acesso em: 9 maio. 2023.
- ANDERSON, B. (2022). Forms and scenes of attachment: A cultural geography of promises. *Dialogues in Human Geography*, 2022 Disponível em:< <https://doi.org/10.1177/20438206221129205>> Acesso em 07 de Jun de 2023.
- Assembleia Legislativa De Pernambuco. **Lei nº 13.853, de 19 de agosto de 2009**. Considera o Manguebeat Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Pernambuco. [S. l.], 19 ago. 2009.
- BARBOSA, D. T. **Pontes Imaginárias sob o céu da Manguetown**: Influências do Mangue Beat sobre as políticas públicas no entorno do Rio Capibaribe - Uma análise do Circuito da Poesia e do Carnaval Multicultural. 1. ed. Recife: EdUFPE, 2012. v. 1. 130p.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERDOULAY, V. El sujeto, el Lugar e la mediación del imaginário. In: LINDÓN, A.; Hiernaux. D. **Geografías de lo imaginário**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 49-64.
- BERQUE, A. **Écoumène**: introduction à l'étude des millieux humains. Paris: Édition Belin, 1987.
- BEZERRA, O. G; MELO, V. L. M. O. Valores da paisagem: os significados dos rios e manguezais da cidade do Recife. **Paisagem e Ambiente**, p. 95-106, 2014.
- BONNEMAISON, Joël (2012). “Viagem Em Torno Do Território.” Geografia Cultural: Uma Antologia, Vol. 1, Roberto Lobato e Corrêa Zeny Rosendahl (eds.), **SciELO - EDUERJ**, Rio De Janeiro, 2012, pp. 279–304
- CAREGNATO, R. C. e MUTTI, R. **Pesquisa Qualitativa**: análise de discurso Versus análise de conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-684.

CARERI, F. **Walkscapes – O caminhar como prática estética** (Trad. Frederico Bonaldo) São Paulo: Editora G. Gili 2015.

CARVALHO, C.; MELO, E.; CAIRO, M. B. “A cidade” em Chico Science – Notas musicais, Jurídicas e sociológicas. **Revista a Barriguda**, v. 5, n. 1, p. 24 - 37, 2015.

CASTRO, J. de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho Braga, Portugal, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010.

COSTA, O. J. L. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura (UERJ)** , v. 15, p. 33-40, 2003.

COSTA, O. J. L. Sertões de Canindé: uma interpretação geossimbólica da paisagem. **Espaço e Cultura (UERJ)** , v. 26, p. 49-57, 2009.

DAVIDSON, J.; MILLIGAN, C. (2004) Embodying emotion sensing space: introducing emotional geographies, *Social & Cultural Geography*, 5:4, 523-532, DOI: 10.1080/1464936042000317677.

DIENER, A. C.; HAGEN, J. “Geographies of place attachment: a place-based model of materiality, performance, and narration.” **Geographical Review** 112 (2020): 171 - 186.

ELALI, G.A.; MEDEIROS, S. T. F. de. Apego ao lugar. In:CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (org.). **Temas Básicos em Psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. p. 53-62.

FERNANDES, M. L. DESCORTINANDO O UNIVERSO SIMBÓLICO DE UM LUGAR. **REVISTA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA (ONLINE)** , v. 9, p. 1-19, 2015.

FERNANDES, M. L. O LUGAR EM SUA MULTIDIMENSIONALIDADE. **Geo UERJ** (2007) , v. 1, p. 96-115, 2016.

FERNANDES, M. L. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p. 78-87, 22 dez. 2013.

FIGUEIREDO, E. H . D. English identity and Mangubeat in Brazil. **World Englishes** (Print) , v. 34, p. 456-470, 2015.

FOUCAULT, M. Ditos e escritos, vol. III – estética: literatura e pintura, música e cinema. 4 ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 2015a, pp. 428 – 438.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel. Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

FRANCISCO K. **Mangue-Mundo**: Poéticas do Mangue em Josué de Castro, João Cabral de Melo Neto e Chico Science. (CIDADE), Siglaviva, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KRÜGER, J., D. A. Foucault: a heterotopia como alternativa para pensar o espaço social. **Revista Enciclopédia (UFPEL)**, v. 5, p. 22-37, 2016.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, A. F. O Lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do instituto de geociências**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.

LIMA, O. R. ; ROSA, Odelfa . **Percepção e toponímia**: relações e sentimentos sobre a paisagem da cidade de Catalão (GO). In: II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço, 2013, Curitiba (PR). Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço, 2013.

LIMA, S.T. de . Reflexões a respeito da paisagem vivida, toponímia e toponímofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. *Geosul (UFSC)*, Florianópolis, v. 17, n.33, p. 117-141, 2002.

LIMA, W. R. de. **“Recife é festa, Recifolia”**: Identidade, Mercado e Turismo na Cidade Alto-Astral (1993-2003). Orientadora: Isabel Cristina Martins Guillen. 2018. 198 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Mestrado, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32879/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Wayne%20Rodrigues%20de%20Lima.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

LUNA, T; VALVERDE, I. **Teoría y paisaje II**: Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales. Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, p. 137-148, 2015.

MACIEL, C. A. A. Espaços públicos e geo-simbolismos na "cidade-estuário": rios, pontes e paisagens do Recife. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 22, p. 12-20, 2005

MARTINS, J. da S. **A cidade geossimbólica e suas afetações na dinâmica do espaço vivido em Natal (RN) - Brasil. 2022**. 128f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos "Deslugares". **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 1, p. 167-174, 2008.

MENDONÇA, M. G. DE. Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo. **História Econômica & História de Empresas**, v. 17, n. 2, 17 mar. 2015.

MONNET, J. The symbolism of place: a geography of relationships between space, power and identity », Cybergeog: European Journal of Geography [En ligne], Politique, Culture, Représentations, document 562, mis en ligne le 30 octobre 2011, Disponible em: < <http://journals.openedition.org/cybergeog/24747> > Acesso em: 01 de mar. de 2023.

MONTE, C. A. S. ; SILVA, C. V. R. ; ROSA, Wedmo Teixeira . Geografia, música e identidade: uma análise a partir do movimento musical Mangubeat em Recife - PE (BRASIL).. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2017, La Paz. **Anais eletrônicos** encuentro de Geógrafos de América Latina, 2017.

MONTE, C. A.; ROSA, W. T. A Geografia e música no Recife: representações socioespaciais da cidade a partir das letras das canções do Movimento Mangubeat. In: **Anais** do XVIII ENG – Encontro Nacional de Geógrafos, 2016.

NOGUÉ, J. Emoción, lugar y paisaje. IN: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría OLIVEIRA F. C. B.** O estudo geográfico dos elementos culturais - considerações para além da geografia cultural. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 29, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/239>. Acesso em: 21 set. 2022.

NOGUEIRA, A. R. B. Geografia e a Experiência do Mundo. **Geografia** (rio claro. Online) , v. 45, p. 09-23, 2020.

PARENTE, E. B. Um geossímbolo araguaiano: elementos para compreender a relação cultural dos moradores de conceição do Araguaia/PA com o rio. In: XIV ENANPEGE, 2021, online. **Anais do XIV ENANPEGE**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1-18.

PESSANHA, L. A. . A celebração dos conceitos de lugar e símbolo na Geografia humanística. **Revista Percurso (Online)** , v. 8, p. <http://periodic>, 2016.

PRADANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RELPH, E. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar**. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

SANTOS, J. E. ; SILVA, J. J. A. . DE JOSUÉ DE CASTRO À CHICO SCIENCE: A GEOGRAFIA E O MANGUEBEAT. In: Gevson Silva Andrade;Ana Regina Marinho.

(Org.). **Meandros Geográficos 3** : prática docente em ação. 3ed. Recife: Edupe, 2019, v. 3, p. 1-166.

SANTOS, J. S. ; LIMA, T. C. . **O elo entre a pessoa e o lugar**: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, Município de Gonçalves dias - ma. *GEOGRAFIA (UFPI)* , v. v. 2, p. 203-274, 2020.

SAVÉRIO SPOSITO, E. .; ANASTÁCIO ALVES DA SILVA, K. O sujeito na Geografia: uma proposta para se pensar o espaço por meio de diferentes prismas. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 82, p. 173–190, 2021. DOI: 10.14393/RCG228255896. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55896>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SERPA, A. S. P. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. Geografia e Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. 128p

SILVA, L. M.; COSTA, M. H. B. V. Lugar, Paisagem e Heterotopia em Pacific (ISSN: 2675-6420). **Revista Cidade Nuvens** , v. 2, p. 122-137, 2020.

SILVA, M. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, 2018.

SOUZA JÚNIOR, C. R. B. de; ALMEIDA, M. G. de. Evocativos experienciais dos vínculos de lugar: Ensaio acerca da Geograficidade de ser-no-mundo. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 115–143, 2019. DOI: 10.5418/RA2018.1424.0004. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/8779>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SOUZA, F. de; GOMES, A. C. A. A Força Comunicativa no Movimento Mangubeat. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVIII., 2015, Rio de Janeiro. A Força Comunicativa no Movimento Mangubeat. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2015. p. 1-12. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2980-1.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

STANNISKI, A. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista Perspectiva Geográfica**, v. 9, n. 11, 2014.

STRACHULSKI, J. A relação entre pessoas, paisagem e geossímbolos na comunidade Rural Linha Criciumal, Cândido De Abreu – PR. **Geoambiente On-line**, Goiânia, n. 24, 2015. DOI: 10.5216/revgeoamb.v0i24.34495. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/geoambiente/article/view/34495>. Acesso em: 30 set. 2022.

TELES, J. **Soparia**: De boteco a palco de todos os sons. 1. ed. Recife, PE: CEPE, 2023. 212 p.

TERKENLI, T. S.. **New landscape spatialities**: the changing scales of function and symbolism, *Landscape and Urban Planning*, Vol. 70, n 1-2, 2005, p. 165-176, 2005.

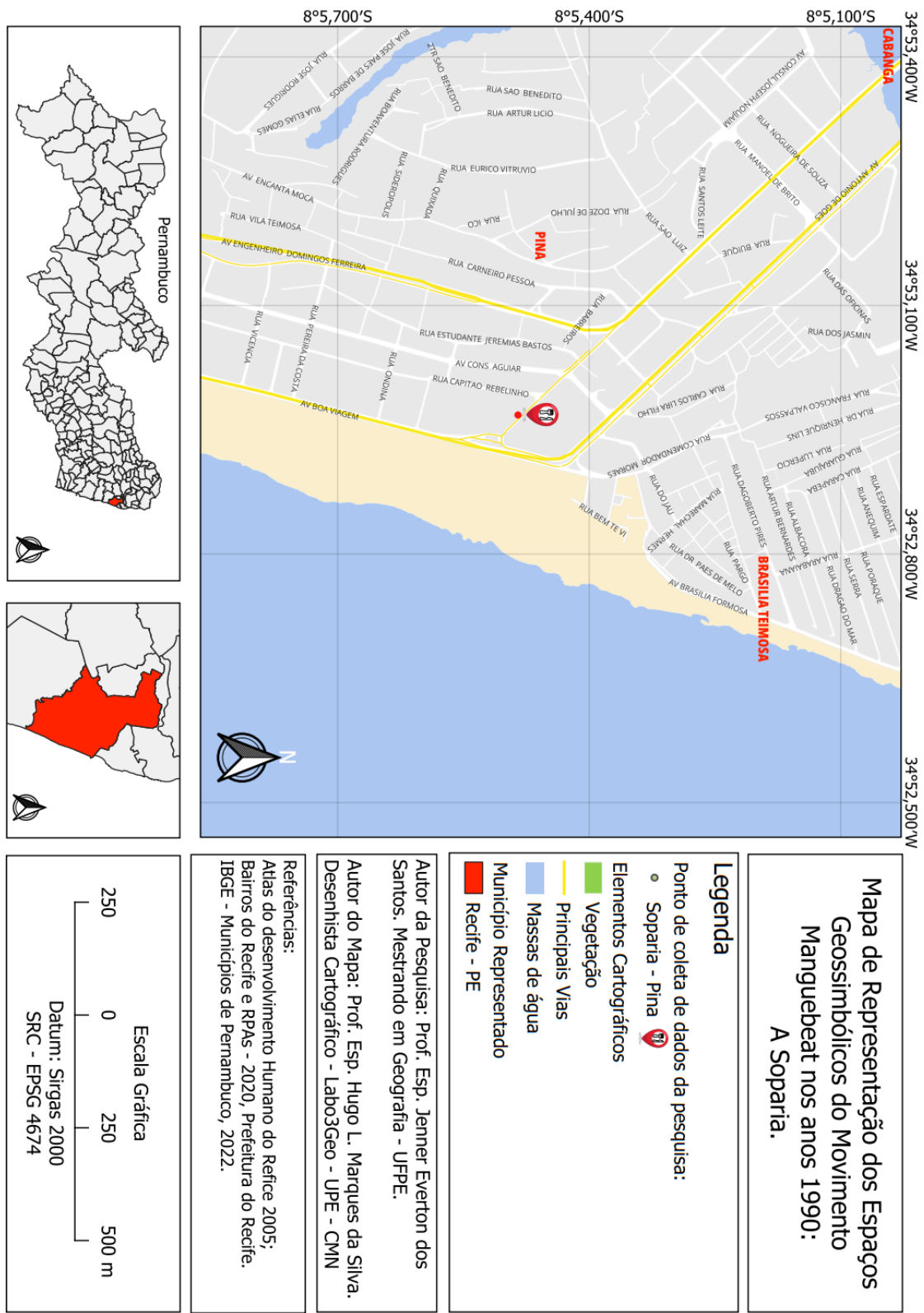
THRIFT, N. Intensities of feeling: Towards a spatial politics of affect. *Geogr. Ann.*, 86 B (1): 57–78, 2004.

TUAN, Yi-Fu **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

VALVERDE, R. R. H. F. . Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul** , v. 24, p. 7-26, 2009.

YORY, C.M. (1999). **El concepto de Topofilia entendido como teoría del lugar**. Consultado en Agosto 21, 2014 en <http://academic02.tripod.com/topofilia.pdf>

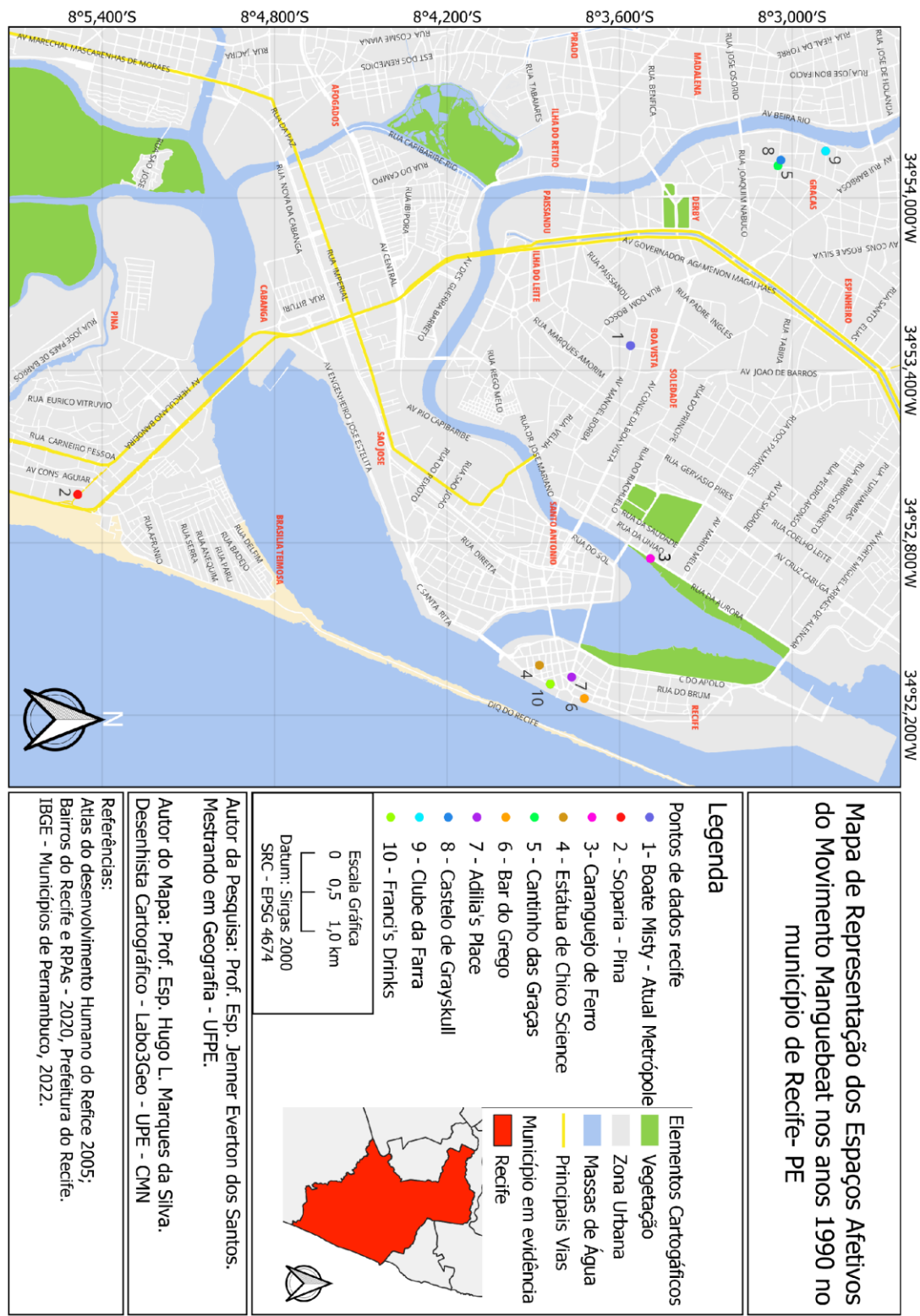
ANEXO A – ANTIGA LOCALIZAÇÃO DA SOPARIA



ANEXO B - BAR DO CARANGUEJO, LOCALIZADO NO BAIRRO DE CANDEIAS,
JABOATÃO DOS GUARARAPES



ANEXO C - ESPAÇOS AFETIVOS REFERENTES AO MANGUEBEAT NA DÉCADA DE 1990: CIDADE DO RECIFE



ANEXO D - ESPAÇOS AFETIVOS REFERENTES AO MANGUEBEAT NA DÉCADA DE 1990: CIDADE DE OLINDA

